

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA

PRONOMES DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR NA ESCRITA ALAGOANA DO
SÉCULO XX: UM ESTUDO DOS PRONOMES OBJETOS EM CARTAS PESSOAIS DO
ESCRITOR GRACILIANO RAMOS

Waldenia Maria da Silva

MACEIÓ-AL

12 de agosto de 2022

PRONOMES DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR NA ESCRITA ALAGOANA DO
SÉCULO XX: UM ESTUDO DOS PRONOMES OBJETOS EM CARTAS PESSOAIS DO
ESCRITOR GRACILIANO RAMOS

Waldenia Maria da Silva

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Linguística e
Literatura, Faculdade de Letras, da Universidade
Federal de Alagoas, como parte dos requisitos
necessários à obtenção do título de Mestre em
linguística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elyne Giselle de Santana
Lima Aguiar Vitório

MACEIÓ-AL

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

S586p Silva, Waldenia Maria da.
Pronomes de segunda pessoa do singular na escrita alagoana do século XX: um estudo dos pronomes objetos em cartas pessoais do escritor alagoano Graciliano Ramos / Waldenia Maria da Silva. – 2022.
103 f. : il. color.

Orientadora: Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vítório.
Dissertação (Mestrado em Linguística e Literatura) – Universidade Federal de Alagoas. Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura. Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 99-103.

1. Variação pronominal. 2. Pronomes objeto. 3. Pronomes pessoais de segunda pessoa do singular. 4. Cartas de Graciliano Ramos. 5. Sociolinguística histórica. I. Título.

CDU: 81'367.626.1: 81'27

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus por todo seu amor e zelo, por me permitir continuar vivendo nesse período de pandemia, na qual tantas vidas e sonhos foram interrompidos por causa do Covid 19; por estar viva e ter as pessoas que eu amo ao meu lado para seguir esse caminho tão complexo e repleto de obstáculos, potencializados pela pandemia. Isto foi essencial para que eu conseguisse prosseguir com o meu mestrado e com a escrita dessa dissertação.

Aos meus pais, Maria Aparecida e Genival Cícero, que dedicaram sua vida e seu tempo a mim e que demonstram orgulho pela minha trajetória. Agradeço grandemente por sempre apoiarem e incentivarem minhas escolhas, mesmo quando eu duvidava de mim. Sem vocês essa conquista teria sido muito mais difícil.

À Elyne Vitória, exemplo de pessoa, de profissional e de pesquisadora, pela orientação tão atenciosa; por se mostrar disponível sempre que eu precisei; pelo acolhimento e pelas (re)leituras tão minuciosas e precisas; por estar comigo no decorrer do mestrado e participar de todo o processo ativamente; por me direcionar nas mudanças da pesquisa que foram necessárias devido ao confinamento social; pelas instruções e apoio nos momentos de indecisão, de angústia e de medo. Enfim, por ser além de uma orientadora admirável, um ser humano excepcional.

Ao Andrey Ronald, por ter acompanhado a construção da minha pesquisa desde o início; pelas horas de ligação em discussões construtivas que me ajudaram a ver a problemática por outra perspectiva; por me acalmar nos momentos de estresse; e por estar comigo nesses anos de especialização. Agradeço também pela leitura atenciosa da minha dissertação; por seu olhar crítico e reflexivo sobre a minha escrita; por me ajudar a questioná-la e repensá-la sempre que achou necessário e pelas correções. Você foi um presente que a UFAL me trouxe, constituiu uma parte indispensável nesse processo.

Ao Almir Acioly, por gentilmente ceder seu tempo para me ajudar com os conhecimentos estatísticos; por, mesmo depois de um dia cansativo de trabalho, encontrar espaço para realizar vídeo chamadas para me auxiliar com a linguagem de programação do R. Agradeço, também, por me acalmar nos momentos de ansiedade e dúvidas e por me incentivar e me lembrar sempre que preciso sobre a importância desse processo na minha vida pessoal e profissional. Você foi muito importante nessa minha jornada.

Ao Alan Jardel, estimado professor e pesquisador, por promover o meu primeiro contato com a sociolinguística no programa de iniciação científica, área que me identifiquei e decidi seguir na minha vida acadêmica até o momento. Agradeço por acreditar no meu projeto inicial quando ele era apenas uma ideia e por me incentivar a tentar a seleção do mestrado.

Ao Ítalo, por sua contribuição tão importante no ingresso do mestrado; por reservar um período do seu tempo no meio das férias de fim de ano para me ajudar a estudar para ingressar no programa; pelas discussões sobre minhas dúvidas e questionamentos acadêmicos que foram tão necessárias tanto para a construção da minha pesquisa quanto para minha constituição como pesquisadora; pelas leituras atenciosas que realizou; e pela ajuda com as traduções e correções dos textos em língua inglesa.

À Thathiana, por fazer parte da minha rede de apoio; por celebrar cada etapa concluída dessa dissertação como se fossem suas; por me ceder a calma da sua residência; pela amizade atenciosa; pela companhia nos momentos de estudos na UFAL; e pela leitura cuidadosa sempre que solicitei.

Por último, mas não menos importante, à CAPES pelo apoio financeiro que tornou possível me dedicar exclusivamente ao mestrado.

SILVA, Waldenia Maria da. Pronomes de segunda pessoa do singular na escrita alagoana do século XX: um estudo dos pronomes objetos em cartas pessoais do escritor Graciliano Ramos. Dissertação de Mestrado em Linguística. Maceió: Faculdade de Letras/UFAL. 2022.

RESUMO

Neste trabalho, analisamos a variação nos pronomes objetos de referência à segunda pessoa do singular em cartas pessoais do século XX, escritas pelo ilustre alagoano Graciliano Ramos, com o objetivo de investigar quais fatores linguísticos e extralinguísticos influenciaram no avanço das formas do paradigma de *você* e quais se mostraram como contexto de resistência a essas formas e como favorecedoras das estratégias do paradigma de *tu*. Para isso, analisamos um total de 110 cartas, redigidas entre o período de 1910 a 1952, em correspondência a familiares e a um amigo do escritor. Como aparato teórico e metodológico para a construção da pesquisa, usamos a sociolinguística histórica (ROMAINE, 1982; CONDE SILVESTRE, 2007; HERNÁNDEZ-CAMPOY; CONDE SILVESTRE, 2012) que busca analisar a variação e a mudança linguística ao decorrer do tempo, além de investigar como se dá um processo de variação concreta em determinadas comunidades de fala, grupos, redes sociais e indivíduos (ROMAINE, 1982). As variáveis linguísticas independentes analisadas foram: (i) contexto morfossintático e (ii) subsistema tratamental na posição de sujeito; e as variáveis extralinguísticas: (i) período, (ii) tipo de relação entre os remetentes, (iii) subgênero das cartas e (iv) interlocutor. Em síntese, observamos que os complementos do paradigma de *tu* tiveram o maior percentual de uso do período. No entanto, o uso das estratégias de *você* tornar-se-ia bem mais frequente após 1930, assim como o uso das formas nulas, ultrapassando o registro das variantes do paradigma de *tu*. Esse resultado mostrou que o aumento da frequência dos complementos do paradigma de *você* coincide com o período de implementação do *você* como pronome sujeito de segunda pessoa que ocorreu por volta da década de 1930 do século XX, reorganizando o quadro pronominal do português brasileiro (RUMEU, 2012; 2019). Com relação às variáveis independentes, concluímos que o uso dos complementos do paradigma de *você* foi mais favorecido pelo contexto morfossintático dativo, pelas cartas que tem *você* como sujeito exclusivo, pela carta de casal e pelas relações assimétricas, como apontado na interação com a mãe, o pai e o filho. Enquanto as formas do paradigma de *tu* foram mais favorecidas pelo contexto morfossintático acusativo, pelas missivas que tem *tu* como sujeito exclusivo, pelas cartas de amor e de amigo e pelas relações simétricas observadas na interlocução com o amigo, as irmãs e a namorada. As cartas enviadas a esposa, apesar de simétrica, favoreceu o uso das estratégias do paradigma de *você*. Por fim, o subgênero carta de família foi considerado estatisticamente não significativo.

PALAVRAS-CHAVE: Pronome Objeto, Segunda Pessoa do Singular, Sociolinguística Histórica, Graciliano Ramos, Escrita Alagoana.

ABSTRACT

In this work we analyze the variation of reference pronouns in the second-person singular in the function of verbal complement in 20th century personal letters written by the illustrious writer from Alagoas, Graciliano Ramos, in order to investigate which linguistic and extralinguistic factors influenced the advancement of the “você” paradigm forms and which forms were showed as a context of resistance to it and also how they promoted the “tu” paradigm strategies. For this purpose, we analyzed a total of 110 letters written between the period of 1910 and 1952 in correspondence with family members and a friend of the writer. As a theoretical and methodological framework for the construction of the research, we used historical sociolinguistics (ROMAINE, 1982; CONDE SILVESTRE, 2007; HERNÁNDEZ-CAMPOY; CONDE SILVESTRE, 2012) which seeks to analyze variation and linguistic change over time and investigate how a process of concrete variation takes place in certain speech communities, groups, social networks, and individuals (ROMAINE, 1982). The independent linguistic variables analyzed were: (i) morphosyntactic context and (ii) subsystem treatment in subject position; and the extralinguistic variables: (i) period, (ii) type of relation between the senders, (iii) sub-genre of the letters, and (iv) interlocutor. In summary, we observed that complements of the “tu” paradigm had the highest percentage of period usage. However, the use of “você” strategies becomes much more frequent after 1930, as well as the use of null forms, surpassing the registration of the variants of the “tu” paradigm. This result showed that the increase in the frequency of complements of the “você” paradigm coincides with the period of implementation of “você” as a second person subject pronoun that occurred around the 1930s of the 20th century, reorganizing the pronominal framework of Brazilian Portuguese (RUMEU, 2012; 2019). Regarding the independent variables, we concluded that the use of the complements of the você paradigm was more favored by the dative morphosyntactic context, by the letters that have “você” as the exclusive subject, by the couple letter and by the asymmetric relationships, as pointed out in the interaction with the mother, the father and the son. While the forms of the “tu” paradigm were more favored by the accusative morphosyntactic context, by the letters that have “tu” as an exclusive subject, by love and friend letters and by the symmetrical relationships observed in the interlocution with the friend, the sisters and the girlfriend. The letters sent to the wife, although symmetrical, also favored the use of the strategies of the you paradigm. Finally, the family letter subgenre was considered statistically non-significant.

KEYWORDS: Complement Pronoun, Second-Person Singular, Historical Sociolinguistics, Graciliano Ramos, Alagoas Writing.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Representação esquemática da busca dos textos	16
Figura 2 - Retrato de Graciliano Ramos, retirado no Rio de Janeiro em 1948.	72

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Rearranjos do quadro pronominal de 2 ^a pessoa considerando o sujeito você.....	34
Quadro 2 - Contínuo estilístico estabelecido por Labov.	53
Quadro 3 - Relações interpessoais nas cartas pessoais de Graciliano Ramos	66

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição dos pronomes objetos de segunda pessoa do singular	77
Gráfico 2 - Distribuição das variantes em paradigmas.....	79
Gráfico 3 - Correlação entre os paradigmas e o contexto morfossintático.....	80
Gráfico 4 - Correlação entre os paradigmas e o subsistema de sujeito	83
Gráfico 5 - Correlação entre os paradigmas e o período	86
Gráfico 6 - correlação entre os paradigmas e o tipo de relação.....	87
Gráfico 7 - Correlação entre os paradigmas e os interlocutores.....	90
Gráfico 8 - Correlação entre os paradigmas e o subgênero das cartas	93

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA.....	14
2.1 Metodologia	14
2.2 Resultados	17
2.3 Discussão e conclusão	35
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	37
3.1 Sociolinguística Histórica	37
3.2 Particularidades e dificuldades de uma pesquisa no âmbito da sociolinguística histórica.....	40
3.3 Princípios teóricos e metodológicos da sociolinguística histórica	46
3.3.1 A utilidade do material escrito	47
3.3.2 Princípio do uniformitarismo e o perigo do anacronismo	50
3.3.3 A importância da História Social	51
3.3.4 O uso do estilo para reconstrução do contexto de produção dos registros históricos.....	52
3.4 Síntese do capítulo	55
4. METODOLOGIA DE PESQUISA.....	56
4.1 Por que o gênero carta?	56
4.2 Constituição do <i>corpus</i>	58
4.3 Variável dependente e variáveis independentes.....	58
4.3.1 Variável dependente.....	58
4.3.2 Variáveis Independentes	60
4.4 Análise estatística.....	70
4.5 A vida de Graciliano Ramos e o contexto sócio-histórico que estava inserido	71
4.6 Reflexões finais do capítulo	75
5. DESCRIÇÃO E ANÁLISE	77
5.1 Distribuição geral dos dados	77
5.2 Variáveis Linguísticas.....	79

5.3 Variáveis extralinguísticas	85
6. CONCLUSÃO	96
REFERÊNCIAS	99

1. INTRODUÇÃO

A implementação do *você* na posição de sujeito como forma pronominal de referência à segunda pessoa do singular ocorreu por volta da década de 1930 do século XX (RUMEU 2012; 2019). Tal pronome foi originado a partir da forma nominal *Vossa Mercê*, que direcionava o verbo para a terceira pessoa do singular. A forma inovadora *você*, por sua vez, herdou essa propriedade da sua forma originária, assim, embora a interpretação semântico-discursiva da forma seja de segunda pessoa do singular, a especificação mórfica é da terceira pessoa do singular (LOPES, 2007; LOPES; CAVALCANTE, 2011).

Pesquisas sociolinguísticas foram realizadas tendo como objeto o *você* na função de sujeito, sob diversos enfoques e perspectivas teóricas (RUMEU, 2012; 2019; LOPES, 2007; PERES, 2006; SILVA, 2012; LOPES; DUARTE, 2003), isso devido ao fato de a entrada da forma pronominalizada *você* ter provocado uma reorganização no quadro pronominal do português brasileiro. Embora esse rearranjo não tenha ocorrido apenas em relação à função de sujeito, mas, também, nos demais contextos morfossintáticos, os estudos sobre a repercussão da inserção do *você* nas posições objetivas ainda são escassos e deixam lacunas sobre o conhecimento sociolinguístico de determinados aspectos do português brasileiro.

Desse modo, contribuímos com o preenchimento dessas lacunas ao investigar a variação dos pronomes objetos de referência à segunda pessoa do singular em cartas pessoais do século XX redigidas pelo escritor Graciliano Ramos, com o objetivo geral de identificar quais fatores linguísticos e extralinguísticos favoreceram o avanço das estratégias de *você* e quais se mostraram como contexto de resistência a essas variantes e como favorecedores das formas do paradigma de *tu* na escrita do ilustre alagoano. Para isso, nosso objetivo específico é (i) analisar as variáveis independentes linguísticas; contexto morfossintático e subsistema tratamental na posição de sujeito e (ii) investigar as variáveis independentes extralinguísticas: período, tipo de relação entre os remetentes, interlocutores e subgênero das cartas pessoais.

Ao analisar o uso dos pronomes objetos em uma sincronia passada, o século XX, recorreremos a dados da língua alagoana no meio escrito, haja vista a dificuldade de encontrar disponíveis, nesse período, amostras da língua no meio oral. Para isso, fizemos uso da sociolinguística histórica que tornou possível pesquisar a variação e a mudança linguística no meio escrito em uma sincronia passada, além de propor um estudo que vai além de um viés puramente linguístico, permitindo-nos analisar, também, os fatores extralinguísticos que

influenciaram nesse processo, o que possibilitou compreender o fenômeno linguístico variável em sua totalidade, conforme pontuam Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]).

Diante da escolha de analisar a diversidade linguística na escrita de registros históricos disponíveis, vale ressaltar que, dentre outros motivos que serão apontados na metodologia, escolhemos abordar a carta pessoal por ser um gênero que favorece o uso das formas de referência à segunda pessoa, já que é essencialmente constituída por uma interlocução entre no mínimo duas pessoas, mesmo que um dos interlocutores não esteja presente no momento da comunicação. Além disso, a carta pessoal traz informações sobre o contexto sócio-histórico e sobre os interlocutores, o que possibilita reconstruir as variáveis extralinguísticas analisadas, impedindo, assim, possíveis anacronismos nas interpretações dos dados.

Quanto a optar pelas cartas do ilustre alagoano Graciliano Ramos, identificamos benefícios quanto à validade social e histórica da pesquisa, que está relacionada à escassa informação sobre o autor e acerca do contexto social e histórico em que viveu (HERNÁNDEZ-CAMPOY; SCHILLING, 2012). No entanto, quando se trata de pessoas ilustres e reconhecidas em sua época, como é o caso do escritor analisado, tais informações são encontradas com mais facilidade em biografias, sites oficiais e livros. Desse modo, o árduo trabalho da reconstrução sócio-histórica poderá ser amenizado, permitindo-nos obter mais informações sobre o percurso da vida do escritor e sobre como o contexto social e histórico da época influenciou na sua vida e em seu comportamento linguístico.

De modo geral, abordar as cartas pessoais do escritor Graciliano Ramos nos permitiu analisar uma amostra linguística do português de Alagoas da primeira metade do século XX, o que contribui para o conhecimento sociolinguístico dessa comunidade, posto que ainda não foram realizados, pelo viés da sociolinguística histórica, estudos sobre o uso dos pronomes objetos de segunda pessoa do singular na variedade alagoana desse período.

Assim, baseando-nos na literatura sociolinguística que aborda o uso dos pronomes objetos de segunda pessoa (SILVA, 2012; PEREIRA, 2012; FIGUEIREDO, 2013; SOUZA, 2014; SOUZA; OLIVEIRA; LOPES, 2011), partimos da hipótese de que, embora as formas linguísticas do paradigma de *tu* tivessem sido mais frequentes no *corpus* estudado, os pronomes objetos do paradigma de *você* já eram empregados nesse período e se tornariam mais frequentes a partir de 1930, após a implementação do *você* sujeito no português brasileiro (RUMEU 2012; 2019).

Quanto à organização estrutural, esta dissertação está dividida em cinco capítulos. No primeiro, constituído pela presente introdução, justificamos a importância de abordar o fenômeno analisado, a língua no meio escrito, o gênero carta pessoal, o autor Graciliano

Ramos e a variedade alagoana. Em seguida, inserimos o leitor à pesquisa realizada apresentando as partes que constituem este estudo.

No segundo capítulo, apresentamos a revisão sistemática da literatura que mapeia a variação pronominal dos complementos e adjuntos de segunda pessoa do singular em pesquisas que abordam sincronias passadas. O intuito foi observar como se desenvolveu o processo de mudança e/ou variação linguística dos pronomes objetos de segunda pessoa nas regiões brasileiras e quais fatores linguísticos e sociais influenciaram nesse processo.

No terceiro capítulo, discutimos a fundamentação teórica e metodológica que embasou esta pesquisa, a sociolinguística histórica. Arguimos sobre seus objetivos, sobre as dificuldades que o linguista sócio-histórico encontra ao realizar uma pesquisa nessa área e os principais pressupostos teóricos e metodológicos que esse campo linguístico dispõe para direcionar uma pesquisa que aborda a mudança e a variação linguística do passado.

No quarto capítulo, apresentamos a metodologia de pesquisa, na qual discorreremos sobre: o *corpus* analisado; as variáveis dependente e independentes e as hipóteses de pesquisa estabelecidas para cada uma delas; o motivo de analisar o gênero carta pessoal; o programa estatístico, os testes usados para conseguir os dados e as medidas empregadas na análise; o escritor Graciliano Ramos e o contexto social e histórico em que estava envolvido; além de apresentar algumas reflexões acerca da constituição do *corpus*.

No quinto capítulo, exibimos a análise das cartas de Graciliano Ramos. Primeiro, realizamos a descrição dos dados, mostramos o total de pronomes objetos registrado nas cartas e quais as formas linguísticas usadas pelo missivista. Em seguida, apresentamos a correlação entre a variável dependente e cada variável independente analisada, com o intuito de mostrar se houve ou não interferência dessa variável no uso dos pronomes objetos de referência à segunda pessoa do singular e qual o nível dessa associação.

É importante informar que devido às características e limitações do *corpus* analisado, cartas pessoais de um período de tempo passado, realizamos apenas a análise univariada das variáveis, não recorrendo, dessa forma, ao modelo de regressão logística, como ocorre na sociolinguística sincrônica. As pesquisas em sociolinguística histórica têm limitações referente ao *corpus* de análise que nos impedem, algumas vezes, de realizar uma análise quantitativa multivariada e de obter alguns modelos e dados estatísticos. Diante desses casos construímos uma análise qualitativa de determinados registros encontrados na amostra.

Por fim, no sexto capítulo, retomamos o objetivo geral e buscamos respondê-lo, expondo os principais resultados encontrados na análise dos dados.

2. REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA

A presente revisão da literatura tem por objetivo mapear a variação dos pronomes de segunda pessoa nas funções de não-sujeito no português brasileiro em estudos de sincronias passadas, com o intuito de verificar quais fatores linguísticos e sociais influenciaram no processo de mudança linguística iniciado pela inserção do *você* no sistema pronominal do PB. Para isso, realizamos uma revisão sistemática da literatura que é definida como métodos que buscam um modo de responder a questões acerca do que funciona ou não sobre determinado questionamento (PETTICREW; ROBERTS, 2006). Esse tipo de revisão mapeia áreas “de incerteza, identificando onde pouca ou nenhuma pesquisa relevante foi feita, mas onde novos estudos são necessários¹” (PETTICREW; ROBERTS, 2006, p. 02, tradução nossa).

2.1 Metodologia

Para compreender quais fatores linguísticos e extralinguísticos influenciaram no uso dos pronomes de segunda pessoa do singular na função de não-sujeito em sincronias passadas, estabelecemos palavras-chave baseadas nos seguintes aspectos: fenômeno estudado (segunda pessoa do singular na função de não-sujeito), área de conhecimento que se envolveu a pesquisa (Sociolinguística ou sociolinguística histórica) e no gênero do material escrito (cartas e peças teatrais)². A partir dessas palavras-chave, construímos a seguinte expressão de busca: (você AND tu (te OR ti OR contigo OR lhe OR sprep + você)) AND (“variação linguística” OR “sociolinguística histórica”) AND (não-sujeito OR complemento OR adjunto) AND (“PEÇAS TEATRAIS” OR “CARTAS”) filetype: PDF.

Usamos como base de dados para a coleta dos trabalhos, o Google Acadêmico, uma vez que a plataforma proporciona encontrar artigos acadêmicos, monografias, dissertações e teses em fontes especializadas, além de ter editoras e periódicos universitários indexados

¹ Texto original: “of uncertainty, and identifying where little or no relevant research has been done, but where new studies are needed.”

² A princípio essa dissertação iria abordar a variação na segunda pessoa do singular na função de não-sujeito em peças teatrais, no entanto, devido ao confinamento causado pela pandemia do covid 19, não foi possível ter acesso a todas as peças necessárias para constituir o *corpus* desta pesquisa, desse modo, mudamos o material analisado para cartas pessoais, mas decidimos deixar peças teatrais na revisão da literatura, pois, assim, como as cartas é um gênero que favorece a realização do fenômeno estudado por promover uma dialogicidade entre os personagens.

a própria plataforma. Na busca dos textos que compõe esta revisão, selecionamos, no período de 15 a 17 de março de 2021, pesquisas realizadas nos últimos 10 anos, computando aproximadamente 228 resultados, entretanto a quantidade exata foi de 247 produções textuais.

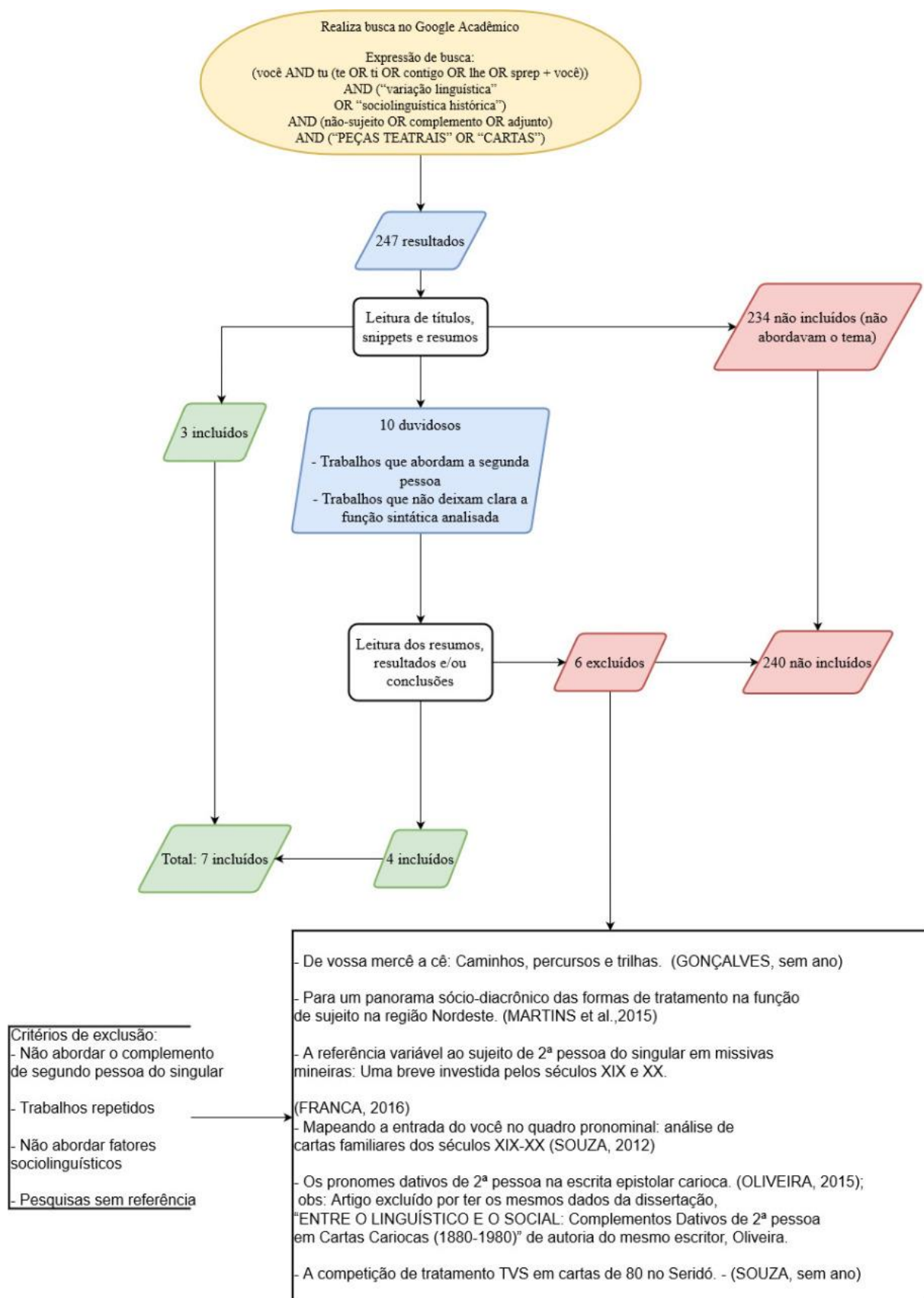
Na primeira etapa da revisão, selecionamos textos que se encaixassem nos seguintes critérios: abordar a variação dos pronomes de segunda pessoa do singular na função de complemento e/ou adjunto em peças teatrais ou cartas pessoais, ter como base a sociolinguística, abordar sincronias passadas, analisar o português brasileiro e ter acesso ao texto completo. Tais critérios de inclusão foram aplicados com base na leitura dos títulos e dos *snippets*, o resumo também foi lido, mas apenas quando os dois últimos critérios não foram suficientes para saber se as pesquisas se encaixavam nas especificações da seleção. Além disso, os trabalhos sobre a segunda pessoa na posição de sujeito foram selecionados como duvidosos, visto que alguns deles poderiam abordar, mesmo que de forma mais breve, o fenômeno em função de complemento e/ou adjunto.

Na segunda etapa, criamos e aplicamos critérios de exclusão diante dos trabalhos já selecionados. São eles: não abordar complementos e adjuntos de segunda pessoa do singular, não mostrar a influência de fatores linguísticos e/ou extralinguísticos no fenômeno estudado, trabalhos repetidos e pesquisas que não fossem teses, dissertações, capítulos de livros, artigos publicados em revistas e periódicos eletrônicos. Os critérios de seleção foram aplicados a partir da leitura dos resumos, resultados e/ou conclusões. Os textos que seguiram os critérios foram selecionados e os que desviaram foram excluídos da análise.

Na última etapa, todos os trabalhos incluídos foram integralmente lidos, sumarizados e analisados, buscando observar o uso dos complementos e adjuntos de segunda pessoa nas variedades do português brasileiro e quais as variáveis linguísticas e sociais que influenciaram nesse uso, a fim de encontrar padrões e especificidades sociolinguísticas.

Na primeira etapa, descartamos 234 trabalhos e incluímos 13. Desse total, 03 pesquisas foram selecionadas sem dúvidas e 10 duvidosas. Entre os textos duvidosos 06 foram descartados, restando um total de 07 produções que constituíram o *corpus* dessa revisão sistemática. Segue abaixo o fluxograma mostrando o processo de busca pelos artigos que compõem essa revisão sistemática e o quadro com os artigos que foram excluídos:

Figura 1 - Representação esquemática da busca dos textos



Fonte: Elaboração própria, 2021.

2.2 Resultados

Nesta subseção, realizamos uma síntese dos trabalhos selecionados nessa revisão da literatura, que abordam os complementos e adjuntos de segunda pessoa do singular no português brasileiro. Todas as pesquisas sintetizadas abordam a escrita registrada entre o século XIX e XX e a organização estrutural da revisão é realizada em ordem de publicação.

Souza, Oliveira e Lopes (2011) abordaram a variação dos pronomes de 2ª pessoa e suas formas alternantes oblíquas em cartas pessoais dos séculos XIX e XX escritas no Rio de Janeiro. O objetivo de sua pesquisa é analisar quais as repercussões causadas pela inserção do *você* no quadro pronominal do português brasileiro, levando em consideração a relação gramatical oblíqua³ para observar como se dá a variação entre *tu* e *você* nas primeiras décadas do século XX e quais fatores extralinguísticos estariam contribuindo para esse processo acontecer. A amostra analisada é parte constituinte do *corpus* Compartilhado Diacrônico composto por cartas pessoais escritas entre os anos de 1936 e 1937 por um casal de noivos, Jayme de Oliveira Saraiva e Maria Ribeiro da Costa.

Os pesquisadores apontam que o casal tinha um comportamento linguístico distinto no que concerne ao conhecimento de modelos de escrita e em suas escolhas quanto às formas de tratamento. A escrita de Jayme tinha características de uma cultura mediana, continha registros de frases feitas e de uma linguagem lírica típica das cartas de amor, demonstrando certo domínio quanto ao gênero usado. A escrita de Maria, por outro lado, abarcava muitos traços da oralidade, como a falta de pontuação e grafias como “preguntou”, o que mostra que, apesar de ser alfabetizada, a noiva teve pouco acesso aos meios de educação formal da época.

De acordo com os autores, as missivas do século XIX foram descartadas da análise, pois tinham dados considerados irrisórios para o estudo. Assim, ao analisar o *corpus* do século XX, foram registrados o total de 63 ocorrências dos complementos oblíquos, 34 dessas formas estavam ligadas ao paradigma de *tu*, como exemplificado em (i – ii), e 29 as variantes de *você*, como em (iii - iv).

³De acordo com Souza, Oliveira e Lopes (2011, p. 04) relação gramatical oblíqua são “argumentos obrigatórios que fazem parte da estrutura argumental dos verbos e os opcionais (adjuntos).” Segundo os autores “Diferentemente das formas pronominais dativas, as formas oblíquas são sempre tônicas e regidas por preposição, mas não estabelecem, como afirma Duarte (2003: 294), relações gramaticais centrais.” (SOUZA; OLIVEIRA; LOPES, 2011, p.04)

(i) vou ver se não vou ao médico antes do carnaval, que é para poder passeiar **contigo**, mas acho que será um pouco difícil” [Carta 12-JM-24-01-1937]. (SOUZA; OLIVEIRA; LOPES, 2011, p.07, grifos do autor).

(ii) “porque **em ti** reside a creatura que me dá toda a alegria” [Carta 09-JM-01-10- 1936] (SOUZA; OLIVEIRA; LOPES, 2011, p.07, grifos do autor).

(iii) “eu sonhei **com voce** anoite de Domingo para segunda feira foi um sonho muito bonito.” [Carta 16-MJ-22-02-1937]. (SOUZA; OLIVEIRA; LOPES, 2011, p.06, grifos do autor).

(iv) e eu então pensava só **em voce** o quanto tens sofrido por minha causa somente por amar-me.” [17-JM-8-03-1937]. (SOUZA; OLIVEIRA; LOPES, 2011, p.07, grifos do autor).

No que concerne ao subsistema do sujeito nas cartas, houve um total de 17,5% de uso de *tu* exclusivo e 82,5% do emprego variável de *tu* e *você*. Observaram, também, quanto ao pronome na posição de sujeito, que a escrita de Maria teve um percentual de 100% de alternância, ou seja, não houve registros do uso da forma *tu* de modo exclusivo em suas cartas. No entanto, na escrita de Jayme, apesar de ter um alto percentual de variação entre *tu* e *você*, com 65,6% das ocorrências, houve um percentual de 34,4% de uso de *tu* exclusivo.

Segundo Souza, Oliveira e Lopes (2011), esse comportamento linguístico diferenciado, entre os noivos, influenciou diretamente no uso das formas de complemento oblíquo nas cartas. De acordo com os dados, nas missivas em que havia o uso exclusivo do *tu* na função de sujeito, houve uma predominância da forma *preposição + ti*. Já nas cartas em que houve variação entre os pronomes na posição de sujeito, a forma *preposição+ti* foi a segunda mais usada, nesse contexto prevaleceu o uso de *preposição+você*.

Com relação ao uso dos complementos oblíquos pelos missivistas, a amostra masculina do *corpus* usa majoritariamente formas ligadas ao *tu* com maior percentual de uso da estratégia oblíqua *preposição+ti*, com 68,8% dos dados, seguida da forma *contigo*, com um total de 21,9% de ocorrências. No *corpus* feminino, a predominância é da estratégia ligada ao *você*, *preposição+você*, com um percentual expressivo de 80,6% de uso, mas vale ressaltar que, apesar do maior uso dessa variante linguística, Maria também empregava formas oblíquas ligadas ao *tu* como *contigo* e *preposição+ti*.

Nas cartas analisadas, os usos de estratégias oblíquas ligadas ao *tu*, no *corpus* masculino, foram realizados de forma focalizada, encabeçando orações e em estruturas clivadas, como demonstram os trechos a seguir da carta de Jayme (apud, SOUZA; OLIVEIRA; LOPES, 2011, p. 07):

(v) Sinto que **em ti** é que esta toda a minha existencia, por isso quero-te muito para poder viver eternamente, sempre em teus braços recebendo as carícias tuas, que

tanto me acalentam e me dão vida. (SOUZA, OLIVEIRA; LOPES, 2011, p. 07, grifo do autor).

(vi) **De ti** minha adorada é que eu espero todo o meu ideal, possuindo-te considero-me o homem mais feliz do mundo. (SOUZA, OLIVEIRA; LOPES, 2011, p. 07, grifo do autor).

Segundo Souza, Oliveira e Lopes (2011), esse aparecimento significativo nas cartas de Jayme se deve ao fato de que a partir do uso dessas estruturas clivadas, o missivista busca dar maior ênfase ao destinatário, individualizando-o e evidenciando a sua importância para o remetente, características essas que são próprias do gênero carta de amor.

Já no uso dos complementos oblíquos ligados ao *você*, mais recorrentes na escrita do *corpus* feminino, as variantes foram empregadas preferencialmente como pronome forte e não necessariamente de maneira focalizada, como demonstra o trecho a seguir retirado da carta de Maria (apud, SOUZA; OLIVEIRA; LOPES, 2011):

(vii) “eu fiquei lendo na estação na quele banco onde nois estivemos a sentados eu estava lendo e as lagrimas caíam na carta lembrando-me do domingo a noite que eu estava junto **de você**.” (SOUZA, OLIVEIRA; LOPES, 2011, p. 09, grifo do autor).

Os autores concluíram que a função de complemento oblíquo se mostrou favorável à entrada da forma mais inovadora, *você*. Um dos motivos apontados é o fato de o complemento oblíquo não ser uma relação central, não possuir um clítico específico e ser um contexto de forte proeminência discursiva, principalmente no gênero analisado. Também é possível observar que apesar do Jayme apresentar um comportamento mais padrão ao usar com maior frequência formas do pronome *tu*, a variante *você* já aparecia na sua escrita. Maria, por sua vez, tinha um comportamento linguístico mais inovador quanto ao uso das formas de tratamento, empregando com maior frequência estratégias ligadas à forma inovadora *você*.

No que diz respeito à influência do subgênero, a carta de amor favoreceu o fenômeno em análise, pois os autores verificaram fórmulas típicas do discurso amoroso. De acordo com Souza, Oliveira e Lopes (2011), essa tradição discursiva evoca o uso da forma linguística *tu* que preponderou na escrita de Jayme, tanto na função de sujeito quanto em suas estratégias oblíquas de referência à segunda pessoa do singular. A escrita de Maria, por sua vez, indica o padrão vigente no Rio de Janeiro quando mostra o uso pronominal do *tu* ao lado de *você*.

A pesquisa de Silva (2012) também trabalhou com o *corpus* do casal Jayme e Maria, mas com um foco distinto. O trabalho de Souza, Oliveira e Lopes (2011) abordou apenas o complemento oblíquo, enquanto em Silva (2012), apesar da ênfase está no pronome sujeito, foram analisadas as formas de segunda pessoa na função de complemento preposicionado e

não preposicionado de um modo geral. Um dos objetivos é observar os fatores linguísticos e sociais que influenciaram nesse fenômeno linguístico variável. No entanto, nessa pesquisa, as formas de referência à segunda pessoa (sujeito, complemento, possessivo e desinências verbais) são um dos grupos de fatores analisado.

Como resultado geral, a autora obteve 95 ocorrências de complementos preposicionados e 26 dados das formas não preposicionadas. Os dados também mostram que as formas do paradigma de *tu* foram mais produtivas em todos os contextos morfossintáticos analisados nas cartas da década de 1930. Nos complementos preposicionados, houve 55% das formas do paradigma de *tu* contra 45% das estratégias de *você* e nos complementos sem preposição 97% das ocorrências são das formas de *tu* e apenas 3% de *você*. A partir desse resultado, a autora afirma que os complementos sem preposição são um contexto de resistência à inserção do *você* no sistema pronominal.

Quanto ao uso das formas por cada missivista do *corpus*, Silva (2012) concluiu que, apesar das formas do paradigma de *tu* serem mais usadas tanto por Jayme quanto por Maria, com percentuais de 88% e 64%, respectivamente, a noiva usou com mais frequência as formas do paradigma de *você* que Jayme, que alcançou mais de 70% das formas de *tu* em todos os contextos morfossintáticos. A noiva, por sua vez, ultrapassou o uso da forma *tu* nos complementos preposicionados com 80% das formas de *você*. Esses dados mostraram que, apesar de estar analisando mais contextos morfossintáticos do que Souza, Oliveira e Lopes (2011), o resultado é semelhante quanto ao maior uso das estratégias do paradigma de *tu* pelo noivo e do paradigma de *você* pela noiva.

Pereira (2012) abordou, em sua pesquisa, a variação pronominal entre *tu* e *você* em cartas familiares e amorosas em sincronias passadas. O objetivo da pesquisa é observar as estratégias de tratamento utilizadas pelos missivistas ao se referir ao interlocutor, com o intuito de descrever o uso dessas formas de acordo com a situação comunicativa e identificar quais fatores linguísticos e extralinguísticos influenciaram nesse processo. Para isso, foram analisadas 149 missivas pessoais da família Penna, sendo 87 familiares e 62 amorosas, escritas no fim do século XIX e começo do século XX.

A variável dependente analisada foi o uso dos pronomes *tu* e *você* na função sintática de sujeito e suas estratégias de complemento. Quanto às variáveis independentes, foram controladas as linguísticas: estratégia utilizada para se referir ao destinatário, contextos morfossintáticos, paralelismo discursivo e tipo de sujeito, e as variáveis sociais: parte da carta, subsistema linguístico usado em cada carta, relações sociais, relação de parentesco com o destinatário, gênero, período histórico, geração, faixa etária e temática das cartas.

Após a análise estatística dos dados, realizada no programa *Goldvarb*, a autora obteve o resultado de 1203 dados, total que engloba todos os contextos morfossintáticos referente às formas de tratamento analisadas. Dessas ocorrências, houve um percentual de 77% das formas ligadas ao paradigma de *tu* e 23% referente ao paradigma de *você*. Segue abaixo alguns exemplos dos usos dessas formas no *corpus* analisado:

(viii) Meu caro Affonsinho || Abraço-**te** affectuosamente. || É a primeira prova da minha aprendizagem de | dactylographia que **te** mando hoje com a respos- | ta aos teus ultimos bilhetes de recomendação. (Carta de Alvaro Penna a Affonso Penna Júnior, em 08/03/1907, apud, PEREIRA, 2012, p. 74, grifos do autor).

(ix) Recebi sua ultima carta | escripta nas vespe- | ras de partir para ahi. | No mesmo dia que ella | chegou havia eu escri- | pto a **Você**, communican- | do que não precisava mais | ao menos por agora, do | emprestimo de 20 contos, | em algum dos Bancos | de Belo Horizonte. (Carta de Edmundo Veiga a Affonso Penna, em 07/10/1913, apud, PEREIRA, 2012, p. 74, grifos do autor).

Com relação aos dados gerais das cartas de amor e de família, a primeira registrou 590 e a segunda 613 ocorrências. Há apenas 01 dado das formas de *você* como pronome oblíquo preposicionado nas cartas de amor, enquanto nas cartas de família há um predomínio equilibrado de *lhe*, com 15 dados, o que equivale a 52% das ocorrências. Quanto ao pronome oblíquo sem preposição, não foram encontradas formas do paradigma de *você* nas cartas de amor, já nas missivas de família houve 15 registros da forma, o que corresponde a 16% dos dados.

Na análise dos contextos morfossintáticos na amostra de cartas familiares, as variáveis apontadas como relevantes foram apenas três, a saber, as variáveis linguísticas contexto morfossintático e paralelismo discursivo, e a extralinguística subsistema linguístico usado em cada carta. De acordo com Pereira (2012), nessa rodada de análise a variável dependente consistiu em observar se a forma linguística analisada pertence ao paradigma de *você* ou de *tu*.

No que concerne ao contexto morfossintático, a autora observa que o complemento não preposicionado aparece como contexto de resistência das formas do paradigma de *tu*, com peso relativo de 0.87. Enquanto o complemento preposicionado, por sua vez, favoreceu o paradigma do pronome inovador *você*, com peso relativo de 0.59.

No que diz respeito ao fator paralelismo discursivo, que foi controlado com o intuito de verificar se havia uma mescla entre os paradigmas de *tu* e *você*, os resultados mostram que as formas do paradigma de *tu* foram mais usadas que as de *você*. Também houve maior

probabilidade de uso do paradigma de *tu* quando precedido por formas de *tu*, como demonstrado no trecho abaixo:

(x) Rio, 8 de Março, 1907 | Meu caro Affonsinho | Abraço-te affectuosamente. | É a primeira prova da minha aprendizagem de | dactylographia que **te** mando hoje com a respos- | ta aos **teus** ultimos bilhetes de recomendação. – Forma precedida de formas de segunda pessoa. (Carta de Álvaro Penna a Affonso Penna Júnior, em 08/03/1907, apud, PEREIRA, 2012, p. 77, grifos do autor).

No entanto, apesar desse resultado favorável ao uso das formas ligadas ao *tu*, houve uma alternância no uso dos paradigmas de *tu* e *você* nas cartas, o que demonstra que, no fim do século XIX e início do XX, já havia variação entre as duas formas, conforme excerto abaixo:

(xi) Em 11 de Agosto de 1910 | Affonsinho. | Fomos hoje sorprendidos com a noti- | cia da tua [rammen]cia. Ella nos con- | trariou por ser a confirmação das grandes contrarie- | dades que **Voce** terá tido ultimamente por motivos politicos. | Em si não, pois acredito que **Voce** procedeu a- | certadamente, abandonando uma lucta formidavelmen- | te desigual e de beneficios pouco compensadores | de tamanho esforço. (Carta de Edmundo Veiga a Affonso Penna Júnior, em 11/08/1910, apud, PEREIRA, 2012, p. 77, grifos do autor).

Quanto ao subsistema linguístico, nas cartas em que o uso de *tu* é categórico na posição de sujeito, há um favorecimento das formas do paradigma de *tu* em outras funções sintáticas. Nas missivas de sujeito misto, também houve maior favorecimento das formas de *tu*, entretanto, nas produções em que o sujeito foi exclusivamente *você*, houve um desfavorecimento do paradigma de *tu* e, conseqüentemente, um favorecimento das formas ligadas ao *você*.

Na análise dos contextos morfossintáticos na amostra de cartas amorosas, foram selecionadas como relevantes apenas três variáveis, todas elas extralinguísticas, a saber, parte da carta, geração e faixa etária dos missivistas.

O grupo de fatores parte da carta ressaltou mais uma vez o maior uso das formas do paradigma de *tu* em todas as seções, no entanto, observando-se o peso relativo, a saudação inicial e final mostraram-se contextos mais favorecedores para o uso das formas do paradigma de *tu*, com peso relativo de 0.56 e 0.79, respectivamente. Em contrapartida, o núcleo e o P.S (post-scriptum) apareceram como contextos favorecedores do uso das formas linguísticas ligadas ao *você* e desfavorecedoras das formas ligadas ao pronome *tu*, com peso relativo de 0.37 e 0.01.

Pereira (2012) atribui esse resultado, assim como Souza, Oliveira e Lopes (2011), ao caráter de mais intimidade existente nas cartas de amor, própria dessa tradição discursiva. A autora justifica tal comportamento afirmando que a saudação inicial e final são estruturas mais fixas do gênero, por isso, há pouca variação fazendo prevalecer o uso da forma mais antiga. Já no núcleo e no P.S, os missivistas têm mais liberdade em sua escrita e, por esse motivo, há maior favorecimento da forma inovadora nesse contexto.

O fator geração foi dividido entre os nascidos na década de 1840/1850 e 1870/1880. Os resultados mostraram um alto percentual de uso das formas de *tu* nas duas gerações, com 98% das ocorrências para a primeira geração e 86% para a segunda. No entanto, quanto aos pesos relativos, os mais jovens favoreceram mais o uso das formas do paradigma de *você*, com peso relativo menor que 0.01, os mais velhos, por sua vez, favoreceram o uso das formas ligadas ao *tu*, com peso relativo de 0.87. Esses resultados mostraram indícios de que a mudança nas formas de tratamento da segunda pessoa já ocorria nesse período.

Em relação ao fator faixa etária, o paradigma de *tu* teve maior percentual de uso que *você* em todas as faixas analisadas, contudo, essa forma linguística é mais favorecida quando a carta é enviada por um missivista jovem a um destinatário jovem e tem um leve desfavorecimento quando escrita por um remetente de meia idade a um destinatário da mesma faixa etária, o que, por consequência, favoreceu o uso das formas relacionadas ao paradigma de *você*.

Diante dos resultados obtidos na pesquisa, Pereira (2012) concluiu que, nos fins do século XIX e início do século XX, as formas de *tu* ainda eram mais usadas em cartas de caráter íntimo e pessoal. A autora percebeu, também, que a inserção do *você* no português brasileiro ocorreu de forma diferente a depender do contexto morfossintático que é empregado, sendo mais favorecida pelo sujeito preenchido e pelo pronome oblíquo preposicionado e que as variáveis sociais foram fatores bastante importantes no âmbito da mudança linguística iniciada pela inserção do *você* no quadro pronominal do português brasileiro, visto que, dos seis fatores selecionados como relevantes, quatro deles foram variáveis extralinguísticas.

Figueiredo (2013) abordou a variação entre *tu* e *você* em cartas familiares e amorosas no período novecentista, com o objetivo de analisar a correlação entre os pronomes sujeitos e as estratégias de complemento de segunda pessoa do singular. O *corpus* da pesquisa é composto por 80 cartas escritas por mineiros, sendo 42 delas do subgênero familiar e 38 do amoroso, produzidas no período de 1900 a 1969. As variáveis analisadas foram: subsistema de sujeito das cartas, estratégias de complementação verbal (acusativa, dativa e oblíqua) e o

tipo de relação social. As variáveis sociais gênero/sexo e a faixa etária foram correlacionadas apenas com o pronome sujeito, assim, não serão abordadas nesta revisão.

Com relação à análise dos dados, foi observado que, após o levantamento das variantes de 2ª pessoa do singular, houve um total de 530 ocorrências, dessas, 133 foram das cartas familiares e 397 das amorosas. De modo geral, incluindo os pronomes na posição de sujeito e de complemento, as formas do paradigma de *tu* registraram 419 ocorrências, enquanto, as formas de *você* alcançaram 111, demonstrando, assim, a predominância das formas do paradigma de *tu* na amostra estudada.

No que diz respeito aos pronomes complementos, a variante *te* foi mais produtiva nas cartas amorosas, com percentual de 90% e a forma *lhe* foi mais produzida nas missivas familiares, com 94% dos dados. No que tange aos complementos com preposição, a forma *para você*, originária do paradigma de *você*, foi mais usada na escrita familiar, com 80% das ocorrências, enquanto as formas *sprep+tu* e *a ti*, variantes do paradigma de *tu*, alcançaram maiores índices nas cartas amorosas, com 95% e 75%, respectivamente. Segue abaixo fragmentos dessas formas linguísticas retiradas do *corpus* de Figueiredo (2013, p. 39):

(xii) Sempre que posso envio cartões postais a ti (...)" (AP. Maranhão, 21.07.1906. (carta de amor)). (FIGUEIREDO, 2013, p. 39, grifo do autor).

(xiii) "(...) inútil dizer-te que vives e fulges na minha saudade (...)" (Diamantina, 03.05.1925. (carta de amor)). (FIGUEIREDO, 2013, p. 39, grifo do autor).

(xiv) (...) a música de Weber: quero ouvi-la tocada por ti. (...)" (AR. BH, 30.06.1926. (carta de amor)). (FIGUEIREDO, 2013, p. 39, grifo do autor).

(xv) (...) peço-lhe que converse com Alaide. (...) você virá com papai e mamãe a 21, não? (MLB. Lambari, 05.04.1944. (carta familiar)). (FIGUEIREDO, 2013, p. 39, grifo do autor).

(xvi) (...) peço a benção a vovó e vovô e a você... (CL. Lambari, 09.09.1946. [carta familiar]). (FIGUEIREDO, 2013, p. 45, grifo do autor).

O complemento acusativo registrou 08 casos nas cartas familiares e 65 nas amorosas, totalizando 73 ocorrências. Nas produções familiares de *tu* como sujeito exclusivo, o uso de *te* foi categórico, com 100% (2/2) dos casos e, nas missivas de *você* como sujeito exclusivo, houve variação entre as formas *lhe* e *o/a* ambas com 33% (2/6), as formas *te* e *você*, nesse contexto, tiveram apenas 1% dos dados cada. Nas cartas amorosas de sujeito misto, o uso de *te* também foi categórico (2/2 ocorrências) e, nas produções de *tu* sujeito, a forma alcançou um percentual de 99% (62/63), restando apenas 1% para a forma *sprep+tu*. Diante disso, a autora concluiu que o clítico *te* apresentou-se como forma de resistência do antigo pronome *tu*

e que ele foi usado em ambas as relações sociais, familiares e amorosas, sendo mais favorecido no contexto de intimidade das missivas de amor.

O complemento dativo foi a estratégia de 2ª pessoa com mais ocorrências, totalizando 190 dados, sendo 70 das cartas familiares e 120 das amorosas. Com base nos dados, nas produções familiares, a variante *te* (62%) foi mais usada nas cartas de *tu* sujeito seguida pelo dativo *zero* (13%) e pela forma *sprep+tu* (13%), as formas *lhe* e *a ti* registraram 6% dos casos cada uma. Nas missivas de *você* sujeito, por sua vez, a variante mais empregada foi o *lhe* (56%), seguida da categoria vazia (20%) e a forma *a você* (11%). Nas cartas amorosas, o dativo *te* (87%) foi predominante em produções de *tu* sujeito, enquanto, nas cartas de sujeito misto, a forma *lhe* (50%) teve um leve crescimento na sua produtividade.

No que concerne às estratégias oblíquas, a autora afirma que há de se atenuar as considerações devido à quantidade de registros dos oblíquos que foi de apenas 45 ocorrências. Nas cartas familiares, o registro dos complementos oblíquos ficou restrito às missivas de *você* sujeito, a variante *sprep+você* teve uso majoritário com 71% (05 ocorrências) dos dados e a forma *para você* constituiu o resto do *corpus* com 29% (02 ocorrências) de frequência. Nas cartas amorosas, por sua vez, foram registradas as variantes oblíquas nos três subsistemas abordados: nas cartas de *tu* sujeito, a variante *sprep+tu* teve uso categórico (33 realizações); nas cartas de *você* sujeito, houve apenas 01 ocorrência da forma *para você*; nas cartas de sujeito misto, por sua vez, houve 04 ocorrências, da forma *sprep+tu*.

Diante dos dados, Figueiredo (2013) concluiu que há uma relativa simetria entre o subsistema do sujeito empregado na carta e o uso do pronome complemento de 2ª pessoa do singular. A autora também observa que, tanto nas cartas familiares quanto nas amorosas, o dativo *te* foi a forma mais produtiva em missivas de *tu* sujeito, o que, segundo a autora, é um vestígio da resistência da forma *tu* no sistema pronominal do português brasileiro.

Souza (2014) analisou o uso dos pronomes acusativos de segunda pessoa do singular diacronicamente, com o intuito de investigar os fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciaram no uso dessas estratégias de complemento. O *corpus* da pesquisa foi constituído por 521 cartas pessoais escritas entre o período de 1880 e 1980 por missivistas provenientes do Rio de Janeiro. As variáveis linguísticas controladas foram: forma na posição de sujeito, posição do item pronominal em relação ao verbo predador e tempo e modo verbal, e as variáveis extralinguísticas: período, família, subgênero da carta e parte da carta.

Após a análise estatística no programa *Goldvarb X*, foram computadas 436 ocorrências das formas acusativas de segunda pessoa do singular. As variantes registradas foram: *te*, *o/a*, *lhe*, *você*, *zero*, *senhor*, *a ti* e *a você*, sendo as três últimas formas descartadas por serem

pouco produtivas, contabilizando apenas 01 dado de cada variante. Abaixo apresentamos alguns registros dessas formas encontradas por Souza (2014) em seu *corpus*:

(xvii) [...] manda-me dizer se brincaste muito na praia e se foiste au cinema, eu acho que passaste uma tarde melhor do que eu. Eu no sabado espero **voce**. não se esqueça desta tua noivinha que tanto te ama (MJ-07-03-1937). (SOUZA, 2014, p. 98, grifo do autor).

(xviii) Adeus, Oswaldo recebe mil beijos e abraços d'esta que mais que nunca **te** estima e **Ø** adora Miloca (...)" [OC-17-10-1899]. (SOUZA, 2014, p. 102, grifo do autor).

(xix) longe de ti minha bela, tudo e diferente para mim mundo parece-me que vae acabar a saudade atormenta-me a todo momento pareço ouvir-te falar, ou então ouvir-te jamar pelo meu nome, pareço vel-**a**, mas tudo isso não passa de uma ilusão, porque estas tão longe, e só tenho comigo dentro do peito o teu pobre coração. (JM-24-09-1936). (SOUZA, 2014, p. 99, grifo do autor).

(xx) [...] Com affecto **lhe** abraço e sou sua irmã nos Santíssimos Corações de Jesus e Maria Sor Maria da Divina Pastora. Religiosa do Bom Pastor" [PF-05-07-1922]. (SOUZA, 2014, p. 100, grifo do autor).

(xxi) "Espero pois o **senhor** e Adélia em princípios de julho. (IF-14- 06-1890). (SOUZA, 2014, p. 93, grifo do autor).

O uso dos pronomes objetos acusativos, *a ti* e *a você*, por sua vez, foi inesperado para a autora, posto que as formas possuem preposição, se tratando, assim, de um objeto direto preposicionado. Segue abaixo o trecho das cartas nas quais essas variantes foram empregadas:

(xxii) Estimarei que esta encontre **a ti** e todos os nossos de perfeita saúde [AA-13-02-1911]. (SOUZA, 2014, p. 93, grifo do autor).

(xxiii) Fallei com Nossa Madre de ajudar **a Você** pagar a vida de Mamãe em Espanol, e ella deu licença até que termine de pagar, depois que acabe Você me avisa por favor [PF-13-02-1933]. (SOUZA, 2014, p. 94, grifo do autor).

Desse modo, com a exclusão das três variantes que tiveram pouca recorrência no *corpus*, foram analisados o total de 433 dados. Desse número de ocorrências, um percentual de 77,8% foi da forma *te*, 9,2% do acusativo *o/a*, 6,7% do pronome lexical *você*, 4% da variante *lhe* e 2,3% da forma *zero*, o que revela a predominância da forma acusativa *te* nas cartas que constituem o material de estudo dessa pesquisa.

Segundo Souza (2014), o fator tempo e modo verbal aparentemente não influenciou na variação do acusativo de 2ª pessoa do singular. O fator linguístico forma na posição de sujeito, por sua vez, mostrou-se um forte condicionante no uso desses pronomes complementos. Quanto a esta variável, a autora identificou que houve uma predominância da

estratégia acusativa *te* em todos os subsistemas tratamentais analisados, exceto nas cartas que tinham a forma *senhor/a* como sujeito, pois nessas não ocorreram registros da variante. Apesar de ser preferencialmente usada em todos os subsistemas de sujeitos, houve maior percentual de uso de *te* em cartas de *tu* exclusivo e de sujeito nulo.

Nas missivas de *você* exclusivo, o emprego do acusativo *te*, apesar de ainda ser predominante, foi menos produtivo que nos outros subsistemas e o emprego das formas do paradigma de *você* foi mais favorecido. Dessa forma, é possível afirmar que houve uma simetria e uma assimetria com relação à uniformidade dos paradigmas, a primeira situação ocorreu nos casos em que o acusativo *te* foi empregado com o sujeito *tu* e a segunda aconteceu quando essa variante foi registrada em missivas de *você* exclusivo. É importante relatar que, de acordo com a autora, as poucas realizações das formas acusativas de 3ª pessoa que apareceram nas cartas foram em produções de 1920 e 1930, período que coincide, segundo Souza (2014), com a entrada do *você* sujeito no português brasileiro.

A variável posição do item pronominal em relação ao verbo predicator revelou que as formas clíticas de segunda pessoa do singular foram mais empregadas em posição proclítica, tanto nas lexias simples quanto nas complexas. Sendo assim, houve 72% do clítico *te* em posição pré-verbal, 60% das formas *o/a* e 95% da variante *lhe*, que teve um uso proclítico quase categórico. O uso enclítico de *te* e *lhe* deram-se, todos, antes de 1940, após esse período houve o emprego predominante da próclise. As formas *o/a* foram registradas tanto nas missivas antigas quanto nas mais recentes, ou seja, ocorreu durante quase todo o século analisado. Com isso, a posição do clítico acusativo de 2ª pessoa do singular já apontava uso majoritário da próclise, posição que é característica do português brasileiro na situação atual da língua, segundo Souza (2014).

Em relação ao fator extralinguístico período, a autora identificou que a forma linguística *te* foi bastante usada durante todo o século, com mais de 50% em todos os estágios de tempo analisado. No primeiro período (1880-1905), houve um uso quase categórico do acusativo *te* com um percentual de 95% de ocorrências. No segundo estágio de tempo (1906-1930), no entanto, houve uma pequena queda no percentual de uso de *te* em consequência do aumento do emprego das demais formas. A forma lexical *você* começa a ser usada a partir do segundo período com um percentual de 2,2% e se torna o segundo acusativo mais usado a partir do 3º período (1931-1955), com 5,8% dos dados e alcança o percentual de 25% de frequência em 1956-1980. Os clíticos *o/a* e *lhe* tiveram índices baixos no *corpus*, o primeiro não atingiu o percentual de 15% e o segundo não ultrapassou 8% de frequência ao longo dos

períodos. Segundo a autora, apesar de haver períodos que favorecem o uso de outras formas clíticas acusativas, o uso da forma *te* ainda foi majoritária no século estudado.

Ao observar a variável família/grupo, a família Cruz registrou pouca variação das formas acusativas, no período de 1889 a 1915, com um percentual de 95,7% de uso do clítico *te*. A família Penna, no período de 1896 a 1926, usou somente as formas *te* e *o/a*, com um percentual de 87,5% e 12,5%, respectivamente. A família Land Avelar, nos anos de 1907 a 1917, obteve um percentual de 83% da forma *te* e uma quantidade de uso igual para o pronome lexical *você* e o *zero* correspondente a 8,3% dos dados. Na família Brandão, em 1941 e 1973, não houve registros da variante *te* e o maior percentual de uso foi do acusativo *o/a* com 71,4% de produtividade da forma, seguida de *você* e *lhe* ambas com percentual de 14,3%. E, por fim, no período de 1979 a 1985, o grupo dos estudantes cariocas registrou apenas 41% de *te* favorecendo o uso das formas do paradigma de *você*. Desse modo, embora a forma *te* tenha sido majoritariamente usada, com exceção da família Brandão, houve uma ligeira queda no percentual do acusativo *te* conforme se aproximava a segunda metade do século XX e, conseqüentemente, um aumento das estratégias ligadas ao paradigma de *você*.

No que diz respeito ao subgênero da carta, a forma *te* foi predominante nas missivas amorosas e de famílias, com percentuais de 89% e 76,7%, respectivamente. Nas cartas pessoais, no entanto, houve um uso mais variado dos acusativos de segunda pessoa, a forma *o/a* foi a mais empregada, com 33,3%, seguida das formas, *te* com 27,8%, *você* com 22,2% e *lhe* com 16,7%. A partir da análise, a autora confirmou uma de suas hipóteses iniciais de que *te* seria a variante mais usada nas cartas amorosas, visto o caráter [+ informal] do subgênero e dessa forma linguística. No entanto, também refutou a hipótese de que o *lhe* seria mais usado em contextos de [+ formalidade], posto que essa variante ocorreu tanto em missivas pessoais de contextos mais formais, quanto em cartas familiares de contextos mais íntimos.

No que concerne ao fator parte da carta, os resultados mostraram que 52% dos dados de acusativo estavam no núcleo. Foi observado, também, que a forma *te* foi predominante em todas as seções e categórica no P.S, seção que registrou 100% (4/4) de uso da variante. Na seção inicial, houve o maior registro da forma *te* com 88,1%, as formas *lhe* e o acusativo *zero* não foram empregados nessa parte da carta. No núcleo, as formas *você* e *lhe* foram mais usadas e, na despedida, o acusativo *o/a* e a forma *zero* foram as variantes mais produtivas.

Com relação ao gênero dos missivistas, os resultados mostram que as mulheres foram ligeiramente mais inovadoras que os homens no uso dos complementos de 2ª pessoa no subsistema de *tu* exclusivo, pois apesar de terem usado majoritariamente a forma *te* (88,4%), em sua escrita, houve um emprego mais variado das demais formas acusativas, com

percentuais de 5,7% de *você*, 2% de *lhe* e 3,8% do pronome acusativo zero. O gênero masculino demonstrou caráter mais inovador que o feminino no subsistema de *você* exclusivo, ao empregarem mais a variante *te* com 55,3% de frequência. Esse resultado mostra que ambos os gêneros quebraram a uniformidade tratamental ao mesclar formas acusativas dos paradigmas de *você* e de *tu* em cartas de *tu* exclusivo e de *você* exclusivo na função de sujeito.

Por fim, Souza (2014) concluiu que o acusativo *te* foi a variante mais usada como complemento acusativo de segunda pessoa do singular, pois, independente dos fatores abordados, predominou em todos os subsistemas analisados, nas missivas familiares e amorosas, em ambos os gêneros, em todas as partes da carta, em quase todas as famílias analisadas e ao longo de todo período estudado. Esse dado revela uma generalização do acusativo *te* como forma de referência à segunda pessoa do singular.

Oliveira (2014) abordou, em sua pesquisa, as distintas formas linguísticas de manifestação do complemento dativo de 2ª pessoa com o objetivo de analisar os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionaram esse fenômeno variável durante a entrada do *você* no quadro pronominal brasileiro. O *corpus* analisado foi constituído de 318 cartas escritas por fluminenses e cariocas durante um século (1880-1980). Para atender ao propósito da pesquisa foram analisadas oito variáveis independentes, a saber, o tipo de verbo quanto à estrutura argumental, a forma do objeto direto, a forma pronominal utilizada na posição de sujeito, as categorias distintivas quanto ao valor semântico do verbo, o subgênero de carta particular, o período de tempo, a amostra na qual o dativo foi empregado e a seção da carta.

Após rodar os dados no programa GOLDBARB-X, 811 ocorrências dos pronomes dativos foram obtidas. Desse total 57,2% foi de *te*, 22,3% do objeto nulo e 11,3% do dativo *lhe*. As formas de sintagma preposicionado foram pouco produtivas na amostra, atingindo apenas 3,4% de *para você*, 2,7% de *a ti*, 2,6% de *a você* e 0,4% de *para ti*. Podemos observar exemplos dessas formas linguísticas nos trechos a seguir, retirados do *corpus* analisado por Oliveira (2014):

(xxiv) Estimara que Você e todos os nosso queridos filhinhos tenham passado bem. depois que parti. Hei de escrever-**te** sempre ainda que sejam 2 linhas. [12-02-1886]. (OLIVEIRA, 2014, p. 110, grifos do autor).

(xxv) Aqui no cartório existe a transcrição de um documento relativo a revolução de 42 que parece provar a traição de Joaquim Meis se quisseres **o** mandarei cópia. [11-10- 1907]. (OLIVEIRA, 2014, p. 110, grifos do autor).

(xxvi) Quincas enviou-**lhe** via marítima um livro sobre “Eça” do Gondim da Fonseca, logo você receberá. [20-04-1971]. (OLIVEIRA, 2014, p. 109, grifos do autor).

(xxvii) (...) vou me despedindo, mandando mil beijos **para você**, e desejando que você seja para sempre essa pessoa incrível que você é. [??-03-1982]. (OLIVEIRA, 2014, p. 109, grifos do autor).

(xxviii) Papai, Mamãe e Sinharinha mandam muitas lembranças **a ti** e a tua boa mãe a quem eu peço que me recomendes muito. [19-04- 1891]. (OLIVEIRA, 2014, p. 109, grifos do autor).

(xxix) (...) resolvi fazer uma forcinha e escrever **a voce** esta coisa que se propõe a ser carta, que apesar de terrível e maçante voce não vai jogar fora e vai me perdoar pois uma coisa que não sei fazer, além de andar de skate, é escrever. [30-01-1977]. (OLIVEIRA, 2014, p. 109, grifos do autor).

(xxx) Passeia o mais possível, compra cousas **para ti**, aproveitando os saldos d'agora. Não deixes de ir com os pequenos ver os fantasmas tão falados. [08-01-1915]. (OLIVEIRA, 2014, p. 109, grifos do autor).

Ainda em relação ao uso dos complementos, Oliveira (2014) observou que o dativo *te*, exemplificado no trecho (xxiv), foi a forma mais frequente na escrita dos missivistas no período estudado, sofrendo uma baixa, apenas, nos últimos anos (1956-1980), que houve um maior equilíbrio entre zero, *te* e *lhe*. O clítico *te* também apresentou certa imunidade em relação ao subsistema de tratamento na função de sujeito, pois foi realizado com uma frequência relativamente alta em quase toda a amostra analisada, em cartas de *tu* exclusivo, de *você* exclusivo e nas produções em que as duas formas coexistem.

O dativo nulo, exemplificado do trecho (xxv), foi a segunda estratégia mais usada no *corpus*. Sua produtividade começa a ser elevada a partir do ano de 1930, quando o pronome sujeito *você*, segundo o autor, passa a ser empregado com status de pronome pessoal.

A variante *lhe*, demonstrada no exemplo (xxvi), teve uma frequência de uso bastante irregular, variando a depender do contexto linguístico e extralinguístico empregado, restringindo-se a contextos específicos de uso, como na escrita carioca e fluminense mais formal com menor intimidade entre o missivista e o destinatário, resultado que difere de Souza (2014), que, ao contrário do que esperava, teve o uso da forma *lhe* tanto em contextos mais formais quanto em contextos mais informais. Oliveira (2014) ressaltou, ainda, que a inserção do *você* como pronome pessoal não impulsionou o aumento no uso do dativo *lhe*.

Os sintagmas preposicionados, apresentados nos excertos (xxvii - xxx), tiveram baixa frequência de uso durante todo o período analisado. O autor afirmou que a divisão das estratégias dativas em formas clíticas, objeto nulo e sintagma preposicionado é uma organização da estrutura do próprio sistema linguístico e que, nessa configuração, ocorre ao contrário do que acontece com a organização estrutural dos complementos de terceira pessoa do singular, que o emprego das variantes preposicionadas supera o uso das formas clíticas.

Sendo assim, o resultado obtido quanto aos sintagmas preposicionados, segundo o autor, se deve a organização estrutural do próprio sistema linguístico brasileiro. Outra importante constatação é a de que as formas *a/para ti* foram caindo em desuso gradualmente e a forma *a/para você* foi emergindo durante todo o século abordado na amostra do Rio de Janeiro.

Em relação às tradições discursivas, o subgênero da carta teve influência no uso dos complementos dativos. De forma geral, o dativo *lhe* está diretamente relacionado ao menor grau de intimidade entre os interlocutores das missivas, por esse motivo a forma é mais frequente em cartas direcionadas a amigos e familiares, pessoas próximas que interagem em um determinado círculo social. A variante *a/para ti*, no entanto, é mais registrada em cartas amorosas que tem um lirismo romântico bem marcado.

De acordo com o autor, o fator uniformidade tratamental não se concretizou como realidade na escrita dos missivistas do fim do século XIX e quase todo século XX. Conforme Oliveira (2014), foi encontrado no *corpus* uma boa quantidade de uso da forma dativa original do paradigma de *tu*, a forma *te*, associada ao pronome sujeito *você* em cartas de pessoas com diferentes níveis de domínio da escrita, inclusive entre a produção epistolar de missivistas mais cultos. Podemos verificar essa mistura tratamental no trecho (xxiv), no qual é registrado o uso de formas do paradigma de *você* e do paradigma de *tu* na mesma missiva.

Por fim, Oliveira (2014) mostrou que o núcleo social do missivista influenciou bastante no uso dos complementos dativos. Frente ao *corpus* heterogêneo, que vai desde a amostra de figuras ilustres como o ex-presidente Affonso Penna até os dados de um casal anônimo, é possível observar que escreventes de categorias sociais distintas não produzem sempre as mesmas formas dativas.

O trabalho de Galves et al (2016) aborda a morfossintaxe e o uso dos pronomes pessoais na diacronia e na sincronia. O objetivo do trabalho é observar a reorganização que ocorreu no quadro pronominal do português brasileiro após a entrada do *você* como pronome de referência à segunda pessoa do singular, com o intuito de verificar de que maneira as formas do paradigma de *você* é implementada em detrimento das formas do paradigma de *tu*. Embora os autores não tenham especificado a quantidade de material analisado no *corpus*, informam que é constituído de cartas escritas no Rio de Janeiro no período de 1870 a 1950. A pesquisa analisa o uso dos pronomes complementos de 2ª pessoa do singular acusativo, dativo, oblíquo e genitivo e a correlação do emprego desses com o subsistema de sujeito.

No que concerne aos pronomes acusativos de 2ª pessoa do singular, a variante *te*, como em (xxxi), é o acusativo mais usado com um percentual superior a 90% das ocorrências, o que corrobora com o estudo de Souza (2014) ao mostrar que, na função acusativa, há o

predomínio da forma originária do paradigma de *tu*, a variante *te*. As outras formas acusativas não alcançaram 10% das ocorrências, a variante *você*, como em (xxxii), registrou 5%, o pronome *o/a*, como em (xxxiii), 1% e a forma zero, como em (xxxiv), 1%.

(xxxi) Eu te abençoo, e te acompanho em teus trabalhos pela salvação das almas n'este Valle de lagrimas N'este mundo feio e maó. [23-06-1909]. (GALVES et al, 2016, p. 127, grifos do autor).

(xxxii) a luz de teu olhar e que ilumina a estrada por aonde sigo para encontrar voce que é a minha felicidade, se esta luz se apagar apagará também o meu nome da lista dos viventes sobre o mundo terrestre. [22-09-1936]. (GALVES et al, 2016, p. 127, grifos do autor).

(xxxiii) Termino querida Irmã abraçando-a ternamente e enviando muitos carinhos e sou nos Santíssimos Corações deJesus e Maria sua irmã afetuosa. [16-02-1919]. (GALVES et al, 2016, p. 127, grifos do autor).

(xxxiv) Guimba esteve na Penha no Domingo, vai outra vez neste que vem, elle não te foi procurar na duvida de Ø encontrar. [1936]. (GALVES et al, 2016, p. 127, grifos do autor).

Ao correlacionar o uso desses pronomes acusativos com o sujeito usado nas cartas, os autores concluíram que, nas missivas exclusivas de sujeito *tu*, o uso da forma *te* foi quase categórica com 99% dos dados e apenas 1% de *o/a*. Nas escritas epistolares de sujeito misto, além da forma *te* com 90% das ocorrências, foram registradas as formas *você* e zero com 8% e 2%, respectivamente. Nas produções de *você* exclusivo, houve 75% de uso de *te* e 25% de *você* e não tiveram ocorrências da forma *o/a*. Desse modo, os pesquisadores concluíram que a posição sintática de complemento direto demonstrou ser um contexto de resistência à entrada das formas acusativas do paradigma de *você*, resultado semelhante ao de Figueiredo (2013), que mostrou a forma acusativa *te* como contexto de resistência das estratégias ligadas ao pronome conservador *tu*.

Nas relações dativas, o uso do clítico *te* também predominou. Segundo os autores, as formas *te*, como em (xxxv), e *lhe*, como em (xxxvi), são as variantes mais recorrentes nas últimas décadas do século XIX, com percentual de 76% e 17%, respectivamente. A datar da primeira década do século XX, a forma *te* passa a dividir espaço com outras variantes, a saber, *preposição + ti*, como em (xxxvii - xxxviii), com 3%, *preposição + você*, como em (xxxix - xl), com 7%, *lhe* com 9% e *zero*, como em (xli), com 15% das ocorrências.

(xxxv) O Tito vai bem, hoje vai te escrever, ele gostou muito do Rio, papai levou eles até Botafogo para ver a avenida beira-mar [18-08-1907]. (GALVES et al, 2016, p. 128, grifos do autor).

(xxxvi) Eu não apressei-me em escrever lhe falando no seu novo despacho porque a falar a verdade não fiquei contente com o lugar que lhe deram [...] [14-11-1874]. (GALVES et al, 2016, p. 128, grifos do autor).

(xxxvii) [...] diz-se que Você é quem influe para que a revolução continue, enfim attribuem a ti tudo, nunca vi maior injustiça... [25-04-1894]. (GALVES et al, 2016, p. 129, grifos do autor).

(xxxviii) São 11 horas preciso dormir, se não fosse isso seria capaz de ficar a noite toda escrevendo para ti, dizendo tudo quanto sinto por ti... [02- 03-1937]. (GALVES et al, 2016, p. 129, grifos do autor).

(xxxix) Diga ao Edgard que recebi a carta dele que não respondo porque a resposta é a que agora dou a você. [13-05-1917]. (GALVES et al, 2016, p. 128, grifos do autor).

(xl) Você querendo me favorecer, compra para você e só será meu quando eu te pagar. [12-02-1909]. (GALVES et al, 2016, p. 128, grifos do autor).

(xli) [Ontem e hoje tivemos bom tempo; sol a serrano. O frio é somente pela noite e mais pela madrugada. Receba com seus irmãos muitos abraços e saudades nossas. Seu pai e amigo, Julio.] ps. Quer que g mande seu sobretudo argentino ou o outro? [8-06-1917]. (GALVES et al, 2016, p. 128, grifos nossos).

Nas cartas de sujeito exclusivo *tu*, o dativo *te* foi a forma predominante com 88% das ocorrências. Nas missivas de sujeito misto, essa variante ainda foi a mais produtiva, com 69% das ocorrências, no entanto, nessas produções escritas já se notava a presença de formas do paradigma de *você*, como *preposição+você* com 9% dos dados e *lhe* com 5% das ocorrências. Nas cartas de *você* como sujeito único, houve maior variação das formas dativas. O clítico *te* (27%) não predominou nesse contexto, sendo as variantes mais produtivas as formas *lhe* com 29% e *zero* com 30% dos casos, e a menos produtiva a forma *preposição + você* com 15%. Os autores concluíram que, comparada à relação acusativa, a função sintática de complemento indireto mostrou um leve favorecimento no uso das formas do paradigma de *você*.

Na função sintática oblíqua, as formas do paradigma de *você*, como em (xlii), foram mais empregadas que as estratégias do paradigma de *tu*, como em (xliii), diferentemente das relações acusativas e dativas, nas quais a variante *te* foi predominante.

(xlii) “eu então pensava só em você o quanto tens sofrido por minha causa somente por amar- me [26-09-1936].” (GALVES et al, 2016, p. 130, grifos do autor).

(xliii) “tu mereces muito mais minha flor, sem ti morrerei [26-09-1936].” (GALVES et al, 2016, p. 130, grifos do autor).

No que diz respeito à correlação dos pronomes oblíquos e o subsistema de sujeito da missiva, é possível observar que, nas cartas de *tu* exclusivo, o uso de *preposição+ti* foi quase

categorico, alcançando um percentual de 95% das ocorrências e apenas 5% de *preposição+você*. Nas produções em que havia coexistência dos sujeitos, os percentuais de uso foram iguais, 50% de *preposição + ti* e 50% de *preposição + você*. Já nas missivas que tinham *você* como único sujeito, houve o uso categorico da forma original do paradigma de *você*, *preposição + você*, que foi empregada em 100% dos casos.

Em seguida, após realizar uma análise separada dos distintos pronomes complementos, os autores investigaram o rearranjo no quadro pronominal da segunda pessoa do singular do português brasileiro, levando em consideração apenas as cartas com sujeito exclusivo *você*, como demonstra o quadro abaixo:

Quadro 1 - Rearranjos do quadro pronominal de 2ª pessoa considerando o sujeito você

	Formas	Formas coexistentes	Novo paradigma
	do paradigma de <i>você</i>	do paradigma de <i>tu</i>	
ACC	o/a	te	te
	você	-	você
DAT	lhe	te	lhe te
	prep. + você	-	prep. + você
OBL	prep. + você	-	prep. + você
GEN	seu	teu	seu teu

FONTE: Galves et al, 2016.

Diante disso, os autores observaram que, nas relações gramaticais de objeto direto, no paradigma emergente no século XX, apenas a forma lexical *você* coexiste com a variante *te*. Em relação aos complementos indiretos, todos os dativos originais do paradigma de *você* - *lhe* e *preposição + você* - foram mantidos em coexistência com o clítico original do paradigma de *tu*, o *te*. Por fim, na função oblíqua, apenas a forma *preposição + você*, originária do paradigma de *você* foi mantida. Assim, podemos ver que as formas do paradigma de *você* e de *tu* coexistiram em muitos casos.

Ao afirmar que essas reorganizações nos paradigmas pronominais surgiram da inserção do *você* na função de sujeito, os autores trabalharam com a hipótese de que os rearranjos nos pronomes complementos são reflexos de uma mudança gramatical que ocorreu na função de sujeito: como a forma *você* adquiriu o traço de pessoa (2P) a escolha dos complementos relacionados a essa forma se dará, preferencialmente, pelos complementos que também tenham o traço de pessoa (2P). As formas de 3ª pessoa por não serem especificadas morfológicamente com o traço de pessoa são menos favorecidas nesse caso. Desse modo, há a

permanência de *preposição+você* na função oblíqua, dado que esse tem o traço de pessoa, bem como a conservação do clítico *te* nas formas acusativas e dativas, visto que esse também tem o traço de pessoa, enquanto as formas originárias do paradigma de *você* não têm.

No entanto, a forma dativa *lhe* não foi descartada do novo paradigma do século XX, pois, apesar de não ter o traço de pessoa, o clítico tem o traço de [+humano]. Os autores concluíram que as formas do paradigma de *você* não foram implementadas da mesma forma nas distintas funções gramaticais e que apenas as formas linguísticas que possuem os traços de [+humano] e de segunda pessoa passaram a constituir o paradigma de *você*. Desse modo, a ordem da menor para maior implementação do novo paradigma de *você* foi a seguinte: “acusativo < dativo < genitivo < oblíquo” (GALVES et. al, 2016, p.136).

2.3 Discussão e conclusão

Com a análise dos trabalhos consultados nessa revisão, podemos notar que as formas do paradigma de *tu* foram mais frequentes que os complementos do paradigma de *você* durante o final do século XIX e durante o século XX, período de estudo das pesquisas abordadas. No entanto, apesar do maior uso das formas de *tu*, as estratégias de *você* já eram usadas nesse período. Podemos notar, também, que a inserção do *você*, no português brasileiro, ocorreu de forma distinta a depender do contexto morfossintático de segunda pessoa do singular, como mostraram as pesquisas de Galves et al (2016) e Pereira (2012).

Ao observar os dados das pesquisas abordadas, concordamos com Galves et al (2016) quanto à inserção do paradigma de *você* seguir a ordem já mencionada, “acusativo < dativo < genitivo < oblíquo” (GALVES et al, 2016, p.136), pois, notamos que a função gramatical acusativa foi a que mais favoreceu o uso das formas do paradigma de *tu* (PEREIRA, 2012; SOUZA, 2014; GALVES et. al, 2016), o dativo, por sua vez, se apresentou como um contexto intermediário, pois apesar de possuir maior número de uso das estratégias de *tu* favoreceu mais o uso das formas do paradigma de *você* que o acusativo (GALVES et al, 2016), enquanto a forma oblíqua, por outro lado, mostrou-se bastante favorável ao emprego das formas do paradigma de *você* (SOUZA; OLIVEIRA; LOPES, 2011; GALVES et. al, 2016).

Esses resultados de uso dos complementos de 2ª pessoa do singular, além de serem influenciados pelo contexto morfossintático, foram condicionados por algumas variáveis recorrentes nos trabalhos, a saber: subsistema tratamental da forma na posição de sujeito, que

se mostrou um forte condicionante do fenômeno, relevante em todos os trabalhos analisados; período ou geração e o subgênero da carta, recorrentes em três pesquisas analisadas (SOUZA; OLIVEIRA; LOPES, 2011; PEREIRA, 2012; SOUZA, 2014; OLIVEIRA, 2014); e, por fim, a seção da carta, a posição do complemento da oração em relação ao verbo e o sexo/gênero dos missivistas que foram recorrentes em duas pesquisas cada variável (SOUZA; OLIVEIRA; LOPES, 2011; PEREIRA, 2012; SOUZA, 2014).

No entanto, acreditamos ser importante ampliar o número de pesquisas acerca da variação sobre a representação pronominal de segunda pessoa do singular nas funções de complemento e adjunto, principalmente em variedades linguísticas ainda não descritas diacronicamente, como é o caso da variedade alagoana. Para tanto, nosso objetivo é analisar a variação entre os pronomes objetos de segunda pessoa do singular em cartas de um ilustre alagoano do século XX, com o intuito de verificar a frequência de uso desses pronomes e quais fatores linguísticos e extralinguísticos influenciaram nesse processo.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente capítulo contém a base teórica e metodológica que embasa a construção desta pesquisa sobre os pronomes objetos de referência à segunda pessoa do singular. Diante das necessidades singulares envolvidas nesse processo, que estuda um estágio de língua em uma sincronia passada, baseamo-nos nos pressupostos da sociolinguística histórica. Assim, o capítulo foi dividido em quatro partes: a primeira aborda o estudo da mudança linguística dentro da perspectiva da sociolinguística e faz uma breve introdução à sociolinguística histórica; a segunda discorre sobre as dificuldades encontradas pelo linguista sócio-histórico ao construir uma pesquisa nesse campo de estudo; a terceira discute os pressupostos teóricos e metodológicos que dispõe a sociolinguística histórica para encaminhar o estudo da variação e mudança linguística do passado e a quarta parte apresenta uma síntese final do capítulo.

3.1 Sociolinguística Histórica

O artigo *Empirical Foundations for a Theory of Language Change* de autoria de Uriel Weinreich, William Labov e Marvin I. Herzog (1986) é um dos trabalhos fundadores da sociolinguística de orientação sócio-histórica, pois rompe os limites entre sincronia e diacronia no estudo da mudança linguística (CONDE SILVESTRE, 2007, p. 31). Os teóricos, em seu artigo, tecem críticas a estudos linguísticos que tratam da mudança a partir de um viés que aborda a língua como objeto homogêneo, pois “muito antes de se poder esboçar teorias preditivas da mudança linguística, será necessário aprender a ver a língua – seja de um ponto de vista diacrônico ou sincrônico – como um objeto constituído de heterogeneidade ordenada” (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006[1968], p.35).

De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]), a heterogeneidade tem sido uma problemática para as correntes linguísticas de abordagem estrutural, uma vez que quanto mais focam na existência da estrutura de uma língua homogênea, mais complexo se torna fornecer uma explicação sobre o estágio de mudança de um estado de língua para outro, pois “se uma língua tem de ser estruturada, a fim de funcionar eficientemente, como é que as pessoas continuam a falar enquanto a língua muda, isto é, enquanto passa por período de menor sistematicidade?” (ibid. p. 35). Segundo os teóricos, a resolução dessa questão se dá

[...] no rompimento da identificação de estruturalidade com homogeneidade. A chave para uma concepção racional de mudança linguística – e mais, da própria língua – é a possibilidade de descrever a diferenciação ordenada numa língua que serve a uma comunidade. [...] O domínio de um falante nativo de estruturas heterogêneas não tem a ver com o multidialetalismo nem com o “mero” desempenho, mas é parte da competência monolíngue. Um dos corolários de nossa abordagem é que numa língua que serve a uma comunidade complexa (i.e, real), a ausência de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional (ibid., p. 36).

Desse modo, podemos notar que, segundo os autores, a heterogeneidade é inerente ao sistema linguístico, assim, toda mudança na estrutura da língua presume períodos de variação, no entanto, é preciso chamar atenção para o fato de que nem toda variação pressupõe uma mudança linguística, ela pode constituir uma variação estável.

Uma mudança na estrutura da língua começa quando a alternância de determinadas formas linguísticas usadas por um subgrupo particular tem suas realizações ampliadas para outros membros da comunidade de fala, assumindo, assim, um “caráter de diferenciação ordenada” (ibid, p. 125).

Essa mudança ou variação estável é condicionada tanto por fatores linguísticos como por sociais, visto que uma abordagem que trata apenas de um desses aspectos fornece uma explicação linguística incompleta. Conforme declaram Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]),

fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. Explicações confinadas a um ou outro aspecto, não importa quão bem construídas, falharão em explicar o rico volume de regularidades que pode ser observado nos estudos empíricos do comportamento da linguagem (p. 126).

Dessa forma, os autores afirmam a importância do social diante da mudança linguística, aspecto que não era levado em consideração nas teorias que abordavam a língua como um sistema homogêneo. Alguns anos depois, Labov (2008[1972], p. 20) reafirma essa importância ao citar que “nenhuma mudança acontece em um vácuo social. Até mesmo a mudança em cadeia mais sistemática ocorre num tempo e num lugar específicos”.

A sociolinguística sincrônica⁴ e a histórica convergem em aspectos teóricos, mas metodologicamente são divergentes (LOPES, 2020). De acordo com Lopes (2020), a

⁴ O termo sociolinguística sincrônica é aplicado nesta pesquisa com o sentido empregado por Conde Silvestre (2007), como sinônimo de sociolinguística variacionista laboviana. A terminologia é utilizada para diferenciar a sociolinguística quantitativa de Labov e a histórica de Romaine.

sociolinguística histórica tem um viés próprio que “aplica os princípios da sociolinguística no estudo e interpretação de materiais históricos” (Informação verbal)⁵.

Essa disciplina teve um forte crescimento a partir da publicação de *Socio-Historical Linguistics. Its Status and Methodology* (1982) de Suzanne Romaine, que demonstrou um pioneirismo no desenvolvimento metodológico e prático da sociolinguística histórica. Em sua obra, a autora faz uma junção entre sociolinguística sincrônica, cujo objetivo é analisar a inter-relação entre estruturas linguísticas e sociais e a sua introdução em uma comunidade com espaço e tempo específicos, visando descrever e explicar um sistema historicamente determinado, e a linguística histórica, que estuda o desenvolvimento da língua no decorrer do tempo a fim de fornecer explicações globais acerca da mudança linguística (CONDE SILVESTRE, 2007, p. 32). A imbricação dos dois campos da linguagem dá origem a linguística sócio-histórica que tem como principal objetivo:

investigar e fornecer uma explicação das formas/usos em que a variação pode se manifestar em uma determinada comunidade ao longo do tempo, e de como funções particulares, usos e tipos de variação se desenvolvem dentro das (ou no interior das) línguas, comunidades de fala, grupos sociais, redes e indivíduos⁶ (ROMAINE, 1982: x, tradução nossa).

De Weinreich, Labov e Herzog (1986) à Romaine (1982) há uma ampliação de uma sociolinguística que era histórica por estudar a mudança linguística para uma que busca reconstruir efetivamente a correlação entre os fatores sociolinguísticos em períodos de tempo passados (CONDE SILVESTRE, 2007). Esse movimento de projetar a variação linguística para o passado é importante para a história das línguas, pois segundo Conde Silvestre (2007),

se a variabilidade linguística é inerente a linguagem em qualquer um dos períodos de sua evolução, então os estudos históricos centrados no desenvolvimento de variedades padronizadas ou na convergência de diferentes variedades que tendem a padronização, não dão conta de todos os fenômenos suscetíveis de estudo e, em sua busca pela uniformidade, resultam insatisfatórios e contraditórios⁷ (p. 33, tradução nossa).

⁵ Informação fornecida por Célia Regina dos Santos Lopes na palestra Sociolinguística Histórica no Brasil: Caminhos e desafios, evento online da ABRALIN ocorrido em 18 de Julho de 2020.

⁶ Texto original: The main goal of such a discipline would be to investigate and provide an account of the forms/uses in which variation may manifest itself in a given community over time, and of how particular functions, uses and kinds of variation develop within particular languages, speech communities, social groups, networks and individuals.

⁷ Texto original: Si la variabilidad lingüística es consustancial al lenguaje en cualquiera de los periodos de su evolución, entonces los estudios históricos centrados en el desarrollo de variedades estandarizadas o en la convergencia de distintas variedades que tienden a la estandarización, no dan plena cuenta de todos los fenómenos susceptibles de estudio y, en su persecución de la uniformidad, resultan insatisfactorios y contradictorios.

A história das línguas deve ultrapassar esse aspecto dos estudos e abranger a variação linguística do passado que, apesar de mais complexa, é tão importante quanto à reconstrução da língua padrão estabelecida pelos usuários da língua. Aplicar os princípios da sociolinguística sincrônica para abordar as circunstâncias históricas e sociais dessa variação em um estágio passado de língua, permite-nos, além de reconstruir as possíveis relações de covariação entre os fatores linguísticos e de significação social, compreender questionamentos acerca de mudanças linguísticas em progresso na sincronia que permite um aprofundamento da teoria geral da mudança linguística (CONDE SILVESTRE, 2007).

Desse modo, é possível argumentar que a sociolinguística histórica ou linguística sócio-histórica “se ocupa tanto dos fundamentos gerais e históricos da mudança, quanto da compreensão e explicação de processos de mudanças concretos a partir das correlações entre fatores linguísticos e sociais⁸” (GIMENO, 1983, p. 184-185, *apud* CONDE SILVESTRE, 2007, p. 35, tradução nossa).

3.2 Particularidades e dificuldades de uma pesquisa no âmbito da sociolinguística histórica

Nesta seção serão discutidas as singularidades de uma pesquisa que lida com amostras escritas de um período de tempo passado e as dificuldades relacionadas ao *corpus*, à metodologia de pesquisa e ao informante, que os linguistas sócio-históricos têm que enfrentar ao lidar com o material histórico.

Primordialmente, os trabalhos em sociolinguística histórica importaram a metodologia quantitativa da sociolinguística sincrônica para tratar de dados históricos, no entanto, há diferenças metodológicas na sociolinguística histórica que podem acabar dificultando a aplicação dessa metodologia. A primeira delas está ligada ao fato de que, para realizar seus estudos, o sociolinguísta histórico depende de registros linguísticos que sobreviveram ao tempo por obra do acaso (CONDE SILVESTRE, 2007), logo esse campo tem que lidar com a escassez de dados e com o caráter fragmentar destes. De acordo com Conde Silvestre (2007)

⁸ Texto original: “se ocupa tanto de los fundamentos generales e históricos del cambio, como de la comprensión y explicación de procesos de cambios concretos a partir de las correlaciones entre factores lingüísticos y sociales”

Em comparação com a diversidade, quantidade e autenticidade dos dados a disposição do pesquisador na sociolinguística síncrona ou linguística descritiva, a informação disponível para quem tenta desenvolver sua pesquisa no campo da linguística ou da sociolinguística histórica é fragmentária, escassa e dificilmente ligada à produção real de seus falantes⁹ (p. 35, tradução nossa).

Segundo Hernández-Campoy e Schilling (2012), a sociolinguística histórica sofre com dois problemas básicos: a falta de representatividade e a validação dos dados encontrados. Isso ocorre basicamente por três motivos, a saber: por causa do fato de lidar com análise de dados de estágios passados da língua, que são em sua maioria incompletos; por serem apenas fragmentos de um *corpus* maior que resistiu a ação do tempo, deixando de ser representativos em alguns aspectos; e por causa da falta de contextualização social ou histórica desses dados que não podem ser observados em seu contexto de produção, como ocorre na sociolinguística síncrona, mas apenas reconstruídos pelo sociolinguísta. Essa falta de contextualização do material histórico pode dificultar o trabalho do pesquisador, visto que sem o aspecto sócio-histórico uma pesquisa nesse campo tornar-se-ia inviável.

Segundo Conde Silvestre (2007), os registros históricos são fragmentados, e acrescentamos, não representativos, por não contemplar todos os estilos e variações que ocorriam no passado, por não se ter acesso a um conhecimento amplo das estruturas sociais dessa época e por não abarcar amostras de informantes de todas as classes sociais, prevalecendo dados linguísticos de pessoas de classe média e alta do sexo masculino.

Essas limitações linguísticas e de caráter sócio-histórico mostram uma diferença entre o controle que o linguista síncronico exerce no processo de seleção e coleta de dados e a falta de controle do linguista histórico que não seleciona seus dados previamente de acordo com seus objetivos de pesquisa. Segundo Conde Silvestre (2007),

estes fatores distorcem a realidade linguística e fazem da (socio)linguística histórica uma disciplina que oferece ao investigador pouco controle sobre os dados que trata, de modo que não pode isolar com certeza todas as variáveis que afetam o processo de investigação¹⁰ (p. 37, tradução nossa).

No entanto, de acordo com o autor, em contraste com a falta de controle da sociolinguística histórica em relação aos dados linguísticos analisados, essa disciplina se

⁹ Texto original: “En comparación con la diversidad, cantidad y autenticidad de los datos a disposición del investigador en sociolingüística sincrónica o en lingüística descriptiva, la información de que dispone quien intenta desarrollar su investigación en el ámbito de la lingüística o la sociolingüística histórica es fragmentaria, escasa y difícilmente vinculable con la producción real de sus hablantes.”

¹⁰ Texto original: Estos factores distorsionan la realidad lingüística y hacen de la (socio)lingüística histórica una disciplina que ofrece al investigador escaso control sobre los datos que maneja, de manera que no puede aislar con certeza todas las variables que afectan al proceso de investigación.

coloca com maior segurança quanto ao conhecimento da amplitude e dos resultados das mudanças linguísticas, visto que nos estudos diacrônicos é possível conhecer, de forma prévia, o período aproximado que as mudanças ocorreram e seus resultados. Além disso, tais pesquisas geralmente são realizadas em um estudo em tempo real, que, segundo o autor, apresenta resultados menos hipotéticos e mais precisos. Desse modo, sabendo os resultados desses processos na sincronia atual, podemos fazer uso desse conhecimento para explicar ocorrências sociolinguísticas do passado. Para Milroy (1992, p. 47)

Os problemas do material linguístico e social à disposição do investigador fazem com que este deva projetar para o passado os resultados de investigações atuais; sua compreensão dos fatos linguísticos do passado deriva principalmente da observação do presente, de maneira que, analisando as relações entre variação ou mudança linguística e contexto social que se dão na atualidade – para o qual conta com dados confiáveis, autênticos e abundantes –, poderia compreender de forma razoável o que ocorreu na história da língua¹¹ (*apud* CONDE SILVESTRE, 2007, p. 40, tradução nossa).

As diferenças entre os estudos realizados pela sociolinguística sincrônica e a histórica apresentam, ainda, outras divergências. Hernández-Campoy e Schilling (2012) apontam sete problemas com o qual o pesquisador em sociolinguística histórica tem que lidar, a saber, representatividade, validade empírica, invariação, ideologia do padrão, autenticidade, autoria e validade social e histórica.

O princípio de representatividade junto ao de generalização foi considerado fundamental para manter o rigor do procedimento metodológico da sociolinguística variacionista. Esse preceito pressupõe que todos os membros de uma comunidade de fala deveriam ter a mesma oportunidade de atuar como informantes representativos dessa comunidade, a fim de manter as características sociológicas e demográficas dessa população (HERNÁNDEZ-CAMPOY; SCHILLING, 2012).

A perda e a preservação aleatória dos registros históricos impossibilitam que esse princípio seja aplicável as pesquisas em sociolinguística histórica, pois o caráter fragmentar dos dados, que é causado por consequência da falta de representatividade de algumas classes sociais, como a escrita feminina e de pessoas de classe social baixa, deixam lacunas nas amostras dessa parte da população, fato que impede que se construa um *corpus* representativo

¹¹ Texto original: “Los problemas del material lingüístico y social a disposición del investigador hacen que éste deba proyectar hacia el pasado los resultados de investigaciones actuales; su comprensión de los hechos lingüísticos de pasado deriva principalmente de la observación del presente, de manera que, analizando las relaciones entre variación o cambio lingüístico y contexto social que se dan en la actualidad – para lo cual cuenta con datos fiables, auténticos y abundantes –, podría entender de forma razonable lo que ocurrió en la historia de la lengua.”

da comunidade de fala estudada. Desse modo, segundo Hernández-Campoy e Schilling (2012), os linguistas devem ter cuidado ao escolher quais tipos de falantes, segmentos da população e formas linguísticas irão analisar, visto que não será possível remodelar os dados preexistentes à necessidade da pesquisa, essa deve ajustar-se ao material existente.

O problema da validade empírica está ligado de alguma forma com o problema da representatividade. O fato de que o sociolinguista histórico tem que lidar com uma amostra inevitavelmente limitada, mesmo com um grande *corpus* de análise, causa uma limitação na análise quantitativa ou nas medidas estatísticas. Não apenas limitações linguísticas em termos de tipo, quantidade e cobertura, mas também, os de caráter sociocultural, no qual as informações são obtidas, em sua maioria, a partir de estudos das comunidades atuais sobre o passado (HERNÁNDEZ-CAMPOY; SCHILLING, 2012).

Devido a essas limitações e restrições, a validade do *corpus* de dados históricos não pode e não deve ser avaliada pelo modelo quantitativo da sociolinguística sincrônica, pois é necessário saber que nem todos os parâmetros dessa metodologia poderão ser aplicados, muitas vezes não será possível encontrar medidas, como peso relativo, ou realizar análises multivariadas para checar o grau de correlação entre variáveis, como ocorre nesta pesquisa devido a lacunas em algumas células da análise. Diante disso, o linguista terá de trabalhar com dados que os registros históricos lhe fornecem, que pode ser desde uma frequência de uso até uma análise qualitativa de algum dado específico encontrado na amostra.

Outros problemas que acometem a sociolinguística histórica são a ideologia do padrão e o problema da invariação. O primeiro está ligado à noção de que determinadas línguas existem na forma padronizada (MILROY, 1999, 2001 *apud* HERNÁNDEZ-CAMPOY; SCHILLING, 2012). Hernández-Campoy e Schilling (2012) afirmam que, tanto do ponto de vista de linguistas como de não-linguistas, a ideologia do padrão influencia no sistema da língua e na sua evolução, ou seja, as sociedades humanas tendem a estabelecer uma forma padronizada de suas línguas, influenciadas por fatores sócio-histórico-culturais, e a adotar esse padrão como a forma correta da língua. Assim, os dialetos não padrões são considerados inferiores, derivados ou até mesmo perversões dessa língua padronizada, sendo evitados, principalmente, nos textos escritos. Importante ressaltar que nem os dialetos não padrões estão alheios a essa ideologia, visto que também se encontra um padrão, que pode ser observado nas hipercorreções registradas no próprio texto (OLIVEIRA, 2014).

Conde Silvestre (2007) discorre sobre a importância da padronização, tanto para análises a nível fonológico, mais comum na fala, como a nível gramatical, mais comum na escrita. Segundo o autor, é necessário saber que o comportamento e a importância da

padronização são muito variáveis em situações históricas, seus papéis dependem do estágio de tempo histórico analisado.

Na maioria das situações linguísticas contemporâneas, a padronização é um processo muito significativo: determinadas variedades adquiriram em virtude desse processo um prestígio e funções que outras não possuem, e que podem ser submetidos a medidas prescritivas por certos membros da comunidade. (ibid, p. 39, tradução nossa).¹²

O problema da invariação está diretamente relacionado à aparente uniformidade linguística registrada na escrita. De acordo com Hernández-Campoy e Schilling (2012), ter que lidar com dados conservados no meio escrito poderá restringir, a princípio, a probabilidade de variação linguística dado a formalidade, conservadorismo e normatividade que caracterizam esse meio, no qual as pessoas tendem a se adequar a uma língua padrão. Desse modo, uma importante questão com a qual os sociolinguistas históricos têm de lidar é se existe ou não variação na escrita.

As pesquisas realizadas na linguística sócio-histórica ou sociolinguística histórica respondem a esse questionamento ao mostrar que a língua escrita, aparentemente uniforme, também é sujeita a variações linguísticas assim como a língua oral, como observamos nos resultados das pesquisas apresentadas na seção de revisão da literatura, que registram a variação entre as formas do paradigma de *tu* e de *você* enquanto complementos e adjuntos de segunda pessoa do singular (SOUZA; OLIVEIRA; LOPES, 2011; SILVA, 2012; PEREIRA, 2012; FIGUEIREDO, 2013; SOUZA, 2014; OLIVEIRA, 2014; GALVES et al, 2016).

Segundo Hernández-Campoy e Schilling (2012), o linguista deve ser cauteloso para não exagerar na extensão de uma aparente uniformidade e na firmeza de suas conclusões quanto ao padrão da variação a qual estuda, pois provavelmente havia mais variação na língua falada da época do que as registradas no meio escrito. Além disso, as variações linguísticas nos documentos podem ocorrer devido às diferenças dialetais, demográficas, estilísticas, sociológicas ou entre os períodos de tempo. Desse modo, cabe ao linguista sócio-histórico fazer um bom uso desses dados, encontrando a variação em um meio, a princípio, uniforme.

¹² Texto original: “En la mayoría de las situaciones lingüísticas contemporáneas la estandarización es un proceso muy significativo: determinadas variedades han adquirido en virtud de este proceso un prestigio y unas funciones que no tienen otras, las cuales se pueden ver sometidas a medidas prescriptivas por parte de ciertos miembros de la comunidad”.

Apresentados os problemas ligados ao material histórico e a metodologia de pesquisa, há, ainda, questões ligadas aos informantes, a saber, o problema de autenticidade, autoria e validade social e histórica.

O primeiro problema está ligado à pureza dos textos, aos usos autoconscientes que os escreventes fazem da língua no meio escrito. Nas pesquisas em sociolinguística histórica se busca captar o vernáculo dos escritores analisados, no entanto, na maioria das vezes ao escrever, os informantes tentam se adequar a uma norma linguística que pode se desviar desse vernáculo. Hernández-Campoy e Schilling (2012, p. 68) argumentam que as formas linguísticas em documentos escritos podem refletir “um dialeto normativo que nunca foi a língua materna de nenhum falante”¹³ (tradução nossa). Essa situação leva ao questionamento da autenticidade dos textos escritos para um estudo em sociolinguística.

No entanto, na sociolinguística variacionista sincrônica também existem problemas com a autenticidade dos dados, como o fenômeno do paradoxo do observador, que consiste no fato de, ao buscar captar, por meio de gravações, o vernáculo do falante através de entrevistas sociolinguísticas semi-estruturadas, esse informante acaba fazendo um uso autoconsciente da língua por estar interagindo com uma pessoa com a qual não tem intimidade e por estar consciente da gravação, desse modo, eles buscam usar uma língua padrão ou uma variedade linguística prestigiada que pode não ser o seu vernáculo (LABOV, 2008 [1972]).

Essas situações de pesquisa fazem com que os sociolinguistas questionem a noção tradicional de dados de língua autênticos, visto que todas as comunidades estão propensas ao contato e a mistura com outros dialetos, também estão suscetíveis ao fato de que a fala, e a escrita, é passível de diversos usos autoconscientes que se adequam ao contexto sociolinguístico, além de estar sujeita a variações estilísticas que podem tornar impossível a captação de um vernáculo genuíno (HERNÁNDEZ-CAMPOY; SCHILLING, 2012, p. 68).

A questão da autoria do texto também deve ser cuidadosamente observada, pois alguns registros históricos, principalmente as cartas privadas, podem não ter sido autógrafas, escritas pelos remetentes, e sim, apógrafas, redigidas por escribas geralmente anônimos, através de um ditado. Esse costume era muito comum devido ao grau de analfabetismo existente em períodos históricos remotos. As famílias com maior status financeiro e social, por exemplo, tinham um secretário de família ou um capelão particular responsável pela escrita de cartas (HERNÁNDEZ-CAMPOY; SCHILLING, 2012, p. 69).

¹³ Texto original: “normative dialect that never was any speaker ’ s native language.”

A problemática é, além de descobrir a autoria dos registros, saber até que ponto o escriba interferiu na construção da carta. Bergs (2005, p. 79, tradução nossa) discute que “[...] a questão da autoria e dos escribas não desempenha um papel tão importante nas variáveis morfossintáticas como nas fonológicas e grafológicas [...]”¹⁴. Baseado na análise de cartas da família Paston, o autor verificou que muitas delas, apesar de serem escritas pelo mesmo escriba, registram uma morfossintaxe diferente em sua maioria, corroborando a afirmação da pouca influência desses escreventes em uma variação a nível morfossintático, como a variação dos pronomes objeto de segunda pessoa analisados nesta pesquisa.

A questão da validade social e histórica, segundo Hernández-Campoy e Schilling (2012, p. 68), diz respeito ao conhecimento limitado que temos sobre a posição social dos escritores e acerca da comunidade da qual fizeram parte, dito de outra forma, as informações sociais, históricas e culturais de sincronias passadas são restritas e escassas, o que pode acabar dificultando ou até mesmo invalidando uma pesquisa em sociolinguística histórica.

Assim, tendo em vista a importância desses aspectos extralinguísticos no processo de variação e mudança linguística, é necessário fazer uma reconstrução desses contextos para que o estudo desses processos seja viável, para isso a sociolinguística histórica faz uso de algumas disciplinas auxiliares, como a História Social. Esse processo de reconstrução não é uma tarefa fácil, mas essencial, uma vez que, ao usarem os padrões sociais, históricos e culturais da atualidade para analisar as variáveis sociodemográficas do passado, os sociolinguistas históricos podem cometer anacronismos.

Por fim, apesar dos problemas apresentados, a sociolinguística histórica não deve ser considerada empiricamente inválida e imprecisa, pois limitações nos dados, contradições e questões teóricas e metodológicas existem tanto na sociolinguística histórica quanto na sociolinguística sincrônica. Ademais, ela é uma área essencial para o estudo de variação e mudança linguística do passado, no qual as amostras de fala gravadas não estão disponíveis, além de tornar possível a correlação entre variáveis linguísticas e extralinguísticas em um período de tempo passado.

3.3 Princípios teóricos e metodológicos da sociolinguística histórica

¹⁴ Texto original: “[...] the question of authorship and scribes does not play such an important role in morphosyntactic variables as in phonological or graphological variables [...]”

Após apresentarmos os principais problemas que acometem a pesquisa em sociolinguística histórica, serão apresentados, nesta subseção, os princípios teóricos e metodológicos que essa disciplina dispõe para “solucionar” as problemáticas encontradas pelos linguistas em suas análises, ajudando-o a lidar com o estudo da variação e da mudança linguística em sincronias passadas. Desse modo, discorreremos sobre a utilidade do material escrito para um estudo de base sociolinguística, abordamos o princípio da uniformidade, a importância da história social e do estilo para a reconstrução do contexto extralinguístico.

3.3.1 A utilidade do material escrito

A noção de que a fala é sinônimo de língua, sendo a única manifestação verdadeira da linguagem, torna a escrita um substituto da fala ou uma pobre reflexão desta (ROMAINE, 1982, p. 16). Para os sociolinguistas históricos, conforme Conde Silvestre (2007), o peso que os pesquisadores sincrônicos colocam no material oral ligado à sua condição de produção, ao contexto e ao falante, como única fonte autêntica que pode originar uma investigação sociolinguística confiável é excessivo a ponto de estabelecer uma relação de dependência da escrita com a fala, tornando a escrita um material secundário para investigações.

Essa noção de validade exclusiva da fala não leva em consideração que a distinção entre fala e escrita se dá pela própria substância - gráfica e fônica - em que é veiculado cada sistema e pelas necessidades comunicativas que ambas desenvolvem. Em relação à comunicação oral, ela acontece em uma dimensão temporal, efêmera e dinâmica, e necessita da presença dos interlocutores para que seja estabelecida uma comunicação, a escrita, por outro lado, é espacial, permanente e estática, e geralmente ocorre quando um dos interlocutores não está presente no ato comunicativo (CONDE SILVESTRE, 2007).

Essas distinções acarretam diferenças estruturais, gramaticais e lexicais. Quanto às divergências estruturais, a oralidade tende a ser espontânea e flexível, nela as expressões podem se repetir, ser interrompidas e reiniciadas sem afetar o sucesso da comunicação; na língua escrita, por sua vez, a construção da mensagem a ser transmitida é cuidadosamente elaborada em um meio mais estável direcionado a perdurar no tempo. Notamos, também, que a escrita diferente da fala não conta com o fator contextual-situacional que ajuda a evitar ambiguidades no contexto imediato da fala, como o contato direto com o falante e o acesso completo ao contexto de produção da mensagem. No que diz respeito às diferenças

gramaticais e lexicais, estas vão desde o uso de expressões dêiticas, comuns na fala que necessitam de um contexto imediato de compreensão, até o estilo mais formal da escrita que geralmente busca se adequar a uma noção de língua padrão (CONDE SILVESTRE, 2007).

É importante ressaltar que mesmo diante de tais características, tanto a fala quanto a escrita possui níveis de (in)formalidade. Labov (2008 [1972]) reconhece que há estilos de fala mais espontâneos, menos monitorado, e um estilo mais formal, mais monitorado. No meio escrito esses níveis de (in)formalidade também são presentes, como discutiremos na seção 3.3.4, e pode ocorrer tanto entre gêneros diferentes, quanto no interior de um gênero específico, como, por exemplo, a carta pessoal que a depender do destinatário, das relações entre os interlocutores, do código, da intenção da comunicação (CONDE SILVESTRE, 2007) e da temática pode ser mais ou menos formal.

Essas diferenças entre a fala e a escrita, segundo Romaine (1982), mostram que elas são instâncias de uma mesma linguagem incorporada em um meio de comunicação distinto e que cada uma delas possui autonomia como veículo de transmissão da linguagem, mostrando que a escrita não é apenas um modo de registrar a fala, ela tem uma existência independente dela. Sendo assim, tanto uma quanto a outra enquanto instâncias de uma mesma linguagem possuem uma variação estruturada que é característica da linguagem em qualquer meio.

Desse modo, os métodos da sociolinguística, que geralmente são usados para analisar dados de fala, também deveriam ser usados para obter resultados significativos para o estudo do material escrito (CONDE SILVESTRE, 2007), pois, como afirma Romaine (1982), estabelecida as diferenças entre linguagem e meio parece desnecessário procurar suporte para dizer que técnicas linguísticas (que são também sociolinguísticas) são aplicáveis ao estudo da língua em seu meio escrito. De acordo com Conde Silvestre (2007, p. 44, tradução nossa),

A análise sociolinguística desses textos permitiria apreciar a sua própria variabilidade interna de forma objetiva e demonstrar que as escolhas expressivas realizadas pelos autores são bem estruturadas ou organizadas e pode se correlacionar com determinados fatores, que constituem o campo de estudo da sociolinguística¹⁵.

No entanto, não são todos os materiais históricos que servem para a análise sociolinguística, nem todos os textos têm o mesmo grau de variabilidade. Conde Silvestre (2007) argumenta que os materiais escritos que são mais úteis para as pesquisas

¹⁵ Texto original: El análisis sociolingüístico de estos textos permitiría apreciar su propia variabilidad interna de forma objetiva y demostrar que las elecciones expresivas que realizan sus autores están bien estructuradas u organizadas y se pueden correlacionar con determinados factores, que constituyen el ámbito de estudio de la sociolingüística.

sociolinguísticas são aqueles que registram uma interlocução que ocorreu ou poderia ter ocorrido no meio oral, pois esta forma textual apresentaria maior variação e permitiria a correlação entre as variáveis linguísticas e o contexto pessoal dos emissores e receptores do material escrito.

Considerando essa e outras circunstâncias que poderiam interferir na confiabilidade do material escrito, diversos autores elencaram os registros escritos que seriam mais confiáveis para o estudo da variação e da mudança linguística do passado, entre eles está Schneider (2002, p. 71-73) que apresenta cinco categorias de textos que tem certa confiabilidade para os estudos da sociolinguística histórica, são eles:

- a) Registros diretos de um ato de fala, em especial aqueles transcritos no momento em que a interação comunicativa ocorre, como, por exemplo, registros de julgamento (declarações de testemunhos, do acusado, de advogados);
- b) Registros de um ato de fala singular que foram relatados posteriormente ao seu acontecimento, geralmente a partir de notas e/ou memória, como as narrações feitas por antigos escravos;
- c) Registros de potenciais enunciados escritos que foram construídos apenas pelo escritor por falta da presença do receptor da mensagem, como as cartas privadas. Conde Silvestre (2007), em uma releitura de Schneider (2002), diz que nessa categoria incluem-se escritos que podem captar uma relação com as variedades do vernáculo oral do passado, incluindo também nessa categoria os diários pessoais.
- d) Registros escritos de observações acerca do comportamento linguístico de outras pessoas motivadas, geralmente, por atitudes prescritivas como, por exemplo, as observações de viajantes sobre determinada comunidade de fala;
- e) Registros de um ato comunicativo inventado ou imaginado, como os diálogos de personagens em uma obra literária, que mesmo não representando um ato comunicativo que ocorreu na vida real, é proferido por personagens fictícios cujo modelo de falante na vida real é familiar ao escritor.

Por fim, a suposta distância existente entre esses materiais escritos e uma determinada realidade oral não constitui um obstáculo para os estudos da variação e da mudança linguística em sincronias passadas, pois como conclui Romaine (1988, p. 1454), em forma de axioma, os registros históricos de linguagem “são válidos por si mesmos - como, em geral, são todas as amostras escritas do passado, independentemente de refletirem com fidelidade as

circunstâncias de sua emissão ou, ao contrário, estejam afastados dela”¹⁶ (*apud* CONDE SILVESTRE, 2007, p. 45, tradução nossa).

3.3.2 Princípio do uniformitarismo e o perigo do anacronismo

O princípio da uniformidade linguística ou princípio do uniformitarismo é um conceito basilar para o desenvolvimento dos estudos em sociolinguística histórica. Este princípio surgiu primeiramente no campo da geologia com a obra *Principles of Geology* (1833) de Charles Lyell com a proposta de que certos conhecimentos do passado poderiam ser inferidos pela observação dos estudos de fenômenos do presente. No século XIX, teóricos trouxeram esse princípio para a linguística (CONDE SILVESTRE, 2007).

No campo da sociolinguística, esse princípio transporta a variação inerente da língua do presente para o passado, derrubando, assim, a noção de invariação e compreendendo que em tempos remotos a língua varia da mesma forma estruturada de sincronias atuais. Desse modo, a variação na linguagem é condicionada por fatores linguísticos e sociais independente do período de tempo abordado. De acordo com Romaine (1982, p. 123, tradução nossa)

As forças linguísticas que operam hoje e que são observáveis à nossa volta não são diferentes daquelas que operaram no passado. Sociolinguisticamente falando, isto significa que não há razão para afirmar que a língua não variava no passado da mesma forma padronizada que se observou fazer hoje.¹⁷

Bergs (2012, p.80) argumenta que, com o princípio da uniformidade linguística, é possível usar conhecimentos adquiridos no estudo de fenômenos linguísticos do presente para obter conhecimentos que auxiliem os linguistas a compreender os fenômenos do passado, como foi brevemente abordado na seção anterior, assumindo, assim, que tudo que é possível ou impossível de ocorrer na língua hoje também o foi em um período mais remoto. Desse modo, ao fazer uma análise diacrônica de um material linguístico deve-se levar em consideração primeiro as variáveis conhecidas antes de buscar pelas desconhecidas.

¹⁶ Texto original: Son válidos en si mismos –como, en general, lo son todas las muestras escritas, del pasado-independientemente de que reflejan con fidelidad las circunstancias de su emisión o, al contrario, estén alejados de ella.

¹⁷ Texto original: “the linguistic forces which operate today and are observable around us are not unlike those which have operated in the past. Sociolinguistically speaking, this means that there is no reason for claiming that language did not vary in the same patterned ways in the past as it has been observed to do today.”

No entanto, é preciso ter cautela ao transferir o presente para o passado para não correr o risco de um anacronismo que, no sentido literal da palavra significa um contratempo, um erro cronológico que coloca alguma coisa, estado ou evento na história antes de ter ocorrido na realidade da época (BERGS, 2012, p. 82). Na sociolinguística, isso ocorre quando transferimos conceitos de uma época atual para uma passada que tinha construções distintas de fatores que atuam na linguagem do presente. Certamente, considerando o princípio da uniformidade, fatores como classe social, sexo, faixa etária e escolaridade que influenciam na variação do presente tem a possibilidade de influenciar os fenômenos do passado, no entanto, apesar de serem as mesmas variáveis, a constituição sócio-histórica da essência desses conceitos se dá de forma distinta no presente da que ocorria no passado.

Bergs (2012) apresenta dois tipos de anacronismo: o factual, que se aplica apenas a fatos históricos, como a localização de um relógio de pulso no império romano, visto que, nesse período, o objeto ainda não existia; e o construcional ou ideativo, que é aquele aplicado a uma ideia ou conceito, como a noção moderna de infância que é bem diferente da ideia que a população da idade média fazia dela, nessa época uma criança de sete anos era considerada uma pessoa adulta, conceito que destoa da noção de infância que se tem na modernidade. Desse modo, as pessoas devem avaliar a forma como a sociedade pré-moderna tratavam suas crianças de acordo com a ideologia, o sistema de valores e moral da época.

Os fatores sociolinguísticos, em um estudo diacrônico, também devem ser analisados levando em consideração a constituição social, histórica e cultural do período de tempo abordado para que as conclusões da pesquisa não acabem sendo errôneas. Desse modo, conforme afirma Conde Silvestre (2020, tradução nossa) baseado em Nevalainen (2011, p. 280), o princípio da uniformidade linguística poderá ser aplicado efetivamente nos estudos da sociolinguística histórica somente se as conclusões da pesquisa forem baseadas em “[...] dados empíricos [...] embasados em documentos confiáveis que mostram variação nos usos e contextos linguísticos de uma comunidade claramente reconstruída”¹⁸ (Informação verbal)¹⁹.

3.3.3 A importância da História Social

¹⁸ Texto original: [...] datos empíricos [...] basados en documentos fiables que muestran variación en los usos y contextos lingüísticos de una comunidad claramente reconstruida.

¹⁹ Informação fornecida por Conde Silvestre na palestra Célia Sociolinguística Histórica, tratamento de corpora e história do português brasileiro, evento online da ABRALIN ocorrido em 07 de dezembro de 2020.

Observar as relações sociais ocorridas em um lugar e tempo específicos é um dos passos fundamentais para compreender os processos de variação e mudança linguística dessa época (MILLAR, 2012). Assim, a história social é uma importante disciplina auxiliar da sociolinguística histórica, pois possibilita reconstruir o contexto social e histórico no qual os informantes estavam inseridos.

Conde Silvestre (2007), baseado em Burke (1980), afirma que a História Social aborda a formação de distintos grupos sociais, suas estruturas, relações, conflitos, entre outros aspectos da sociedade e do comportamento humano. Desse modo, essa disciplina fornece dados históricos, demográficos e estatísticos para o sociolinguista histórico.

De acordo com Burke (1992 *apud* CONDE SILVESTRE, 2007), não é muito difícil de identificar nos manuais ou ensaios da História Social a reconstrução de tópicos relevantes para a sociolinguística histórica, como os papéis sociais, as relações de poder e solidariedade, as relações entre os sexos, a construção de gênero, as construções ideológicas e as estruturas e mobilidades sociais, entre outras questões que podem caracterizar as relações humanas do período de tempo estudado.

Desse modo, Richter (1985, p.57-58 *apud* CONDE SILVESTRE, 2007, p.63) afirma que a história social dá ao linguista “parte da informação necessária para reconstruir as variáveis históricas independentes que poderiam estar correlacionadas com a variação e a mudança”, como, por exemplo, a classe social, o fator socioeconômico, as relações interpessoais, lugar de origem e escolaridade. Assim, o uso da História Social evita que os modelos sociais do presente sejam usados para análises históricas de períodos passados.

No entanto, em alguns casos não é possível obter as informações necessárias para reconstruir o passado usando apenas a História Social, nessas situações, a sociolinguística histórica pode recorrer a outros recursos para essa reconstrução, como a análise do estilo.

3.3.4 O uso do estilo para reconstrução do contexto de produção dos registros históricos

Se a História Social usa de informações sociais para reconstruir variáveis extralinguísticas, o estudo da estilística, por outro lado, parte do próprio texto para realizar essa reconstrução de variáveis independentes que puderam estar envolvidas no processo de variação e mudança em algum momento do passado. A observação do estilo permite ao

pesquisador reconhecer elementos próprios do gênero discursivo e aqueles que seriam intervenções da linguagem do escrevente (OLIVEIRA, 2014).

De acordo com Conde Silvestre (2007, p. 53, tradução nossa),

A seleção de um estilo por parte do falante [escrevente] supõe que seus usos linguísticos se adaptam a algumas das possibilidades sociolinguísticas que se dão em sua comunidade, quer dizer, que se pode estabelecer uma correlação entre a frequência de aparição de certas características no estilo de um falante [escrevente] individual e os que caracterizam habitualmente a um grupo social concreto (Bell, 1984: 151; Moreno Fernández, 1998: 94-95; Schilling-Estes, 2002: 382)²⁰.

Labov (2008 [1972]) foi um dos pioneiros no estudo da correlação entre o estilo e a estratificação social. Em sua pesquisa em Nova York, o autor estabeleceu um contínuo estilístico com cinco estilos baseados no grau de atenção/monitoramento que o falante exerce sobre sua própria fala, conforme podemos observar no quadro 1.

Quadro 2 - Contínuo estilístico estabelecido por Labov.

Estilo	Grau de atenção do falante	Contexto
Fala espontânea	Mínimo	Formalidade mínima
Fala informal		
Fala cuidada		
Fala formal: Leitura de textos		
Fala formal: Leitura de palavras e pares mínimos	Máximo	Formalidade máxima

Fonte: Conde Silvestre (2007, p. 54)

Conforme o quadro acima, em um extremo do contínuo se localiza o estilo de fala mais espontâneo que, por sua vez, estaria ligado a um grau de monitoramento menor e a um contexto comunicativo informal, e, do outro, um estilo de fala mais cuidada/formal que pressupõe um grau maior de monitoramento e está relacionado a contextos mais formais.

²⁰ Texto original: la selección de un estilo por parte del hablante supone que sus usos lingüísticos se adaptan a algunas de las posibilidades sociolingüísticas que se dan en su comunidad, es decir, que se puede establecer una correlación entre la frecuencia de aparición de ciertos rasgos en el estilo de un hablante individual y los que caracterizan habitualmente a un grupo social concreto (Bell, 1984: 151; Moreno Fernández, 1998: 94-95; Schilling-Estes, 2002: 382).

Apesar da importância desse modelo para o desenvolvimento da sociolinguística histórica, há críticas em diferentes aspectos, a saber, o fato de subestimar a relevância de fatores essenciais para o processo de comunicação, como o ouvinte, o contexto situacional, o código, o canal, as relações entre os falantes e a intenção da fala. Esses aspectos também contribuem para a (in)formalidade estilística, conforme pontua Conde Silvestre (2007).

Desse modo, Traugott e Romaine (1989, p. 28-29) afirmam que, na sociolinguística histórica, o estilo é compreendido como

O resultado de uma relação comunicativa entre os participantes de um ato de fala, os quais negociam cada ato de fala e o dotam de um ou de outro em virtude de uma série de fatores pessoais e contextuais, mas também em função de sua própria imersão na estrutura social da comunidade de fala, do desenvolvimento de funções socioprofissionais concretas e do estabelecimento de redes de relações pessoais, mais além da interação comunicativa em questão²¹ (apud CONDE SILVESTRE, 2007, p.59, tradução nossa).

Nessa perspectiva, o estilo é influenciado por diversos fatores que foram divididos em dois grupos por Moreno Fernandes (1998). O primeiro grupo diz respeito a fatores pessoais, nele está incluso: (a) o falante, o controle que ele exerce sobre seu discurso e as limitações sociolinguísticas, históricas e geográficas que está submetido; (b) o interlocutor, a quantidade de pessoas que participam da interlocução (estabelecendo relações unilaterais ou multilaterais), a atenção que este, como interlocutor, presta ao discurso (casual ou plena, interpelados diretamente ou não); e (c) o tipo de relação entre eles (formal, íntima, casual etc).

O segundo aborda aspectos não pessoais, nesse grupo está incluído aspectos sobre: (a) os elementos discursivos como o tema (formal ou informal, pessoal ou impessoal), o tipo de comunicação (conversa livre ou dirigida ou monólogo) a tipologia discursiva, ou como diz o autor, o gênero discursivo (narrativo, expositivo, descritivo) e (b) os elementos contextuais, como o lugar (familiar ou não), o tipo de atividade comunicativa que pode ser pública ou privada e o momento em que acontece a interação (adequado ou inadequado).

A sociolinguística histórica deve tentar abarcar esses fatores para a formação completa de um estilo, assim, essa disciplina deve ter dois objetivos relacionados à estilística. O primeiro é a reconstrução das relações existentes entre os componentes do ato de fala que define os diferentes estilos nas distintas comunidades e o segundo é a identificação da própria

²¹ Texto original: El resultado de una relación comunicativa entre los participantes en un hecho de habla los cuales negocian cada acto de habla y lo dotan de uno u otro en virtud de una serie de factores personales y contextuales, pero también en función de su propia inmersión en la estructura social de la comunidad de habla, del desarrollo de funciones socioprofesionales concretas y del establecimiento de redes de relaciones personales, más allá de la interacción comunicativa de que se trate.

mudança estilística, das funções e significados, que emerge, varia ou desaparece em consequência das alterações ocorridas nas relações entre componentes do ato de fala (TRAUGOTT; ROMAINE, 1985 *apud* CONDE SILVESTRE, 2007).

No entanto, alcançar esses objetivos em amostras de línguas de sincronias passadas depende do tipo de registro histórico analisado, uma vez que nem todos os documentos escritos contêm os fatores relevantes para a delimitação dos estilos do passado, desse modo, é necessário escolher materiais históricos que contenham maior informação contextual e a respeito dos interlocutores, como as cartas privadas (CONDE SILVESTRE, 2007).

Por fim, Conde Silvestre (2007) argumenta que não existe uma fórmula definitiva que possibilite a reconstrução das variáveis sociais por meio do estilo, o trabalho depende do material que o linguista dispõe e da possibilidade de correlacionar os fatores pessoais e não pessoais com a frequência com que certas características linguísticas aparecem no texto.

3.4 Síntese do capítulo

Na presente seção, discorreremos brevemente sobre a perspectiva linguística que estuda a mudança linguística através de uma noção de língua heterogênea; abordamos, também, o papel dos fatores sociais nesse processo (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006) e apresentamos a sociolinguística histórica e seus objetivos. Em seguida, discutimos sobre as particularidades de uma pesquisa nesse campo e apontamos algumas divergências entre as pesquisas em sociolinguística sincrônica e histórica que ocorrem por diversos motivos já discutidos, entre eles, o material analisado, os informantes e o contexto sócio-histórico analisado.

Após apontar as problemáticas, expomos os pressupostos teóricos e metodológicos do qual dispõe a sociolinguística histórica para tornar possível pesquisas de sincronias passadas que levam em consideração, em sua análise, a influência dos fatores linguísticos e extralinguísticos para a variação e a mudança na língua.

4. METODOLOGIA DE PESQUISA

Neste capítulo apresentamos a metodologia adotada nesta pesquisa. Para tanto, o capítulo é dividido em seis seções: a primeira explica por que o gênero carta; a segunda apresenta o *corpus* que será analisado; a terceira apresenta a variável dependente, as independentes e as hipóteses para essas variáveis; a quarta mostra o software, o tipo de análise e os tipos de testes realizados para compreender os usos dos pronomes objetos de segunda pessoa do singular; a quinta discorre sobre a vida de Graciliano Ramos e o contexto sócio-histórico que estava inserido; e a sexta seção apresenta algumas reflexões finais do capítulo.

4.1 Por que o gênero carta?

Diante da quantidade de materiais históricos que podem ser tomados para análise em sociolinguística histórica cabem os seguintes questionamentos: por que escolher o gênero carta, particularmente cartas pessoais? Quais as suas contribuições para um estudo que aborda a variação e a mudança linguística das variantes *tu* e *você* em contextos sintáticos de complementação na escrita alagoana em sincronias passadas?

O principal motivo está relacionado com a própria natureza discursiva do gênero que tem um caráter dialógico (cf. OLIVEIRA, 2014), o que proporciona um ambiente favorável ao aparecimento dos pronomes de referência à segunda pessoa do singular. A realização desses pronomes necessita da interação entre duas pessoas, seja em uma interação em que todos os participantes estejam presentes no ato comunicativo ou aquela em que um dos interlocutores não está presente no tempo e espaço que ocorreu o ato comunicativo.

Schneider (2002) categoriza os textos que são confiáveis para pesquisas que estudam a variação e a mudança linguística em sincronias passadas, dentre os tipos de textos apresentados está a carta, que é vista como um gênero que representa uma conversa. Devido à ausência de um dos interlocutores, a carta teve que ser escrita, sendo assim muito próxima da fala por reproduzir uma conversa à distância.

Dentre os diversos tipos de cartas, a carta pessoal tem mais características da oralidade devido às circunstâncias em que foi escrita e para quem foi direcionada, sendo mais espontânea e menos formal, o que contribui para um registro maior de variação linguística do

que as cartas não-pessoais, como as de agradecimento, de recomendações ou aquelas assimétricas, como as de apelo/recurso, nas quais os “escritores normalmente recorrem a tradições discursivas com padrões e rotinas de discurso altamente formalizados²²” (ELPASS, 2012, p. 158, tradução nossa). De acordo com Souza (2012, p. 59),

[...] a carta pessoal estabelece uma comunicação marcada pela espontaneidade, já que o grau de relacionamento entre os missivistas é de proximidade. É claro que há níveis diferentes de intimidade entre remetente e destinatário, mas, de forma geral, as cartas pessoais são como ‘conversas escritas’ [...].

Nessa comunicação por meio de cartas pessoais, o sujeito traz à interlocução “discursos de uma vida cotidiana, materializados linguisticamente nos textos” (SILVA, 2002, p. 101). Segundo Silva (2002, p. 100), tanto o remetente quanto o destinatário nessa interação

trazem, à cena enunciativa, sistemas de crenças, de valores e de saberes, filiados a quadros das atividades de uma formação social, construídos no seio das práticas sociais reais da vida cotidiana, deixando assim entrever o papel/identidade social assumido por cada um deles ou, em outros termos, a posição identitária ali investida (cf. também Bronckart, 1999).

Desse modo, os missivistas, como sujeitos, ao escrever uma carta pessoal fazem uso de elementos da vida cotidiana para tentar diminuir a distância física entre os interlocutores, por causa do caráter de proximidade que possui esse gênero (cf. OLIVEIRA, 2014).

Outro benefício ao usar cartas, em sociolinguística histórica, é o fato de que elas trazem informações do contexto social que envolve a comunicação, como a data e o local que foi redigido o material, além de informações sobre o remetente e destinatário, como o tipo de relação estabelecida entre eles, permitindo (re)construir o perfil social e linguístico do missivista e possibilitando a reconstrução de variáveis extralinguísticas que poderiam ter condicionado o processo de variação e mudança linguística do fenômeno estudado.

Nesse contexto, as cartas pessoais contribuem de forma significativa para os estudos em sociolinguística histórica e, principalmente, para captar os pronomes de referência à segunda pessoa do singular, por conceber uma interlocução e por causa de seu caráter pessoal e privado que acaba promovendo variação linguística. Embora nas cartas pessoais, assim como todo material escrito, os sujeitos não escrevessem exatamente como falavam na época abordada, baseamo-nos na noção de que “se há variação no texto da carta pessoal – por menor

²² Texto original: writers usually draw on discourse traditions with highly formalized discourse patterns and routines.

e mais discreta que seja – então essa variação deveria ocorrer de forma mais acentuada na língua falada da época” (OLIVEIRA, 2014, p. 85).

4.2 Constituição do corpus

O *corpus* dessa pesquisa é constituído por 457 ocorrências retiradas de 110 cartas escritas pelo ilustre alagoano Graciliano Ramos entre o período de 1910 a 1952. As missivas estão compiladas no livro *Cartas* (2011), publicado pela editora Record. Do total de 112 cartas contidas na obra, duas cartas, a de número 15 e 112, foram excluídas da análise pelo fato de estarem destinadas a mais de um interlocutor, o que impediu a ocorrência das formas de referência a segunda pessoa do singular.

A publicação das cartas do escritor brasileiro foi iniciada por Heloísa Ramos, esposa de Graciliano Ramos, que decidiu divulgar as correspondências do marido 27 anos após sua morte. De acordo com a sua nota contida no livro *Cartas* (2011), Heloísa (2011[1980], p. 06), com essa publicação, tem a intenção de deixar o próprio Graciliano Ramos “revelar suas relações com o cotidiano e as pessoas com as quais de perto conviveu - e isto sem a fragmentação de documentos e sem interpretações passionais. [Assim] os futuros estudiosos e biógrafos passam a contar com uma fonte documental direta”.

No entanto, as cartas íntimas destinadas a Heloísa Ramos não são as únicas que compõem o conjunto da obra, há, também, missivas endereçadas a um amigo e alguns familiares, pai, mãe, irmãs, filho e cunhado, que, a pedido de Heloísa, disponibilizaram as cartas para divulgação, o que possibilita analisar o comportamento linguístico de Graciliano Ramos em interação com uma diversidade de pessoas em relações pessoais distintas.

4.3 Variável dependente e variáveis independentes

4.3.1 Variável dependente

Para a análise da variação dos pronomes objetos de segunda pessoa do singular, a variável dependente é representada pelos paradigmas de *tu*, de *você* e as formas nulas. Lopes

et al. (2018) mostram que fazem parte do paradigma original de referência à segunda pessoa do singular: a forma nominal *tu*; o acusativo *te*; os dativos *te* e *preposição + ti*; o oblíquo *preposição + ti*; e o genitivo *teu*. Enquanto as estratégias do paradigma de *você* são: a forma nominal *você*; o acusativo *o, a, lhe* e *você*; o dativo *lhe* e *preposição + você*; o oblíquo *preposição + você*; e o genitivo *seu*.

No entanto, limitamos o nosso *corpus* aos complementos estritamente verbais, acusativo e dativo, não sendo o oblíquo selecionado por não se restringir a apenas a complementação verbal²³. Assim, ao tratar do paradigma de *tu* referimo-nos ao agrupamento *te* e *a/para ti* e, quando abordamos o paradigma de *você* fazemos referência às estratégias *o, a, lhe, você* e *a/para você*, conforme exemplos abaixo encontrados nas missivas analisadas.

- (1) “Meu velho: Fiz um papel desgraçado em não *te* escrever quando recebi o almanaque. Mas a triste figura que fiz teve um motivo: tenho estado doente como um corno” (C. 05, A. J Pinto, 1913).
- (2) “A primeira é esta: soube que andas feito noivo, que tua noiva se chama Isaura, tem dezesseis anos e é filha do Brandão. Se ainda não sabias isso, fica sabendo. E dá parabéns *a ti* mesmo” (C.33, A J. Pinto, 1926).
- (3) “Tu me desculparás eu estar aqui a falar de coisas que não têm absolutamente importância *para ti*” (C. 17, A Leonor, 1914).
- (4) “Encontrei-me com o padre João Inácio e com o José Leonardo. Ambos mandam-*lhe* lembranças” (C.03, A Sebastião Ramos, 1911).
- (5) “Dona Ló: Conversei há pouco com o Antônio Augusto, que me disse ter visto *você* a semana passada em Palmeira de Fora” (C.78, A Heloísa, 1935).
- (6) “Estou cansado de lidar com cabeças de pau. Enfim, como não pretendo viver muito, é bom que se vão arranando. Esperei-*a* sexta-feira e sábado” (C. 89, A Heloísa, 1936).
- (7) “Escrevi-lhe ontem uma carta, que Helena não $\emptyset$ mandou porque o caminhão do Antônio Augusto não veio para o transporte da mala” (C. 74, A Heloísa, 1935).
- (8) “D. Heloísa me disse que tinha escrito *a você* e que havia procurado intrigá-la comigo, mas eu respondi que ela ainda estava nova para andar tecendo fuxicos”

²³ As relações gramaticais oblíquas não são centrais como o objeto direto e indireto, por esse motivo, nessas relações, há “tanto argumentos obrigatórios e opcionais do predador verbal (i.e., complementos do verbo) como adjuntos” (DUARTE, 2003, p. 294). Sendo assim, decidimos analisar o comportamento do oblíquo em uma pesquisa futura, tendo em vista seu comportamento distinto do acusativo e dativo que tem sua complementação restrita à complementação verbal.

(C. 61, A Heloísa, 1932).

- (9) “São ou não são uns bichos? Afinal, a muito custo, manda lembranças *para você* e para os meninos” (C. 61, A Heloísa, 1932).

Assim, após delimitação da variável dependente, baseamos nossa hipótese de pesquisa nos trabalhos da seção de revisão da literatura e partimos do pressuposto de que as formas do paradigma de *tu* serão mais frequentes no *corpus* analisado, no entanto, já haverá indícios do uso das estratégias do paradigma de *você* na função de complemento verbal nesse período.

É importante ressaltar que, devido à pequena quantidade do acusativo no *corpus*, a análise desse contexto morfossintático como variável dependente deixaria muitas lacunas estatísticas, que por causa das limitações da pesquisa com dados históricos, não puderam ser preenchidas. Como uma forma de amenizar essas lacunas, analisamos os contextos, acusativo e dativo, em conjunto, compreendendo que são funções sintáticas distintas, mas que são, antes de tudo, pronomes objetos de segunda pessoa do singular. Desse modo, abordamos o contexto morfossintático como variável independente, com o intuito de verificar qual contexto favoreceu o uso das formas do paradigma de *você* e qual favoreceu as estratégias de *tu*.

4.3.2 Variáveis Independentes

Como variáveis independentes serão analisados os grupos de fatores linguísticos contexto morfossintático e subsistema tratamental na posição de sujeito; e os grupos de fatores extralinguísticos período, tipo de relação entre os remetentes e subgênero das cartas.

4.3.2.1 Contexto Morfossintático

Em relação à variável independente contexto morfossintático, analisamos os complementos verbais acusativos e dativos. Para tanto, consideramos aqui como acusativo a relação gramatical que exerce a função de objeto direto. Para Duarte (2003), “tem essa relação gramatical os argumentos internos, directos de predadores verbais de dois ou três lugares cujo papel semântico é, tipicamente, tema” (DUARTE, 2003, p. 284).

Complementamos essa definição com Castilho (2014), que aponta que o papel temático do objeto direto é de paciente e com o gramático Rocha Lima (2011), que apresenta

o mesmo critério de caracterização e afirma que o objeto direto indica (1) o ser sobre o qual recai a ação do verbo, (2) o resultado da ação verbal e (3) o conteúdo dessa ação do verbo.

De acordo com a perspectiva tradicional das gramáticas normativas (BECHARA, 2009; ROCHA LIMA, 2011), o pronome que desempenha a função acusativa seria exclusivamente o clítico *te*. No entanto, com a implementação do *você* surgem outras variantes que ocupam a mesma posição morfossintática, as formas *te*, *você*, $\emptyset$, *lhe* e *o/a* (LOPES; CAVALCANTE, 2011; SOUZA, 2014). Alguns exemplos de realizações do acusativo no português brasileiro registrados nas cartas de Graciliano Ramos foram:

- (10) “Estive, há dias, a palestrar com essa criatura que *te* prende. Falamos de ti longamente” (C.08, A J. Pinto, 1914).
- (11) “Ló: Álvaro Paes me disse há dias que você estava para vir. Esperei-*a*, preparei festa, até contratei a música do Paurílio e estive para mandar Regina assassinar um peru” (C. 89, A Heloísa, 1936).

Os contextos morfossintáticos dativos e oblíquos, por sua vez, são relações gramaticais bastante discutidas pela literatura linguística, vários pesquisadores buscam estabelecer critérios para distinguir tais relações (DUARTE, 2003; SOUZA, OLIVEIRA; LOPES, 2011; LOPES; CAVALCANTE, 2011), isso devido à semelhança sintática de ambos serem constituídos por um sintagma preposicionado. Sendo assim, embora não analisemos o contexto morfossintático oblíquo em nosso *corpus*, faz-se necessário distingui-los.

Consideramos aqui como dativo, o elemento gramatical que desempenha a função de objeto indireto. O constituinte com essa relação gramatical é um argumento interno típico de verbos de dois ou três lugares com papéis semânticos de alvo, fonte e beneficiário e tem geralmente o traço de argumento [+ animado] (DUARTE, 2003; BERLINCK, 1996 *apud* LOPES; CAVALCANTE, 2011). Assim, no que concerne ao dativo, após a inserção do *você* no quadro pronominal do PB, podemos verificar a variação entre as formas *te*, *lhe*, $\emptyset$, *a/para ti* e *a/para você*. Alguns exemplos de ocorrências do dativo nas missivas analisadas são:

- (12) “E, para que v. não fique assustada, escrevo-*lhe* dizendo que acho a sua terra perfeitamente habitável” (C. 49, A Heloísa, 1930).
- (13) “Garay me diz que mandou *para você* o número do *Mundo Argentino* que trouxe o conto” (C.104, A Heloísa, 1937).

- (14) “Meu pai: Recebi sua carta e ainda desta vez não posso $\emptyset$ informar sobre o negócio da venda de quatro burros a Júlio Amorim” (C.06, A Sebastião Ramos, 1913).

As estratégias oblíquas, por sua vez, além de serem obrigatoriamente tônicas e regidas por preposição, não possuem necessariamente o traço [+ animado], não cumprem o papel semântico de alvo ou fonte e não possuem restrições quanto às preposições do sintagma preposicionado, podendo ser encabeçadas por: *em, com, por, de, a, sem e para* (SOUZA; OLIVEIRA; LOPES, 2011).

Lopes e Cavalcante (2011), baseadas na leitura de Duarte (2003), afirmam que a diferença elementar entre as relações gramaticais dativas e oblíquas está na possibilidade de clitização dos sintagmas preposicionados sem torná-los agramaticais. Aplicando esse princípio, consideramos as ocorrências em (15) e (16) como complementos dativos e a estratégia usada em (17) como complemento oblíquo:

- (15) “O Edgar me escreveu dizendo que ia tentar conseguir *para você* uma nomeação provisória no Banco, até a realização do concurso” (C. 105, A Júnio, 1938).

→ O Edgar me escreveu dizendo que ia tentar conseguir-*lhe* uma nomeação provisória no Banco, até a realização do concurso.

- (16) “Garay me diz que mandou *para você* o número do *Mundo Argentino* que trouxe o conto” (C.104, A Heloísa, 1937).

→ Garay me diz que *lhe* mandou o número do *Mundo Argentino* que trouxe o conto.

- (17) “Você traduzirá como achar melhor. Múcio entregou-me dois papéis *para você*” (C. 63, A Heloísa, 1932).

→ Você traduzirá como achar melhor. Múcio entregou-me dois papéis *lhe*. *

Exposto os contextos morfossintáticos que serão analisados neste estudo, partimos da premissa de que a inserção das formas do paradigma de *você* no português brasileiro ocorreu de forma distinta a depender do contexto morfossintático empregado, conforme demonstrou Pereira (2012). Acreditamos, baseado em Galves et al. (2016), que o contexto dativo favorece mais o emprego das formas do paradigma de *você* do que o contexto acusativo que favorece mais as estratégias do paradigma de *tu*.

4.3.2.2 Subsistema tratamental na posição de sujeito

Quanto ao subsistema de tratamento na posição de sujeito, Lopes e Cavalcante (2011, p. 37) afirmam que atualmente no português brasileiro coexistem pelo menos três subsistemas na posição de sujeito, são eles: subsistema I: Somente *tu* na posição de sujeito, como observamos em (18), subsistema II: somente *você* na posição de sujeito, como observamos em (19), e subsistema III: variação entre *tu* e *você*, como observamos em (20).

- (18) “Já sabia que Maria Augusta te havia escrito pedindo informações sobre a doença de meu pai. E **tu** respondeste ‘muito amavelmente’, porque **tu** és ‘muito amável, muito delicada’... São palavras mais ou menos textuais” (C. 22, A Leonor, 1915).
- (19) “Há alguns dias, no sábado, mandei-lhe um bilhete e cinquenta mil-réis. Provavelmente **você** terá recebido essa fortuna. Não me lembrei de tirar a medida que **você** pediu [...]” (C. 60, A Heloísa, 1932).
- (20) “**V.** julgava estar fazendo coisa sem sentido? Não, senhor, tudo aqui está muito bom, fique **v.** sabendo. [...] **tu** o poderás ver na *Versificação* de Olavo Bilac e Guimarães Passos” (C. 09, A J. Pinto, 1914).

No entanto, houve situações em nosso *corpus* em que nenhum pronome sujeito de segunda pessoa do singular foi usado durante toda a carta. Nessas situações, baseando-nos em Silva e Lopes (2021), atribuímos a nomenclatura sem referência pronominal.

Embasadas no mapeamento realizado por Scherre et al. (2009), as autoras também mostraram que em algumas regiões brasileiras há o uso predominante de *tu*, como em Porto Alegre e São Borja, enquanto em outras localidades prevalece o *você* de forma majoritária, como, por exemplo, na Bahia e Belo horizonte. No entanto, na maioria das comunidades linguísticas do português brasileiro há variação entre as duas formas de referência à segunda pessoa do singular, como ocorre em Campina Grande e Fortaleza.

Baseado no princípio da uniformidade linguística, usamos o conhecimento adquirido no presente para auxiliar na reconstrução do conhecimento linguístico do passado, assim, buscamos encontrar, nas cartas de Graciliano Ramos, os três subsistemas propostos por Lopes e Cavalcante (2011) e correlacioná-los com os complementos verbais de segunda pessoa do singular.

Desse modo, pressupomos que nas missivas de *tu* como sujeito exclusivo o uso das formas do paradigma de *tu*, em outras funções sintáticas, sejam predominantes; já em relação às cartas de *você* como sujeito exclusivo, esperamos que as estratégias do paradigma de *você* sejam favorecidas, conforme demonstrado em Souza, Oliveira e Lopes (2011), Pereira (2012) e Galves et al (2016). Nas missivas de sujeito misto, por sua vez, acreditamos que apesar das formas do paradigma de *tu* serem mais empregadas, as estratégias do paradigma de *você* alcançarão um uso maior que no subsistema de *tu* como sujeito exclusivo, assim, haverá maior variação entre os dois paradigmas de referência à segunda pessoa do singular nesse caso, como pode ser visto em Galves et al. (2016).

4.3.2.3 Período

A variável tempo, apontada como significativa nos trabalhos de Pereira (2012), Souza (2014) e Oliveira (2014), é separada aqui em dois períodos: período I – formado pelas cartas pessoais de 1910 à 1928; e período II – composto pelas missivas de 1930 à 1949. A produção epistolar da década de 1950, a priori considerada para a análise, teve sua única carta desconsiderada por ser endereçada a mais de uma pessoa, o que tornou inviável a realização do fenômeno linguístico analisado. Essa separação entre período I e II foi estabelecida, por causa da implementação do *você* como pronome sujeito no português brasileiro que ocorreu a partir da década de 1930, conforme aponta Rumeu (2012; 2019) e Lopes e Cavalcante (2011).

No que diz respeito a esse grupo de fatores, partimos do pressuposto de que, embora seja esperado que as formas pronominais do paradigma de *tu* sejam mais frequentes durante todo o período abordado, como presumimos em nossa hipótese geral, o emprego das formas do paradigma de *você* tornar-se-ia mais frequente após 1930, visto que a implementação do *você* como pronome sujeito de segunda pessoa ocorreu a partir desse período reorganizando o quadro pronominal do português brasileiro (RUMEU, 2012; 2019).

4.3.2.4 Tipo de relação entre os remetentes

Para a análise da variável tipo de relação entre os interlocutores das cartas pessoais recorreremos ao texto de Brown e Gilman (1960), “*The pronouns of Power and solidarity*”, no

qual os teóricos reconhecem que o uso da língua pode refletir aspectos sociais, históricos e políticos da organização estrutural de uma sociedade.

Os autores discorrem sobre as relações interpessoais que influenciam o uso de T e V (do latim *tu* e *vos*), que são designados simbolicamente dessa forma para indicar os pronomes de referência analisados, posto que são vistos em outras línguas em divergentes formas, como em francês *tu* e *vous*, em inglês *thou* e *ye* (depois *you*) e em espanhol *tu* e *vos* (que após um tempo passou a *usted*).

A semântica de T e V baseia-se nas relações interpessoais de poder e solidariedade. Por semântica entende-se a “correlação entre o pronome usado e a relação objetiva existente entre falante e destinatário” (BROWN; GILMAN, 1960, p. 252).

A semântica do poder ocorre com base nas diferenças entre os interlocutores, divergências essas que tornam um interlocutor hierarquicamente superior a outro. Há várias fontes de poder em uma sociedade, o papel do falante em instituições sociais como família, trabalho e igreja são algumas delas, assim como riqueza, idade, classe social e sexo. A estrutura da semântica do poder é não recíproca e assimétrica, ou seja, nessa relação de poder o interlocutor que detém o poder usa T e recebe V do interlocutor hierarquicamente inferior.

A semântica da solidariedade, por outro lado, é caracterizada por relações simétricas e recíprocas, nas quais os interlocutores se referenciam mutuamente com o mesmo pronome (BROWN; GILMAN, 1960). Rumeu (2011, p.117) afirma que o pronome que caracteriza esse tipo de relação é o solidário T, no entanto, o uso de V entre os hierarquicamente superiores mostra essa relação interpessoal “como um relacionamento movido pela Solidariedade”.

Para a análise dos pronomes objetos de referência à segunda pessoa do singular adotamos a nomenclatura usada por Rumeu (2011), definida com base nas seguintes relações interpessoais: i. entre iguais ou relação simétrica; ii. de inferior para superior ou relação assimétrica ascendente e iii. de superior para inferior ou relação assimétrica descendente.

Ao levarmos em consideração a teoria do poder e da solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960), partimos do pressuposto de que as formas do paradigma de *tu* serão mais empregadas em relações solidárias, onde há simetria entre os interlocutores, e nas assimétricas descendentes, nas quais o escrevente detém algum tipo de poder sobre o destinatário. Enquanto as estratégias de *você*, por sua vez, serão mais favorecidas pelas interações em que o destinatário exerce certo poder sobre o escrevente, em uma relação assimétrica ascendente.

4.3.2.5 Interlocutores

No que diz respeito à variável extralinguística interlocutor, analisamos a influência de cada relação interpessoal no emprego dos pronomes objetos de referência à segunda pessoa na escrita do autor Graciliano Ramos. Para tanto, baseamos nossa hipótese no tipo de relação estabelecida entre os interlocutores (BROWN; GILMAN, 1960).

Acreditamos que nas cartas endereçadas ao amigo, à namorada, às irmãs, à esposa, e ao cunhado serão favorecidas as estratégias do paradigma de *tu*, visto o caráter mais solidário e simétrico dessas interações. Nas missivas direcionadas ao pai e a mãe, presumimos que será favorecido o uso dos pronomes objetos relacionados ao *você*, devido à existência de uma relação de superioridade entre pais e filhos, estabelecida pelo papel social do pai e da mãe dentro da instituição família. A interlocução com o filho também é afetada por essa relação de superioridade, mas reflete de modo diferente na escolha dos pronomes objetos de segunda pessoa, posto que a interação parte do interlocutor que detém o poder em direção ao de poder inferior, assim, presumimos que prevalecerá o uso das variantes ligadas ao *tu*.

Segue, abaixo, quadro com o nome de todos os destinatários das cartas, o grau de parentesco, o tipo de relacionamento e o período (I – 1910 à 1928; II – 1930 à 1952) em que são encontradas as missivas direcionadas a cada interlocutor:

Quadro 3 - Relações interpessoais nas cartas pessoais de Graciliano Ramos

Destinatários	Período	Grau de parentesco	Tipo de relação
Maria Amélia Ferro Ramos	Período I	Mãe	Ascendente
Sebastião Ramos de Oliveira	Período I e II	Pai	Ascendente
J. Pinto da Mota Lima Filho	Período I e II	Amigo	Simétrica
Leonor Ramos	Período I	Irmã	Simétrica
Otacília Ramos	Período I	Irmã	Simétrica
Marili Ramos	Período II	Irmã	Simétrica
Heloísa Medeiros	Período I	Namorada	Simétrica
Luís Augusto de Medeiros	Período II	Cunhado	Simétrica
Heloísa de Medeiros Ramos	Período II	Esposa	Simétrica
Júnio Ramos	Período II	Filho	Descendente

Fonte: elaborado pela autora, 2021.

4.3.2.6 Subgênero das cartas

No que se trata da variável subgênero das cartas, retomamos a declaração de Souza (2012) de que a carta pessoal é essencialmente marcada pela espontaneidade, pela proximidade e por diferentes níveis de intimidade entre os remetentes, para afirmar que, assim como o gênero carta pessoal, os subgêneros que advêm deste também são definidos pela relação existente entre os interlocutores, como argumenta Silva (2018):

Nas relações estreitas que permitem agrupar as correspondências no conjunto das cartas pessoais, há particularidades que especificam a natureza de uma carta entre amigos, entre familiares e entre amantes. Sendo assim, a essência das cartas pessoais está pautada na relação entre remetente e destinatário, de modo que a relação entre os interlocutores de uma carta pessoal determina o subgrupo em que determinada carta se encontrará [...] (p.14).

De acordo com Oliveira (2014, p. 104), no que concerne ao subgênero da carta, há dois aspectos importantes para o estudo da variação das formas pronominais, além do grau de intimidade, já abordado por Souza (2012) e Silva (2018), o autor destaca a importância das temáticas abordadas nas missivas. Posto isso, analisamos aqui quatro tipos de cartas pessoais que estão correlacionadas com as relações existentes entre os remetentes: carta de amor, carta de família, carta de amigo e carta de casal.

As cartas de família são correspondências trocadas “entre membros da família nuclear” (SILVA, 2018, p. 26). No *corpus* analisado o subgênero carta de família é caracterizado por pedidos de informações sobre os entes queridos, notícias sobre saúde, sobre acontecimentos do cotidiano, descrições da rotina do escritor e suas decisões de vida. Como podemos ver no trecho abaixo:

Rio, 4 de fevereiro de 1915. Minha mãe: Vai aqui esta resposta ligeira a sua carta de 21 de janeiro. Não, senhora, decididamente não estou nada doente — os ossos estão rijos, o estômago funciona às mil maravilhas, tem-se enfim uma disposição danada para trabalhar, apesar de o trabalho ser um bocado duro. Ganhamos cento e vinte mil-réis em um mês, o que é uma bela soma, que dá para pagar a lavadeira, para as passagens de bondes, para os cafés e os teatros, etc., etc. E ainda sobra alguma coisa, andando a gente com uma certa economia. E afinal tem-se a consciência tranquila, por se não ter deixado ficar pacificamente a dormir e, principalmente, por ter a certeza de que aqueles cobres foram ganhos à custa de nosso próprio esforço. Não fizemos, para arranjá-los, nenhum exercício de curvatura de espinha, não pedimos nada a ninguém, não adulamos nenhum filho da mãe. Estamos, em suma, contentes. Almoçamos às 2 horas da tarde, quando termina o trabalho d’*O Século*, se há trabalho para nós, passamos a tarde a ler ou a escrever qualquer coisa, às vezes a dormir, jantamos às sete da noite, tomamos um bonde depois para dar um longo passeio de uma hora. Pode acontecer também que vamos a um cinema, enquanto esperamos a hora de entrada no *Correio* — 8 e meia [...] (C. 21, A Maria Âmelia, 1915).

A carta de amigo, de acordo com Silva (2018, p. 26), é “trocada entre parentes não próximos ou amigos/colegas com maior ou menor nível de intimidade”. Nas missivas de amigo que compõe o nosso *corpus*, as temáticas presentes são: pedidos de informações sobre a vida do remetente e o envio de notícias sobre a sua, interlocuções acerca de paqueras, sobre a escrita de suas obras literárias, conversas sobre pessoas conhecidas e confissões sobre sentimentos e estado de espírito. Como podemos observar no trecho a seguir:

Palmeira, 13 de abril de 1914. Pinto: Reconheço que tenho sido sofrivelmente bruto em não te haver respondido ainda as duas últimas cartas que me mandaste. Economia de tempo, de papel, de trabalho: preguiça. Sinto-me incapaz de escrever. Queres crer que a última coisa que me saiu da cabeça foi aquele pobre *Estrelas*? Abandonei o *Sudra*, faz mais de um mês que não olho para ele. E já estavam escritas cento e cinquenta tiras. Não posso fazer nada: sinto-me mais bruto que de ordinário. E tu, que tens feito? Como vais? Quanto soneto já fizeste depois de *Mirage*? Parlapatão! Mentiroso! *Passeios*, *beijos*, *palavras açucaradas*... Patife! tu algum dia passeaste com ela, safado? Algum dia beijaste a moça? Toda essa corja de sujeitos que fazem versos mente, e mente muito. Detesto semelhante gente. Quero acreditar que para o futuro serás menos mentiroso. [...]

Eu tenho estado um bocado desgostoso. Mandou-me daí *alguém* dizer ter sabido que eu andava a fazer a respeito do mesmo *alguém* referências pouco linsonjeiras. tu sabes que eu, que só tenho motivos para ser muito grato a essa pessoa, pela grande cópia de gentilezas que sempre recebi dela, não sou tão canalha como algumas pessoas pensam [...] (C. 11, A.J.Pinto, 1914).

A carta de amor, de acordo com Silva (2018, p. 26), é “trocada entre cônjuges, pretendentes, noivos etc”. No entanto, com base em Gomes (2021, informação verbal)²⁴, distinguimos cartas de casal e cartas de amor. De acordo com a autora, nem toda carta de casal é uma carta de amor, as missivas de amor têm uma temática mais restrita, nelas predominam a temática afetiva-amorosa, os amantes costumam declarar seu amor, expressam-se sobre os seus sentimentos, demonstram saudades e idealizam o amor; enquanto as cartas de casais abordam temáticas mais gerais e variadas.

Nas cartas de amor enviadas a Heloísa Medeiros a temática é focada no próprio relacionamento amoroso e no sentimento existente entre os namorados. A exaltação da mulher amada e a melancolia do discurso amoroso está bastante presente, conforme trecho abaixo:

Heloísa: Mandei-te uma carta pelo último correio, e já a necessidade me aparece de falar novamente contigo. Se pudesse, empregaria todo o tempo em escrever-te, só para ter o prazer de receber respostas. Tenho tanto que te dizer... Nem sei por onde começar, fico indeciso, com a pena suspensa, vendo interiormente esses olhos que

²⁴Informação fornecida por Valéria Gomes na mesa-redonda: sociolinguística histórica, evento online do XI encontro de sociolinguística: a sociolinguística do nordeste, ocorrido em 02 de dezembro de 2021.

me endoideceram quando os vi pela primeira vez. Muitas coisas para dizer-te, mas coisas que só se dizem em silêncio e que talvez compreendas, se houver afinidade entre nós.

Santo Deus! Como isto é pedantesco! Eu desejava ser simples, dizer-te ingenuamente o que sinto e o que penso. Mas sentimento e pensamento, indisciplinados, não se deixam agarrar. Vou jogar aqui o que me vier à cabeça, à toa, sem ordem.

É verdade que és minha noiva? Não é possível, sei perfeitamente que tudo isto é um sonho, que vou acordar, que ainda estamos em princípio de dezembro, que tu não tens existência real. Esta carta nunca te chegará às mãos, porque não tens mãos, és uma criatura imaginária. A flor que me deste e que agora vejo, murcha, é simplesmente um defeito dos meus nervos. Beijando-a, tenho a impressão de beijar o vácuo. Já tiveste em sonho a consciência de estar sonhando? É assim que me acho. Vem para junto de mim e acorda-me [...] (C. 36, A Heloísa Medeiros, 1928).

No que diz respeito às cartas de casal, observamos que prevalece os relatos sobre o cotidiano, descrições sobre o dia e a semana, notícias sobre os filhos, sobre o trabalho e saúde. Podemos ver que a temática afetiva-amorosa das cartas de amor já não predomina nas cartas de casal, não coincidentemente, nesse período o status da relação dos amantes muda de namorados para cônjuges. Podemos notar essa distinção no trecho a seguir:

Maceió, 4 de outubro de 1930. Mamãe: Recebi agora a sua carta e uma nota para compra de feijão, carne, farinha, etc. Não li a nota, mas penso que estavam nela os objetos mencionados.

Muita satisfação em saber que a saúde vai em progresso. Eu sempre disse que Pilar é uma terra excelente. Sua carta nos tirou uma dúvida: tínhamos a impressão de que Você estava pior. Ora muito bem. Continue com os bagres e com as besteiras do Tatá.

Todos nós vamos bem, com a graça de Deus. Os meninos, ótimos. Puxei um destes dias as orelhas de Múcio. Isto lhe serviu muito, parece-me. Alaíde continua excelente. Seu pai, que aparece aqui muitas vezes, disse-me que vai visitá-la amanhã.

O trabalho no *Diário* continua sem novidade, mas creio que teremos por estes dias serviço duro.

Continuo a recolher-me às duas horas, às vezes mais tarde. Creio que já estou bom, ou quase. É uma notícia desagradável, se não me engano. Mas não estou inteiramente bom, felizmente.

Recebi ontem uma carta do Rômulo exigindo a entrega dos originais. Fiquei aflito, porque estou com dois meses de atraso. Telegrafei ao homem pedindo uma semana de moratória. Com a carta vinha um recorte da *Vanguarda* dizendo cobras e lagartos dos *Caetés*. É necessário que me desenrosque. Por isso arranjei uma datilógrafa. Enquanto lhe escrevo, ela está aqui batendo na máquina: teco, teco, teco. Não se assuste: é uma senhora respeitável, em tipo e em idade. Além disso, são apenas cinco horas da tarde [...] (C. 48, A Heloísa Medeiros, 1930).

Desse modo, partimos da premissa de que as cartas de amor favorecerão mais o uso das estratégias de *tu* devido ao seu caráter de maior intimidade, típica desse subgênero, como demonstrado em Souza, Oliveira e Lopes (2011), Pereira (2012) e Oliveira (2014). Ao concordar com Silva (2018), que os subgêneros são definidos pela relação estabelecida entre os remetentes, acreditamos que as missivas de amigo e de casal, simétricas, favorecerão os

pronomes objetos do paradigma de *tu*, enquanto as cartas de família, por sua vez, favorecerão um pouco mais as formas do paradigma de *você*, como ocorreu em Oliveira (2014).

4.4 Análise estatística

Para verificar a relação de covariação entre a variável dependente e as variáveis linguísticas e extralinguísticas utilizamos o Software R (R CORE TEAM, 2018), mais especificamente o Rstudio, que é um ambiente de desenvolvimento integrado que oferece maior facilidade de uso e funcionalidades, como “janelas de plotagem de gráficos, de histórico, de gerenciamento do workspace e de editor de texto com realce de sintaxe que permite execução direta de código (script)” (RITTER, THEY & KONZEN, 2019, p. 04).

Com relação à análise estatística, foram realizadas rodadas univariadas, que nos proporcionaram correlacionar a variável dependente com cada variável independente abordada na pesquisa. Primeiro realizamos os procedimentos da estatística descritiva, com o intuito de descrever as frequências de uso das variáveis observadas e a distribuição da variável dependente em relação às variáveis independentes.

Em seguida, partimos para a estatística inferencial e realizamos testes de independência e associação por meio dos testes de qui-quadrado e de Fisher, dados na plataforma R pelas funções *chiq.test* e *fisher.test*, respectivamente. O teste de Fisher foi realizado quando havia células vazias ou com baixa frequência (GRIES, 2019), pois o teste de qui-quadrado não é indicado nessas circunstâncias.

A significância de cada variável dada pelos testes é lida com base no P-valor pré-determinado: $\alpha < 0,05$. Assim, quando tivermos um P-valor maior que 0,05 aceitamos a hipótese nula de que a variável independente analisada não interfere no fenômeno analisado e se o teste nos fornece um P-valor menor que 0,05 descartamos a hipótese nula e aceitamos a hipótese alternativa de que a variável independente interfere no uso das formas de referência à segunda pessoa na função de objeto.

Após verificar a associação das variáveis, realizamos o teste de tamanho e efeito, V^2 de Crámer, dado pela função *assocstats* que testa a intensidade da associação entre as variáveis, na qual 0 indica ausência de associação e 1 associação muito forte.

4.5 A vida de Graciliano Ramos e o contexto sócio-histórico que estava inserido ²⁵

Na presente subseção, apresentamos a vida do autor alagoano Graciliano Ramos e o contexto sócio-histórico em que estava inserido com o intuito de possibilitar a construção de uma análise embasada em contextos extralinguísticos reconstruídos, evitando, assim, possíveis anacronismos e conclusões equivocadas sobre os dados analisados.

Graciliano Ramos de Oliveira foi um escritor brasileiro consagrado nacional e internacionalmente, começou a se interessar pelo mundo da literatura ainda muito jovem, apesar do sistema repressor de alfabetização ao qual foi submetido quando criança. A sua primeira publicação ocorreu com apenas 11 anos de idade quando divulgou seu conto *O pequeno pedinte*, no jornal *n' O Dilúculo* (1904), do internato de Viçosa onde estudava. O autor brasileiro foi, além de escritor, comerciante, jornalista, político e militante.

A valorização do sujeito letrado na sociedade em que viveu Graciliano Ramos facilitou o acesso do escritor ao processo de letramento, o que possibilitou a sua ocupação profissional como homem das letras. O seu ótimo desempenho com a linguagem, em especial com a escrita, o tornou referência no nordeste brasileiro. Já aos 18 anos, assim que terminou seus estudos, Graciliano Ramos foi chamado para ser mestre escolar em algumas turmas no município de Palmeira dos Índios (BASSO, 2010), o que demonstra esse reconhecimento que com o tempo foi tomando proporções maiores nacionalmente.

O seu acesso à educação em um período de expansão do mercado de trabalho intelectual e em um tempo em que a educação não era acessível a todos, contribuíram para a construção do personagem Ilustre, Graciliano Ramos. De acordo com Basso (2010, p. 32) “O acesso à leitura e à instrução distinguia os indivíduos na sociedade patriarcal nordestina, uma forma de classificação profissional e social”. Assim, o fato de Graciliano ser letrado lhe abriu várias portas em cargos públicos, como o cargo de prefeito de Palmeira dos Índios e de diretor da instrução pública.

Apesar do seu destaque como pessoa socialmente ilustre, o escritor alagoano não frequentou o ensino superior, não se tornou bacharel. A sua educação formal se restringiu à escola primária e secundária. De acordo com Basso (2010, p.57) “Graciliano Ramos afirma-se

²⁵ As informações contidas nessa subseção foram consultadas no site oficial do escritor Graciliano Ramos - acesso em: <http://graciliano.com.br/> - na biografia *O velho Graça* e no próprio livro, *Cartas*, o qual contém o material linguístico aqui analisado.

como profissional da escrita, um usuário da língua, o artesão da palavra, um prosador e contador de histórias do nordeste, não como um bacharel”.

Segue abaixo um retrato do ilustre alagoano em meio ao ato que marcou sua vida, a escrita:

Figura 2 - Retrato de Graciliano Ramos, retirado no Rio de Janeiro em 1948.



Fonte: site oficial Graciliano Ramos.

O mestre Graça, como ficou conhecido, nasceu em 27 de outubro de 1892 na cidade de Quebrangulo, Alagoas, alguns anos após a abolição da escravatura e a Proclamação da República, eventos que deixaram a sociedade em conflito com novos padrões e tentando se adequar a uma nova realidade social, econômica e política.

Quando tinha dois anos de idade seu pai, Sebastião Ramos de Oliveira, um pequeno comerciante, casado com a filha de um criador de gado, Maria Amélia Ferro Ramos, a conselho de sua sogra comprou uma fazenda em Buíque, Pernambuco, em busca de uma melhora de vida. Nesse lugar, Graciliano Ramos passou parte de sua infância, mas, no ano de 1899 retorna à Alagoas com seus pais, agora com residência em Viçosa, interior do estado.

Em 1905, Graciliano muda-se para Maceió, capital de Alagoas, e começa a estudar na escola Quinze de Março. No ano seguinte, redige o jornal *Echo Viçosense* que teve apenas duas publicações devido à morte de seu mentor, Mario Venâncio. A partir desse mesmo ano, o autor publica sonetos, com o pseudônimo de Feliciano de Olivença, na revista carioca *O malho*. Um pouco mais tarde, em 10 de fevereiro de 1909, inicia sua colaboração com o

Jornal de Alagoas e publica vários textos, entre eles, o soneto e *Céptico*, divulgado com o pseudônimo de Soares de Almeida Cunha e Lambda.

Ao completar 18 anos, no dia 21 de outubro de 1910, muda-se para Palmeira dos Índios. Nesse mesmo ano, dá sua primeira entrevista como escritor ao jornal de Alagoas e começa a colaborar com o periódico Correio de Maceió.

Em 1914, em uma de suas cartas, destinada ao seu pai, Graciliano relata as dificuldades para encontrar emprego em Alagoas e afirma a possibilidade de trabalhar na imprensa carioca que, devido ao início da primeira guerra mundial em 1914, se tornou um campo fértil, cheio de possibilidades de emprego na área, conforme demonstra o trecho abaixo:

Não quero emprego no comércio – antes ser picado por uma cobra – sei também que há dificuldades em se achar um emprego público. Também não me importo com isso. Vou procurar alguma coisa na imprensa, que agora, com a guerra, está boa a valer, penso (GRACILIANO RAMOS, 2011, p. 38).

Em agosto de 1914, embarca para o Rio de Janeiro com seu amigo, Joaquim Pinto da Mota Lima Filho, em busca de sucesso nos jornais cariocas. O escritor permanece alguns meses na, até então, capital federativa do Brasil, como revisor dos jornais A Tarde, O Século e Correio do Amanhã, e colabora, simultaneamente, com o Jornal de Alagoas e com o periódico Fluminense Paraíba do Sul. No entanto, tem que retornar às pressas para Palmeira dos Índios – AL em setembro de 1915, por causa da morte de seus irmãos, Leonor, Otacília e Clodoaldo e de seu sobrinho, Heleno, decorrente da epidemia de peste bubônica.

Em 21 de outubro de 1915, casa-se com sua primeira esposa, Maria Augusta de Barros, com quem teve quatro filhos, Márcio, Júnio, Múcio e, por fim, Maria Augusta Ramos que recebeu esse nome em homenagem a mãe que morrerá em decorrência de seu parto, em 23 de novembro 1920. No ano de nascimento do seu segundo filho, em 1917, Graciliano acaba passando por cima de sua vontade, declarada no trecho da carta acima, e entra no mundo do comércio ao assumir a loja de tecidos Sincera. Durante um período de cinco anos, desde o falecimento de seus entes queridos, o mestre Graça deixa de colaborar com todos os jornais e retorna, apenas, em 1921 ao contribuir com o seminário palmeirense, O Índio, sob os pseudônimos Anastácio Anacleto, J. Calisto, Lambda e J.C.

No ano de 1933, Graciliano Ramos publica seu primeiro Romance, Caetés, pela editora Schmidt – RJ. O livro começa a ser escrito em 1925, alguns anos após a semana da arte moderna que ocorreu em 1922 no Theatro Municipal de São Paulo. Esse evento é considerado o marco do início do modernismo no Brasil, no entanto, apesar da proximidade

temporal, o autor é avesso ao modernismo da década de 1920, de acordo com ele, as perspectivas da semana de 22 é uma perfeita reação ao passadismo e abriu caminho para uma renovação estética e literária, mas fracassa em criação, “praticamente limitando-se a experimentos de linguagem e ao proselitismo” (MORAES, 2012, p.63).

Graciliano Ramos faz parte do modernismo da década de 1930, a chamada segunda geração modernista que, de acordo como Moraes (2012, p. 84), “imprimiria uma nova linha à planta de 1922, através de obras muito próximas do documentário social, focalizando uma região sacrificada pelas desigualdades do modelo de desenvolvimento capitalista em implantação no país”. Graciliano com sua singularidade, acrescentará às obras regionalistas, características dessa geração, “o estilo requintado, a expressividade da linguagem, o vigor crítico do realismo e a densidade psicológica” (MORAES, 2012, p. 84).

Retornando à década de 1920, outros acontecimentos importantes marcaram a vida de Graciliano. Em 07 de outubro de 1927 foi eleito prefeito de Palmeira dos Índios. No Natal desse mesmo ano conheceu Heloísa Medeiros e, no dia 16 de fevereiro de 1928, menos de dois meses depois, casou-se com ela. Os cônjuges tiveram quatro filhos, Ricardo de Medeiros Ramos, Roberto de Medeiro Ramos, Clara de Medeiro Ramos e Luíza de Medeiro Ramos.

No início da década de trinta, especificamente, no dia 10 de abril de 1930, o escritor renuncia ao mandato de prefeito de Palmeira dos Índios – AL e, em maio desse mesmo ano, muda-se para Maceió e assume o posto de diretor da Imprensa Oficial de Alagoas, cargo do qual se demite em dezembro do ano seguinte.

Em janeiro de 1932, começa a escrever, na sacristia da igreja Matriz de Palmeira dos Índios, o seu segundo romance, São Bernardo, que é concluído nesse mesmo ano e publicado em 1934 pela editora Ariel – RJ. Em 1933, é nomeado diretor da instrução pública de Alagoas e, simultaneamente, é contratado pelo Jornal de Alagoas como redator. No dia 03 de março de 1936, um ano após a intentona comunista que objetivou destituir o presidente Getúlio Vargas da presidência, Graciliano Ramos é preso em Maceió, no bairro de Pajuçara, acusado de filiação ao comunismo. Passa pelas prisões de Maceió e Recife até chegar a do Rio de Janeiro.

Durante esse período, Graciliano escreveu várias cartas a sua esposa e parceira, Heloísa, que foram censuradas, assim como tudo que fosse visto como ameaça ao governo do presidente Getúlio Vargas. Em uma dessas cartas o escritor argumenta, “estou resolvido a não me defender. Defender-me de quê? Tudo é comédia e de qualquer maneira eu seria péssimo ator” (GRACILIANO RAMOS, 2011, p. 226). Ainda preso, publica, em agosto de 1936, o livro *Angústia* pela editora José Olympio – RJ e recebe o prêmio Lima Barreto estabelecido

pela revista acadêmica. O escritor é solto da prisão no Rio de Janeiro após um ano de detenção, fixa residência na capital e em 1938 lança seu quarto livro, *Vidas Secas*.

Ao completar 50 anos, Graciliano recebe, em um jantar comemorativo, o prêmio Felipe de Oliveira, em homenagem ao seu conjunto de obras. Nesse mesmo ano, publica o romance *Brandão Entre o Mar e o Amor* em parceria com José Lins do Rego, Aníbal Machado, Jorge Amado e Rachel de Queiroz. Em 1945, filia-se ao PCB – Partido Comunista Brasileiro – convidado por Luiz Carlos Preste, secretário geral do partido, e publica seu quinto livro *Infância* pela editora Leitura-RJ.

Alguns anos depois, em 26 de abril de 1951, Graciliano Ramos se torna presidente da associação brasileira de escritores. Em 1952, faz uma viagem com sua esposa pela União Soviética, França, Tchecoslováquia e Portugal, passa por uma cirurgia sem sucesso na Argentina e retorna para o Rio de Janeiro em um estado agravado. Em janeiro do ano seguinte, o escritor é internado na Casa de Saúde São Victor, Rio de Janeiro, e em março vem a óbito em decorrência de um câncer pulmonar.

4.6 Reflexões finais do capítulo

Nesta subseção final do capítulo, apresentamos algumas reflexões advindas da correlação do nosso *corpus* com as particularidades e dificuldades em realizar uma pesquisa em sociolinguística histórica apresentadas na seção 3.2.

No que concerne à constituição do *corpus*, tivemos algumas vantagens em analisar a linguagem de uma pessoa ilustre. Embora se tenha problemas quanto à preservação de registros privados, devido ao costume social que as pessoas tinham de se desfazer do documento por diversas razões, quando se trata de pessoas ilustres da sociedade, como Graciliano Ramos, esses materiais privados têm mais chances de serem preservados, por causa da valoração social desses membros (ELPASS, 2012). Assim, tivemos, nesse caso, mais facilidade em ter acesso às cartas do escritor alagoano, que foram guardadas por familiares e amigos, dentre outros motivos, pela noção do valor dos registros de um personagem ilustre.

Outro benefício de analisar as cartas de um literato alagoano imerso na escrita literária desde de jovem, é que não tivemos problemas com a questão da autoria das missivas, todas as cartas foram autógrafas. É importante ressaltar, ainda, que apesar de não ter acesso aos

manuscritos, a edição do livro que está revisado segundo o novo acordo ortográfico, não influenciou na ocorrência do fenômeno morfossintático analisado.

No que se refere ao problema da representatividade, em nossa pesquisa, não temos uma amostra homogênea, na qual os informantes representativos de uma comunidade têm a mesma oportunidade de representá-la. Abordamos a escrita de um informante masculino e lidamos com um total de cartas desiguais por períodos, por exemplo, entre os anos de 1920 a 1926, tem-se um total de 05 missivas, enquanto, no período de 1930 a 1936, obtém-se o total de 48 cartas. Ao segmentarmos pelos períodos considerados – período I e período II – temos 40 cartas pertencentes ao período I e 70 cartas pertencentes ao período II.

No entanto, como discutido por Conde Silvestre (2007) e Hernández-Campoy e Schilling (2012), a pesquisa em sociolinguística histórica tem que lidar com materiais linguísticos, inevitavelmente, limitados, escassos e fragmentários, que não torna possível aplicar o princípio da representatividade, assim como na sociolinguística sincrônica. Desse modo, o pesquisador ao lidar com o caráter fragmentar desses dados tem que adaptar a sua pesquisa ao material preexistente e ter cautela nas generalizações de suas conclusões.

Sendo assim, delimitamos nossa pesquisa, a variação das formas de segunda pessoa do singular na função de complemento na escrita do ilustre alagoano, Graciliano Ramos, compreendendo as limitações do nosso *corpus*, mas ciente da sua importância para os estudos no campo da sociolinguística histórica, por proporcionar uma investigação de amostras do português alagoano do passado, permitindo analisar as formas e usos linguísticos de um período remoto e o desenvolvimento desses usos ao longo do tempo (ROMAINE, 1982).

5. DESCRIÇÃO E ANÁLISE

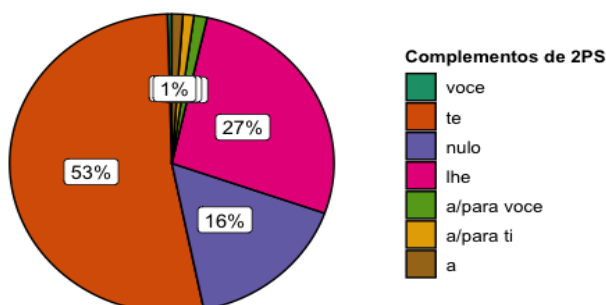
Neste capítulo, apresentamos os resultados e estabelecemos discussões acerca do uso dos pronomes objetos de segunda pessoa do singular nas cartas do escritor alagoano Graciliano Ramos, com o intuito de verificar quais fatores linguísticos e extralinguísticos condicionam a alternância entre as variantes do paradigma de *tu*, de *você* e o nulo. Para isso, realizamos análises univariadas, a fim de compreender a correlação entre a variável dependente e as variáveis independentes controladas. A análise está subdividida em três partes, a saber, distribuição geral dos dados, variáveis linguísticas e variáveis extralinguísticas.

5.1 Distribuição geral dos dados

Na presente subseção, exibimos a computação de todos os pronomes objetos de segunda pessoa retirados das produções epistolares que constituem o nosso *corpus* e a distribuição dessa somatória entre os paradigmas de *tu*, de *você* e o nulo. Desse modo, após uma análise minuciosa das 110 cartas do escritor Graciliano Ramos, contabilizamos o total de 457 ocorrências. No gráfico a seguir expomos a distribuição dessas formas:

Gráfico 1 - Distribuição dos pronomes objetos de segunda pessoa do singular

$\chi^2_{\text{got}}(6) = 751.92$, $p = 3.76\text{e-}159$, $\widehat{V}_{\text{Cramer}} = 0.53$, $CI_{95\%} [0.48, 0.56]$, $n_{\text{obs}} = 457$



Fonte: elaborado pela autora, 2022.

Ao observar o gráfico 1, podemos identificar que de 457 ocorrências mais da metade pertencem a variante *te*, com um total de 53% ($n = 241$) dos dados, seguida da forma *lhe*, com 27% ($n = 123$), e do nulo, com 16% ($n = 75$). As variantes de sintagma preposicionado *a/para ti*, *a/para você*, e as formas *a* e *você* tiveram poucas ocorrências, contabilizando percentuais de aproximadamente 1,09% ($n = 5$), 1,31% ($n = 6$), 1,09% ($n = 5$) e 0,43% ($n = 2$), respectivamente. Essa distribuição é estatisticamente significativa, confirmada pelo valor do teste de qui-quadrado, em que $X^2 (6) = 751.92$ e $P < 0.001$, com associação moderada, comprovada pelo teste V^2 cramer = 0.53.

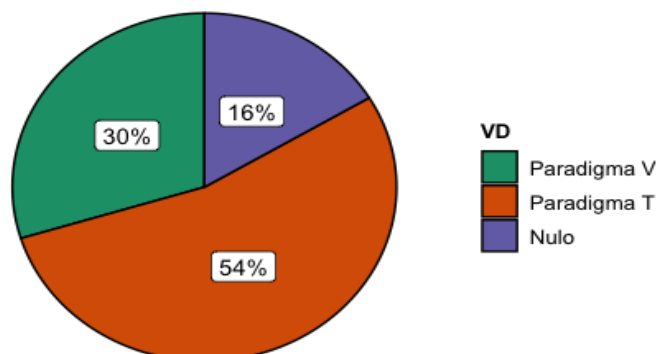
No que diz respeito à estratégia de referência à segunda pessoa *te*, chegamos a um resultado semelhante ao de Souza (2014) e Oliveira (2014) ao concluir que tal variante é o pronome mais recorrente no *corpus*, que é constituído por produções epistolares pessoais do século XX. Podemos afirmar, também, que essa forma é a que obteve maior índice entre todas as variantes do paradigma de *tu*, posto que os pronomes *a ti* e *para ti*, como já mencionado, compõe apenas 1,9% do *corpus*.

Quanto à forma *lhe*, verificamos que este é o pronome objeto do paradigma de *você* que obteve o maior percentual de uso em todo *corpus*. As outras variantes registradas, a saber, *a/para você*, *a* e *você* constituíram apenas 2,83% da amostra. Ainda em relação às formas do paradigma de *você*, também é importante ressaltar que a forma lexical *você*, como variante de segunda pessoa do singular na função de complemento, foi mais empregada como sintagma preposicionado do que como forma sem preposição nas cartas analisadas.

Para a melhor visualização dos resultados os pronomes objetos serão amalgamados em três grupos: o paradigma de *tu*, que agrupa as formas originárias de referência à segunda pessoa do singular (doravante, Paradigma T); o paradigma de *você*, que agrupa os pronomes objetos relacionados ao inovador *você* (doravante, Paradigma V) e as formas nulas (doravante, Nulo), conforme podemos observar no gráfico abaixo.

Gráfico 2 - Distribuição das variantes em paradigmas

$$\chi^2_{\text{gof}}(2) = 98.60, p = 3.88\text{e-}22, \hat{V}_{\text{Cramer}} = 0.33, \text{CI}_{95\%} [0.26, 0.39], n_{\text{obs}} = 457$$



Fonte: elaborado pela autora, 2022.

Como demonstra o gráfico 2, ao agrupar os pronomes objetos alcançamos o percentual de 54% do paradigma de *tu* e 30% do paradigma de *você*. O índice de nulos se manteve em 16%. Essa distribuição revelou-se estatisticamente significativa, com $X^2(2) = 98.60$ e $p < 0.001$, com associação fraca ($V^2 = 0.33$). Esses dados confirmam nossa hipótese geral de que as formas do paradigma de *tu* seriam mais frequentes durante o período estudado, mas que já haveria registros das formas do paradigma de *você* na função de complemento verbal na escrita de Graciliano Ramos.

Os trabalhos de Pereira (2012) e Figueiredo (2013), apesar de não se restringirem ao pronome objeto e incluírem, também, os sujeitos, têm resultados similares ao encontrado nas cartas do ilustre alagoano. Assim como Souza (2014) e Oliveira (2014), que analisaram os pronomes objetos e também atestaram a predominância das estratégias de *tu* sobre as de *você*.

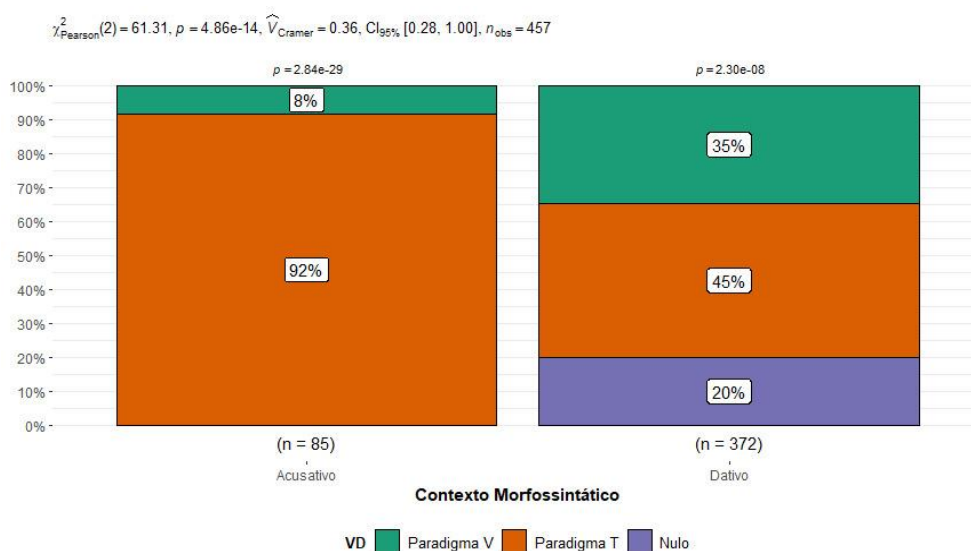
Essa semelhança entre as escolhas tratamentais de Graciliano Ramos e as encontradas por tais pesquisadores demonstra que o comportamento linguístico do missivista alagoano é sócio-historicamente encaixado, pois, como afirma Conde Silvestre (2007), a escolha linguística de um informante se adapta as possibilidades presentes em sua comunidade. Nesse caso, podemos perceber, para além da comunidade alagoana, similaridades com escreventes de regiões brasileiras como Minas Gerais e Rio de Janeiro, foco das pesquisas apontadas.

5.2 Variáveis Linguísticas

Nesta subseção, averiguamos como as variáveis linguísticas, contexto morfossintático e subsistema tratamental na posição de sujeito, condicionam o uso dos pronomes objetos de referência à segunda pessoa do singular nas cartas de Graciliano Ramos.

No que concerne ao contexto morfossintático, analisamos a influência da função acusativa e dativa no uso das variantes de segunda pessoa analisadas, partindo do pressuposto de que o contexto dativo favorece mais o emprego das formas do paradigma de *você* do que o contexto acusativo. Os dados dessa correlação são exibidos no gráfico abaixo:

Gráfico 3 - Correlação entre os paradigmas e o contexto morfossintático



Fonte: elaborado pela autora, 2022.

Como podemos observar, as formas dativas predominam no *corpus* analisado, com 372 ocorrências, enquanto o contexto acusativo registra apenas 85 ocorrências. No tocante ao acusativo, 92% (n = 78) dos registros são dos pronomes objetos do paradigma de *tu* e apenas 8% (n = 7) são das formas ligadas ao *você*. Na função dativa, as formas do paradigma de *tu* constituem 45% (n = 168) do *corpus*, as formas do paradigma de *você* 35% (n = 129) e os nulos 20% (n = 75). Essa distribuição é estatisticamente significativa de acordo com o teste de qui-quadrado, em que $X^2(2) = 61.31$ e $p < 0.001$, com associação fraca ($V^2 = 0.36$). Assim, descartamos a hipótese nula e aceitamos a hipótese alternativa de que o contexto morfossintático tem influência no emprego dos pronomes analisados.

No contexto morfossintático acusativo foram registradas as variantes: *te* com 78 ocorrências, *a* com 05 dados e a forma lexical *você* com apenas 02 registros. A forma *lhe* e o

nulo não foram empregados nesse contexto. Segue abaixo alguns exemplos extraídos do nosso *corpus*, nos quais foram registradas essas variantes pronominais:

- (21) “Estive, há dias, a palestrar com essa criatura que *te* prende. Falamos de ti longamente. Parece que guarda recordações tuas. Não sei. (C.08, A J. Pinto, 1914)” (C.08, A J. Pinto, 1914).
- (22) “Estou cansado de lidar com cabeças de pau. Enfim, como não pretendo viver muito, é bom que se vão arranjando. Esperei-*a* sexta-feira e sábado” (C. 89, A Heloísa, 1936).
- (23) “Dona Ló: Conversei há pouco com o Antônio Augusto, que me disse ter visto *você* a semana passada em Palmeira de Fora” (C.78, A Heloísa, 1935).

No contexto dativo foram encontrados os pronomes objetos: *te* com 163 ocorrências, a variante *lhe* com 123, o nulo com 75, o pronome *a/para você* com 06 dados e a forma *a/para ti* com 05 realizações. Segue abaixo trechos do uso dessas formas nas cartas de Graciliano:

- (24) “Não falei sobre ela no que *te* escrevi por uma razão muito simples — não a tinha recebido ainda (C.08, A J. Pinto, 1914)”.
- (25) “O freguês de que fala em sua carta não veio saldar, como *lhe* prometeu” (C.06, A Sebastião Ramos, 1913).
- (26) “Meu pai: Recebi sua carta e ainda desta vez não posso $\emptyset$ informar sobre o negócio da venda de quatro burros a Júlio Amorim” (C.06, A Sebastião Ramos, 1913).
- (27) “O cidadão que a fez disse-me que era necessária a sua assinatura. Livrei-me da dificuldade mandando-*a para você*” (C.98, A Heloísa, 1937).
- (28) “Juntando as duas operações, ganhei duzentos e quarenta mil-réis, e por isto fico muito agradecido *a você* e a Júnio” (C. 108, A Júnio, 1946).
- (29) “Mas nós, sabendo que tudo é burla, continuamos a ser enganados de muito boavontade. Não me refiro *a ti* — refiro-me a nós todos” (C.08, A J. Pinto, 1914).
- (30) “Tu me desculparás eu estar aqui a falar $\emptyset$ de coisas que não têm absolutamente importância *para ti*” (C. 17, A Leonor, 1914).

Com base nos dados, observamos que apesar dos poucos registros do acusativo, a maioria dos pronomes objetos registrados nesse contexto foi das estratégias de *tu*, o que revela o acusativo como um contexto favorável ao uso das formas desse paradigma. Desse modo,

notamos que os usos linguísticos de Graciliano Ramos são similares aos dos informantes pesquisados por Souza (2014) e Galves et al. (2016), nos quais o uso das formas do paradigma de *tu* predomina no contexto acusativo com 77% e 90%, respectivamente.

Quanto ao dativo, identificamos que apesar das estratégias do paradigma de *tu* terem maior percentual de uso no *corpus*, o emprego das formas de *você* e o nulo nesse contexto morfossintático teve um notável aumento em seu percentual em comparação com o emprego dessas formas no contexto acusativo. Assim, comparado com o acusativo, constatamos um uso mais variado dos pronomes objetos dativos e o favorecimento das estratégias de *você*.

Pesquisas como a de Galves et al. (2016), que aborda o contexto morfossintático dativo, apresenta semelhanças e diferenças quanto aos resultados extraídos das cartas de Graciliano Ramos. Como similaridade, observamos que o dativo favorece ligeiramente o uso das formas do paradigma de *você*, se comparado ao acusativo. No entanto, ao confrontar os percentuais de uso notamos uma pequena diferença: nos resultados de Galves et al. (2016) há 69% das formas do paradigma de *tu* e apenas 16% das formas referentes ao paradigma de *você*, já na escrita de Graciliano Ramos, por sua vez, o percentual de uso das formas de *tu*, nesse contexto, não chega nem a metade do *corpus*, com pouco mais de 40%, apontando que o contexto dativo se revelou bastante propício ao uso das formas do paradigma de *você*.

Desse modo, corroboramos nossa hipótese inicial de que o acusativo apresenta-se como contexto de resistência à entrada das formas do paradigma de *você*, por favorecer as formas do paradigma de *tu*. Enquanto que o contexto dativo apresenta-se mais favorável à entrada das formas do paradigma de *você*, resultado que dialoga com a afirmação de Galves et al. (2016) de que a entrada das formas do *você* seguem a ordem: dativo > acusativo.

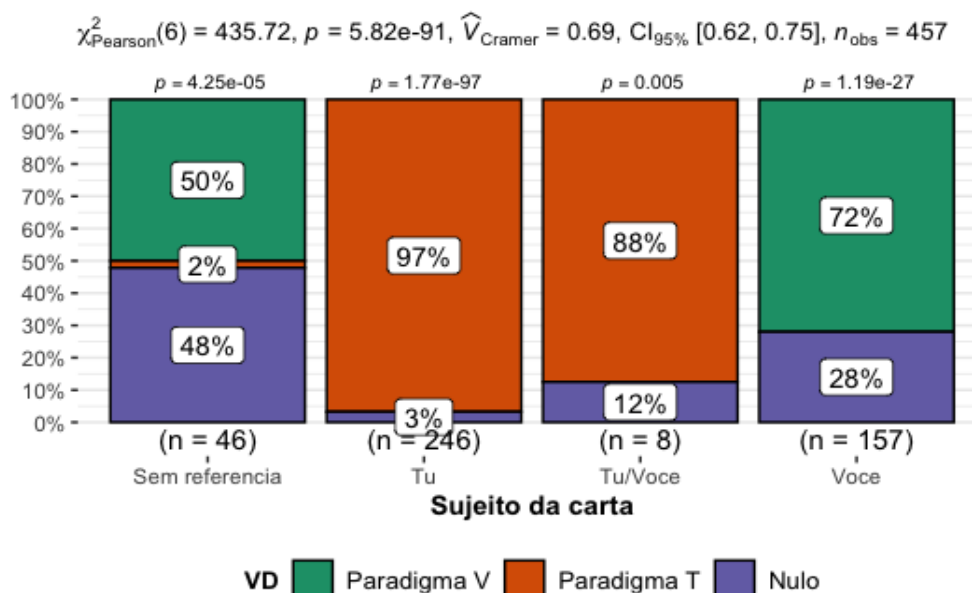
Em relação à variável subsistema na posição de sujeito, buscamos compreender se, e de que modo, os subsistemas *tu* exclusivo, *você* exclusivo, *tu/você* e sem referência influenciam no emprego dos pronomes objetos de referência a segunda pessoa do singular nas cartas de Graciliano Ramos. Para tanto, consideramos que nas missivas de *tu* como sujeito exclusivo o emprego das formas do paradigma de *tu*, em outras funções sintáticas, sejam predominantes; já nas missivas de *você* como sujeito exclusivo esperamos que os pronomes objetos do paradigma de *você* sejam favorecidos. No que concerne às cartas de sujeito misto, presumimos que sejam favoráveis ao uso das estratégias de *você* e que haverá maior variação entre os dois paradigmas nesse subsistema.

Em primeiro lugar, conforme gráfico 4, observamos que a variável subsistema na posição de sujeito mostrou-se estatisticamente significativa de acordo com o teste de qui-quadrado, em que $X^2 (2) = 435.72$ e $p < 0.001$. Assim, descartamos a hipótese nula e

aceitamos a hipótese alternativa de que há interferência do subsistema de sujeito no emprego dos pronomes objetos de segunda pessoa do singular e que a intensidade dessa associação é considerada estatisticamente média/forte ($V^2 = 0.69$).

Em segundo lugar, após uma leitura do gráfico 4, verificamos que dos 246 dados registrados nas missivas de *tu* como sujeito exclusivo 97% ($n = 238$) foram de uso dos pronomes objetos do paradigma de *tu* e apenas 3% ($n = 8$) foram de uso dos nulos. Nas cartas de *você* como sujeito exclusivo, por sua vez, houve um registro de 157 ocorrências, desse total, 72% ($n = 113$) são das estratégias de *você* e 28% ($n = 44$) das variantes nulas. Nas cartas sem referência, foram encontrados 46 casos, com 50% ($n = 23$) de registro das formas do paradigma de *você*, 48% ($n = 22$) do nulo e apenas 2% ($n = 1$) das estratégias de *tu*.

Gráfico 4 - Correlação entre os paradigmas e o subsistema de sujeito



Fonte: elaborado pela autora, 2022.

O subsistema *tu/você* contabilizou apenas 08 ocorrências de pronomes sujeitos. Desse total, 88% ($n = 7$) são de formas do paradigma de *tu* e 12% ($n = 1$) de nulo. Podemos observar que, apesar da mistura entre os pronomes sujeitos *tu/você*, não houve nenhum registro de pronomes objetos do paradigma de *você* nessas missivas. No entanto, devemos levar em consideração que esse subsistema ocorreu exclusivamente em uma carta, na qual o registro de *você* sujeito apareceu somente 02 vezes.

Contudo, como argumentam Hernández-Campoy e Schilling (2012), buscamos fazer um bom uso dos dados registrados no material histórico, a fim de encontrar a variação no meio escrito que a princípio aparenta ser uniforme. Assim, realizamos uma análise qualitativa

desse resultado e acreditamos que esse uso isolado indica uma possível variação entre os pronomes sujeitos *tu* e *você* na época abordada, porém essa mescla entre os sujeitos nas cartas de Graciliano Ramos não se espalha para os pronomes objetos de segunda pessoa, que é o foco dessa análise.

Do mesmo modo, acontece com as cartas que tem o *tu* ou o *você* como sujeito exclusivo e as produções epistolares sem referência que, assim como as missivas de subsistema *tu/você*, não têm mistura entre os paradigmas. Notamos essa uniformidade tratamental ao observar que, nas cartas de *tu* sujeito, só houve o emprego de formas condizentes ao paradigma de *tu* e do nulo, a saber, 233 ocorrências da forma *te*, 05 empregos de *a/para ti* e 08 do nulo. Da mesma forma, aconteceu nas produções de *você* como sujeito exclusivo, nas quais houve apenas registros dos pronomes objetos do paradigma de *você* e do nulo, a saber, 100 ocorrências da variante *lhe*, 06 de *a/para você*, 05 do pronome *a*, 02 de *você* e 44 acontecimentos do nulo.

As produções epistolares sem referência, apesar de terem estratégias ligadas ao *tu* e ao *você*, também não registram mistura de paradigmas. A única variante do paradigma de *você* encontrada nesse subsistema foi o *lhe* (n= 23), que só foi usado em cartas nas quais as estratégias de *você* foram as únicas registradas além das formas nulas. As variantes do paradigma de *tu*, nas cartas sem referências, foram usadas em apenas uma missiva direcionada ao cunhado, na qual a forma *te* foi o único pronome objeto encontrado e foi empregado apenas 01 vez durante toda produção escrita.

Para compreender a uniformidade tratamental nas cartas de Graciliano Ramos, buscamos, em gramáticas da primeira metade do século XX, informações que pudessem justificar esse resultado. Desse modo, com base nas investigações, atribuímos esse comportamento linguístico do missivista a língua padrão ditada pela gramática tradicional da época, que prescrevia que quando os usuários da língua escolhessem uma forma de referência ao interlocutor essa escolha deveria se estender as outras formas do paradigma elegido no que concerne as demais posições sintáticas.

Como demonstração desse pensamento tradicional do século XX, trazemos uma citação da gramática metódica da língua portuguesa que teve sua primeira edição em 1943 (BORGES, 2008), na qual o gramático Almeida (2009), afirma que

é de regra, num discurso, em cartas ou em escritos de qualquer natureza, a **uniformidade de tratamento**, isto é, do pronome escolhido para a pessoa a que nos dirigimos. Se tratamos o interlocutor por vós, os pronomes oblíquos devem ser os que correspondem a essa pessoa, e o mesmo se deve dizer dos pronomes possessivos. Se o tratamos por tu, usaremos os oblíquos *te*, *ti*, *contigo* e os

possessivos teu, tua teus, tuas (jamais seu, sua). Se o tratamos por vossa senhoria, senhor, você, direcionamos o, lhe, seu, sua etc (ALMEIDA, 2009, p. 174, *grifos do autor*).

Essa uniformidade registrada nas produções epistolares do autor alagoano está relacionada ao fato de Graciliano Ramos ser um literário bastante atento a sua escrita e seus usos linguísticos (SANTIAGO, 2013). A sua escrita metódica e reflexiva, o seu grau de instrução e a sua profissão como homem das letras foi o que o influenciou a seguir as regras linguísticas prescritas pelas gramáticas tradicionais da época.

Ao observar o percentual de uso dos paradigmas nesse cenário, notamos que, apesar das formas do paradigma de *tu* serem mais frequentes no *corpus* analisado, ao levar em consideração o fator subsistema na posição de sujeito concluímos que a predominância das formas desse paradigma se restringe as missivas de *tu* como sujeito exclusivo e a carta de sujeito misto. Nas produções de sujeito exclusivo *você* e as sem referência, o uso das formas de *você* foi majoritário.

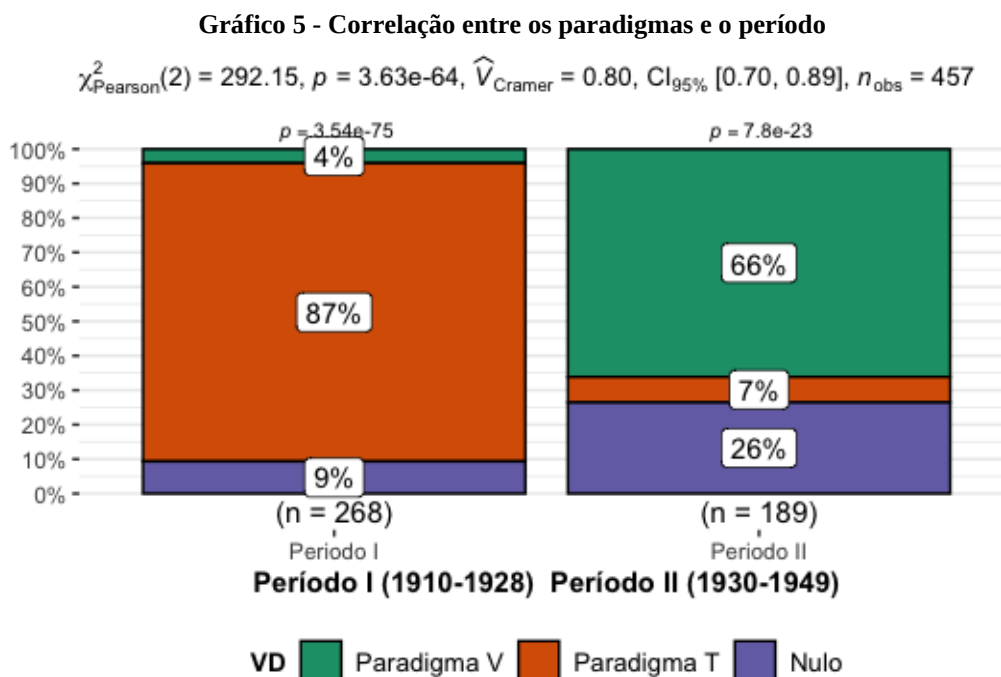
Desse modo, comprovamos a nossa suposição de que as produções epistolares de *tu* como sujeito exclusivo favorecem o uso dos pronomes objetos do paradigma de *tu* e que as missivas de *você* como sujeito exclusivo favorecem o emprego das estratégias referentes ao paradigma de *você*, assim como ocorreu nas pesquisas de Pereira (2012), Souza (2014) e Galvez et al (2016). No entanto, refutamos a nossa hipótese de que as produções epistolares de sujeito misto seriam um contexto favorável ao emprego dos pronomes objetos de *você* ao concluir que só houve uso das formas de *tu* nesse subsistema. Ademais, a uniformidade tratamental encontrada nas missivas também diverge do esperado, pois presumimos que haveria uma flutuação entre os paradigmas de *tu* e *você*, principalmente no subsistema *tu/você*, como ocorreu em Galves et al. (2016).

5.3 Variáveis extralinguísticas

Nessa subseção, analisamos de que modo as variáveis extralinguísticas período, tipo de relação entre os remetentes, interlocutores e o subgênero da carta condicionam o uso dos pronomes objetos de referência à segunda pessoa do singular na amostra focalizada.

No que concerne à variável período, buscamos analisar a influência dos estágios de tempo no uso dos pronomes objetos analisados. Esse grupo de fatores é constituído de quatro

décadas que são separadas em período I (1910 – 1928) e período II (1930 – 1949), conforme gráfico 5. Das motivações sociolinguísticas que influenciaram o fenômeno pesquisado, o período se mostrou uma variável bastante significativa, confirmada por $\chi^2(2) = 292.15$ e $p < 0.001$, com a associação mais forte entre todas as variáveis analisadas, com $V^2 = 0.80$.



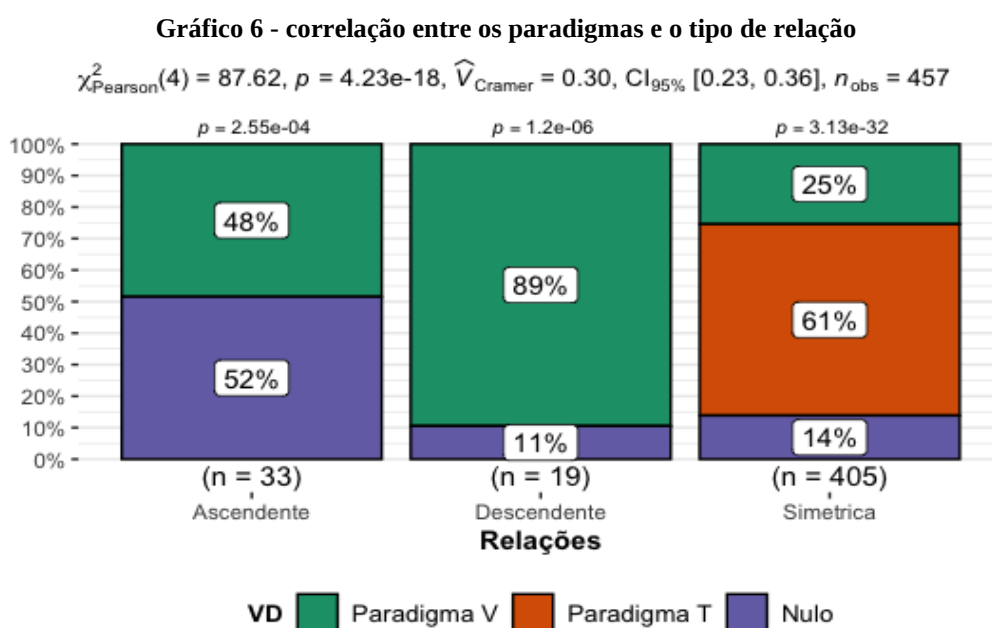
Fonte: elaborado pela autora, 2022.

De acordo com o gráfico, averiguamos que no período I o uso das formas referentes ao paradigma de *tu* foi majoritário, com um percentual de 87% ($n = 232$), enquanto as variantes do paradigma de *você* tiveram apenas 4% ($n = 11$) de uso. No período II, por sua vez, os pronomes objetos do paradigma de *você* foram predominantes com o percentual de 66% ($n = 125$) de uso e apenas 7% ($n = 14$) do paradigma de *tu*. O emprego dos nulos evidencia uma elevação de frequência considerável de 9% ($n = 25$) no período I para 26% ($n = 50$) no período II. O aumento do uso de nulos coincidiu com o crescimento do emprego das variantes do paradigma de *você*, resultado que dialoga com o encontrado em Oliveira (2014), em que o uso dos dativos nulos aumentou junto com o uso das formas de *você*.

A década de 1930 revelou-se bastante relevante, tendo em vista que atuou como um fator decisivo na elevação do uso das formas de *você* e do nulo e no declínio dos pronomes objetos referentes ao *tu*. Esse aumento significativo do emprego das estratégias de *você* e do nulo coincide com a implementação do *você* sujeito no português brasileiro (RUMEU, 2012; 2019). Sendo assim, confirmamos nossa hipótese de que apesar da maior frequência das

formas de *tu* na amostra estudada, a partir da década de 1930, há um aumento no uso dos complementos de segunda pessoa, devido à implementação do *você* sujeito. Resultado similar ao de Oliveira (2014), que também atribui o aumento das estratégias de *você* e do nulo à mudança que ocorreu no quadro pronominal, após a entrada do *você* como pronome pessoal.

No que diz respeito à variável tipo de relação entre os remetentes, analisamos a influência que as relações interpessoais simétricas, assimétricas ascendentes e assimétricas descendentes exercem sobre a escolha das variantes do paradigma de *tu* de *você* e do nulo. No gráfico 6, observamos que o tipo de relação entre os remetentes exerce influência no emprego dos pronomes objetos de referência à segunda pessoa do singular nas cartas de Graciliano Ramos, pois a distribuição dos dados mostrou-se estatisticamente significativa, comprovada pelo teste de qui-quadrado, em que $X^2(4) = 87.62$ e $p < 0.001$, com associação fraca ($V^2 = 0.30$). Assim, descartamos a hipótese nula e aceitamos a hipótese alternativa.



Fonte: elaborado pela autora, 2022.

Os dados mostram que nas relações assimétricas ascendentes o emprego do nulo é predominante, com 52% ($n = 17$) dos usos, sendo as formas de *você* a segunda estratégia mais usada, com 48% ($n = 16$). Nas relações assimétricas descendentes, o uso das variantes de *você* é majoritário, alcançando um percentual de quase 90% ($n = 17$). As formas nulas, nesse contexto, registram apenas 11% ($n = 02$) dos casos. Nas relações simétricas, entretanto, prevalece o uso dos pronomes objetos do paradigma de *tu*, com 61% ($n = 246$), sendo as variantes de *você* a segunda estratégia mais empregada, com 25% ($n = 103$), seguida do nulo,

com 14%. Diante disso, podemos notar que nas missivas simétricas houve maior variação entre os pronomes objetos de referência à segunda pessoa do singular.

Com base nos dados, também verificamos que não houve uso das formas do paradigma de *tu* nas relações assimétricas ascendentes. Nas missivas de relação assimétrica descendente, também foram registradas apenas pronomes objetos do paradigma do inovador *você*, divergindo do que esperávamos, pois como há uma relação descendente de poder hierárquico entre o remetente Graciliano Ramos e seu filho, Júnio Ramos, presumimos que o uso dos pronomes objetos referentes ao *tu* prevaleceriam nesse contexto. Assim, concluímos que ao ser usado em uma situação de poder assimétrico pelo interlocutor que detém o poder, o *você* passa a concorrer com o *tu* no mesmo contexto funcional, de menor poder.

Apesar de não haver uso de variantes de *tu* em nenhuma das missivas assimétricas, nos contextos simétricos foram registrados pronomes objetos referentes ao *você*. Em uma análise mais qualitativa dos dados, observamos que esse resultado está ligado a mudança na carga semântica do *você* sujeito que ocorreu entre o século XIX e início do século XX (RUMEU, 2012). De acordo com Rumeu (2012)

em fins do século XIX, e, no século XX, [...] período de transição, o *Você* ainda conserva uma relativa formalidade, mas se manifesta, por outro lado, em alternância com o *Tu*. Em outras palavras, entende-se que ainda que o *Você* viesse sendo empregado, desde o século XIX, como forma de tratamento da elite brasileira, representada pelo imperador *Dr. Pedro II* e a *condessa de Barral*, cf. Soto ([2001] 2007), já se mostrava generalizado no uso doméstico dos Ottoni, cf. Lopes e Machado (2005). (p.151, grifos do autor).

Diante disso, inferimos que o uso das variantes do paradigma de *você* em contextos simétricos indica uma mudança na carga semântica desses pronomes objetos, como uma reação em cadeia à mudança linguística que ocorreu com o pronome sujeito *você* que era utilizado em situações de poder, resquícios da semântica do tratamento-fonte, *vossa mercê*, e passa a ser utilizado em situações que há solidariedade entre os interlocutores.

Esse emprego dos pronomes objetos do paradigma de *você*, em contextos solidários nas cartas de Graciliano Ramos, começou em 1930 quando houve um aumento considerável do uso das formas desse paradigma. A seguir, exibimos uma das missivas em que esse fenômeno acontece, a carta 61, endereçada a esposa, na qual foi registrado o uso variado das formas de *você*, a saber, *lhe*, *a*, *a você* e *para você*:

A HELOÍSA DE MEDEIROS RAMOS

Ló: Esta carta não foi anteontem porque perdi o correio. Acordei há pouco, sonhei com você. Não sou amável?

D. Heloísa me disse que tinha escrito **a você** e que havia procurado intrigá-la

comigo, mas eu respondi que ela ainda estava nova para andar tecendo fuxicos. D. Olímpia ontem se queixou de você não ter dado resposta a um cartão dela. A senhora do Salazar, Dinorá e várias outras têm pedido notícias suas.

Júnio mostrou-me um telegrama seu. Disse-me ontem que não tinha respondido, e eu passei-lhe um cartão. Esses meus filhos são uns selvagens. O periquito de Múcio vai bem. A roça deu milho e feijão, mas os exercícios franceses não deixam ao dono muito tempo para cultivá-la.

Dizem que a estrada de ferro chegará ainda este ano. Não acredito, pois isto por aqui tem caveira de burro.

As pulgas estão cada vez mais famintas. São enormes, do tamanho dum bonde. Estou quase a pensar que os *coices* são preferíveis.

O S. Bernardo vai indo, assim assim. Pareceu-me ontem que aquilo é uma porcária, sem pé nem cabeça.

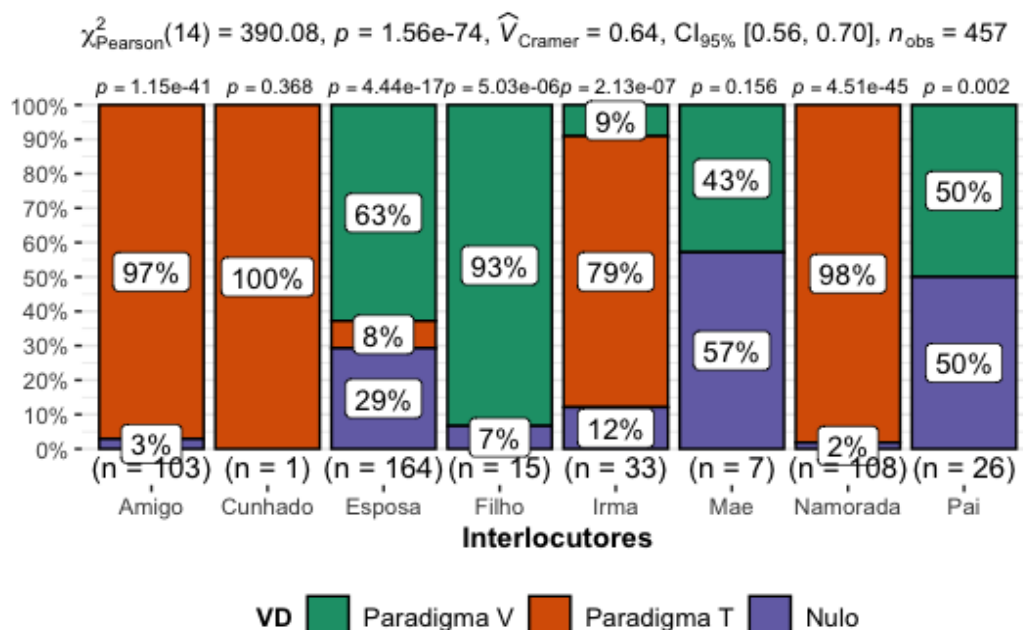
Circulam por aqui boatos desencontrados. Que é que há pela Bahia e pelo norte de Minas? Não sabemos nada. Enfim será o que Nosso Senhor quiser. E como ele quer que esta joça rebente, teremos em breve o comunismo. Quando isso chegar, eu irei trabalhar na estrada de rodagem, com Zé Guedes. Pedro Soares será zelador do cemitério. Chico, Otávio, meu pai, Leobino, padre Macedo, etc., vão plantar mamona. Você criará galinhas. Por causa dessas coisas meu pai anda às vezes meio trombudo comigo. Acho que ele pensa que eu sou culpado de a gasolina russa ser mais barata que a dos Estados Unidos.

Múcio trouxe-me agora uma xícara de café e, por mais que eu pergunte, diz que não **lhe** quer mandar dizer nada. São ou não são uns bichos? Afinal, a muito custo, manda lembranças **para você** e para os meninos. Eu também mando. E adeus, que o papel se acabou. Graciliano. 17 de setembro de 1932. (P. dos Índios). (C. 61, A Heloísa, 1932).

Por fim, diante dos resultados encontrados, confirmamos nossas pressuposições ao concluir que as formas do paradigma de *tu* são favorecidas pelo contexto simétrico e as formas de *você* pelo contexto assimétrico ascendentes. Contudo, refutamos a nossa hipótese de que as relações assimétricas descendentes favoreceriam as formas de *tu*, posto que esse tipo de relação demonstrou ser um condicionamento extralinguístico que favorece o emprego das formas ligadas ao pronome inovador *você*.

O controle da variável interlocutor permitiu-nos verificar de que modo a interação de Graciliano Ramos com interlocutores de distintos graus de parentescos influenciou no uso dos pronomes objetos de referência à segunda pessoa do singular em sua escrita epistolar. Para tanto, consideramos que nas missivas enviadas ao amigo, às irmãs, à namorada, à esposa e ao cunhado serão favorecidas as formas do paradigma de *tu*, dado o caráter mais solidário e simétrico dessas interações. Nas cartas endereçadas ao pai e a mãe, acreditamos que será favorecido o emprego das estratégias de *você*, posto que se trata de uma relação assimétrica ascendente. Na interlocução com o filho, por sua vez, pressupomos que prevalecerá o uso das variantes referentes ao *tu*, devido a relação assimétrica descendente. O gráfico 7 apresenta essa correlação:

Gráfico 7 - Correlação entre os paradigmas e os interlocutores



Fonte: elaborado pela autora, 2022.

Ao observar os dados, identificamos que os pronomes objetos do paradigma de *tu* tiveram um alto percentual de uso nas interlocuções com o amigo, com a namorada, com as irmãs e com o cunhado. Averiguamos que dos pronomes registrados nas cartas direcionadas ao amigo, J. Pinto da Mota, 97% ($n = 100$) foram do paradigma de *tu* e apenas 3% ($n = 03$) foram da forma nula. As missivas enviadas à namorada, Heloísa Medeiros, registraram 98% ($n = 106$) de uso das formas de *tu* e 2% ($n = 02$) de nulo. Nas produções remetidas às irmãs, Leonor, Marilí e Otacília Ramos, foi contabilizado um índice de 79% ($n = 26$) do paradigma de *tu*, 12% ($n = 04$) de nulo e apenas 9% ($n = 03$) das variantes de *você*. As cartas ao cunhado, Luís Augusto, atingiram o percentual de 100% ($n = 01$) de uso das formas de *tu*.

Nas cartas endereçadas ao filho e a esposa, por sua vez, encontramos um alto índice de uso das variantes referentes ao *você*. Nas interlocuções com o filho, Júnio Ramos, obtivemos 93% ($n = 14$) de uso dos pronomes objetos do paradigma de *você* e 7% ($n = 01$) da forma nula. Nas interações com sua esposa, Heloísa Ramos, foram registrados 63% ($n = 103$) de uso das formas ligadas ao *você*, 29% ($n = 48$) de nulo e 8% ($n = 13$) das variantes de *tu*.

As produções epistolares remetidas aos pais apresentaram um comportamento linguístico distinto. As missivas direcionadas a mãe obtiveram a maioria de uso das formas nulas, com um índice de 57% ($n = 04$) dessas variantes e 43% ($n = 03$) dos pronomes objetos do paradigma de *você*. As missivas enviadas ao pai, por sua vez, registraram um uso

equilibrado entre as estratégias de *você* com 50% ($n = 13$) e as formas nulas que obtiveram o mesmo percentual de uso de 50% ($n = 13$).

De acordo com o teste de qui-quadrado, essa distribuição é estatisticamente significativa, em que $X^2(14) = 390.08$ e $p < 0.001$, com associação média/forte ($V^2 = 0.64$). Assim, descartamos a hipótese nula, que relega essa variação ao acaso, e aceitamos a hipótese de que a variável interlocutor tem influência sobre a variação dos pronomes objetos de segunda pessoa do singular na escrita de Graciliano Ramos.

Ao analisar os dados acima descritos, verificamos que na única carta direcionada ao cunhado, Luís Augusto, foi registrado apenas um dado, o pronome *te* destacado no trecho abaixo:

Luís: Recebi tua carta de 16 e depois recebi também uma tapeação do Rômulo. Como **te** disse, a história do livro acabou. (20) A coisa é esta: eles imaginaram que aquilo era realmente um romance e começaram a elogiá-lo antes de tempo. Quando viram que se tinham enganado, tiveram acanhamento de desdizer-se. Compreendo perfeitamente a situação deles e, para não entrarmos em dificuldades, não toco mais no assunto (C. 52, A Luís Augusto, 1931).

Este dado foi considerado estatisticamente insignificante, com $p\text{-valor} > 0.05$. Desse modo, apesar de ter um percentual de 100% de uso dos paradigmas de *tu*, não podemos afirmar que a carta remetida ao cunhado favoreceu o uso das formas do paradigma de *tu*. No entanto, em uma análise qualitativa não podemos desconsiderar a influência do tipo de relação existente entre os remetentes nesse uso, posto que, ao averiguarmos que se trata de uma relação simétrica, contexto no qual predomina o uso das formas do paradigma de *tu*, encontramos um condicionamento extralinguístico que influenciou o emprego do *te*.

A variação entre os pronomes do paradigma de *você* e o nulo, nas produções epistolares direcionadas a mãe, também foi considerada estatisticamente insignificante, com $p\text{-valor} > 0.05$. Nesse caso, aceitamos a hipótese nula e atribuímos essa variação ao acaso. No entanto, se estabelecermos uma comparação entre os pronomes objetos do paradigma de *você* e o de *tu*, concluímos que o tipo de relação de Graciliano Ramos com a mãe favoreceu, consideravelmente, o uso das formas do paradigma de *você* já que, nesse contexto, não foram encontrados usos dos pronomes objetos ligados ao *tu*.

A distribuição dos pronomes objetos nas cartas direcionadas ao pai, ao contrário das missivas remetidas à mãe, foi considerada estatisticamente significativa, com $p < 0.05$, mostrando um uso equilibrado entre as formas do paradigma de *você* e os nulos. No entanto, se compararmos o uso das estratégias de *você* com as do paradigma de *tu*, assim como na

interlocução com a mãe, percebemos que há um favorecimento das formas de *você*, posto que não houve registro das formas do paradigma de *tu* nessas missivas.

Constatamos, também, que a escolha pronominal de Graciliano ao se referir à Heloísa sofre alteração quando seu relacionamento com ela muda de namorado para cônjuge. Embora essa mudança de status não tenha modificado o relacionamento simétrico existente entre eles, as formas pronominais do paradigma de *tu*, que antes tinham uso majoritário, perdem lugar para as variantes de *você*, mostrando a concorrência entre as formas de *tu* e de *você* no mesmo contexto funcional. É importante ressaltar que a esposa, Heloísa Ramos, é a única interlocutora com a qual o *você* é empregado em contexto simétrico em todo *corpus*.

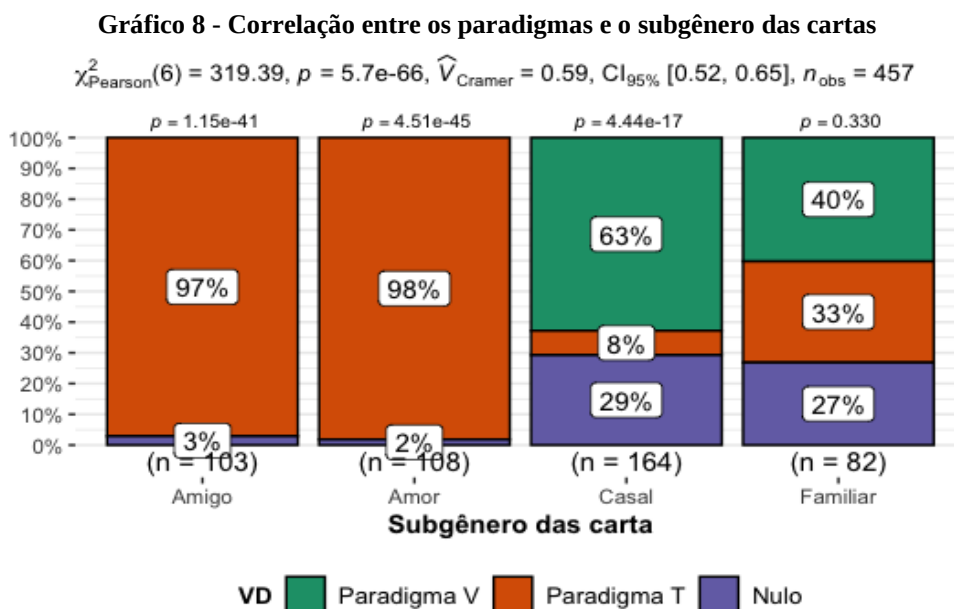
Desse modo, corroboramos nossa hipótese em dois pontos: (i) ao concluir que as interlocuções com o amigo, a namorada e as irmãs, nas quais haviam simetria entre os remetentes, favoreceram as formas do paradigma de *tu* e (ii) ao constatar que as cartas direcionadas ao pai e a mãe, interação assimétrica ascendente, favoreceram as formas do paradigma de *você*. A relação com a esposa, no entanto, desviou do resultado esperado, tendo em vista que, apesar da relação simétrica, as interações com Heloísa Ramos favoreceram mais as formas de *você*. As cartas enviadas ao filho também contrariam as expectativas, ao se mostrarem como contexto favorecedor das variantes do paradigma de *você*, apesar da relação assimétrica descendente existente ser um contexto propício ao uso das formas de *tu*. A interação com o cunhado foi inconclusiva, tendo em vista o pouco dado encontrado.

Em relação à variável subgênero da carta, buscamos verificar se esse grupo de fatores tem influência no emprego dos pronomes objetos de segunda pessoa e de que forma os subgêneros carta de amor, carta de amigo, carta de casal e carta de família condicionam o uso dessas variantes. Para tanto, partimos da premissa de que as cartas de amor favorecerão mais o uso das estratégias de *tu* devido ao seu caráter de maior intimidade, típica desse subgênero. Quanto ao subgênero carta de amigo e de casal, presumimos que favorecerá as formas referentes ao *tu*, enquanto as cartas de família favorecerão ligeiramente os pronomes objetos do paradigma de *você*.

Conforme gráfico 8, verificamos que as cartas de amigo e de amor obtiveram um índice semicategórico²⁶ de uso dos pronomes objetos do paradigma de *tu*, com 97% (n = 100) e 98% (n = 106), respectivamente, contra 3% (n = 03) e 2% (n = 02) de nulo. Nas produções epistolares de casal e de família, por sua vez, foi registrado um uso mais variado dos

²⁶ Segundo Labov (2003), há três tipos de regras linguísticas e elas são estabelecidas com base no percentual de frequência. Assim, diante de uma frequência de 100%, a regra é categórica, entre 95-99%, a regra é semicategórica e entre 5-95%, a regra é variável.

pronomes objetos de segunda pessoa. Na amostra do primeiro subgênero obtivemos uma frequência de 63% ($n = 103$) das formas de *você*, 29% ($n = 48$) da forma nula e apenas 8% ($n = 13$) das variantes de *tu*. No segundo subgênero contabilizamos 40% ($n = 33$) do emprego do paradigma de *você*, 33% ($n = 27$) do *tu* e 27% ($n = 22$) do nulo.



Fonte: elaborado pela autora, 2022.

Essa distribuição é considerada estatisticamente significativa, confirmada pelo resultado de qui-quadrado, no qual $X^2(6) = 319.39$ e $p < 0.001$, com associação média ($V^2 = 0.59$). Assim, descartamos a hipótese nula que relega essa variação ao acaso e aceitamos a alternativa de que essa variável tem efeito no fenômeno estudado, que o subgênero da carta pessoal interfere no uso das formas de segunda pessoa do singular na função de objeto.

As cartas de amor, dentre os quatro subgêneros analisados, foram as que mais favoreceram as variantes do paradigma de *tu*. Atribuímos tal resultado a convenção do discurso lírico-amoroso que elege as formas de *tu* para se referir à pessoa amada, como estratégia que marca maior intimidade entre os amantes (OLIVEIRA, 2014).

Por serem as cartas de amor espontâneas e se caracterizarem “pela grande intimidade na expressão dos sentimentos” (SOUZA; OLIVEIRA; LOPES, 2011, p. 08) e por estarem centradas na intimidade da relação com o outro, há essa necessidade de uma forma de referência ao interlocutor que simbolize essa proximidade, o que explica a preferência pelas formas variantes de *tu* ao invés das estratégias de *você*, que advindas do tratamento-fonte, *vossa mercê*, denotam maior distanciamento entre os interlocutores.

As cartas de amigo atuaram como um contexto favorecedor das estratégias de *tu*, sendo o segundo subgênero que mais favoreceu o paradigma do pronome conservador *tu*. Diferentemente do resultado da pesquisa de Oliveira (2014) que aponta as cartas de amigo como um contexto que foi favorável ao uso das formas de *você*, devido ao menor grau de intimidade entre os interlocutores.

Assim, adotamos como explicação para essa ocorrência nas cartas de Graciliano Ramos, o grau de intimidade entre o missivista e o interlocutor J. Pinto da Mota. Como podemos perceber nas cartas, os interlocutores são amigos e têm uma relação próxima e pessoal, notadas devido às temáticas bastante pessoais e até confidenciais que são abordadas nas missivas enviadas a J. Pinto. Essas características apontam para uma relação com um elevado grau de intimidade e certo nível de informalidade (MORENO FERNANDES, 1998 *apud* CONDE SILVESTRE, 2007) em alguns momentos, como podemos constatar no uso das expressões linguísticas mais coloquiais destacadas no trecho abaixo:

[...] Lembraste do que te disse eu durante o Natal? *Um bando de tolices*, muitas verdades. Eu, em meu Sudra, previ tudo. Uma pândega... Afinal falo friamente, não tenho a mania das perseguições, como Jesus... A propósito, a semana santa aqui foi uma desgraça, mas eu gostei dela. Acredito que, se cá estivesse, teria gostado igualmente. Muitas velhas na igreja, por toda a parte os escapulários vermelhos do Coração de Jesus. E que rezas! Que cantigas! Um horror. Fiz um caderno com trinta e seis cadernos de papel e estou a copiar tudo quanto fiz o ano passado. Ponho em ordem todas as minhas coisas, porque ando com um pressentimento ruim. Isto por aqui está *cada vez mais pau*. Se resolveres *mudar de pasto*, se tiveres saudades destes ares paulícos e resolveres refazer o espírito à luz benéfica de uns grandes olhos pretos e fabricar novos alexandrinos e fazer novas tolices, cá tens a mesma enxerga, as mesmas tiras de papel, os mesmos romances franceses e o amigo velho. Graciliano. (C. 11, À J. PINTO, 1914).

As produções epistolares de casal, por sua vez, atuaram como fator que mais favoreceu o uso dos pronomes objetos do paradigma de *você* e do nulo. As 13 ocorrências do paradigma de *tu* empregadas nesse subgênero foram encontradas entre as primeiras cartas escritas no ano de 1930, período de transição, que aponta o início da mudança pronominal na escrita de Graciliano Ramos, na qual sua preferência de paradigmas passa de *tu* para *você*.

A distribuição entre os paradigmas de *tu*, de *você* e do nulo no subgênero carta de família foi considerado estatisticamente não significativo, com $p\text{-valor} > 0.05$. Desse modo, falhamos em descartar a hipótese nula e aceitamos que o subgênero carta familiar não atuou como um fator condicionante no uso dos pronomes objetos de segunda pessoa.

Em suma, confirmamos nossas suposições iniciais de que as variantes do paradigma de *tu* seriam favorecidas pelas cartas de amor e de amigo e refutamos em dois pontos: (i) ao contrariar as expectativas de que as cartas de casal seriam um contexto favorecedor dos

pronomes objetos ligados ao conservador *tu* e (ii) ao acreditar que o subgênero carta familiar condicionaria a variação de segunda pessoa do singular na função objetiva e que seria um contexto favorável às formas referentes ao paradigma de *você*.

6. CONCLUSÃO

Abordar as cartas pessoais de Graciliano Ramos, com base nos pressupostos da sociolinguística histórica, permitiu-nos analisar uma amostra dos pronomes objetos de segunda pessoa do singular do português alagoano do século XX e compreender quais fatores sociolinguísticos condicionaram esse processo. Ao ter em vista a referida variação, retomamos o nosso objetivo geral e buscamos apontar quais as variáveis linguísticas e extralinguísticas que influenciaram no avanço das estratégias do paradigma de *você* e quais atuaram como contexto de resistência e favorecedoras das formas do paradigma de *tu*.

De modo geral, averiguamos que as variantes do paradigma de *tu* foram maioria nas cartas do século XX, no entanto, já havia um uso significativo dos pronomes objetos do paradigma de *você*, que constituíram a segunda estratégia mais presente nas produções epistolares do autor, seguida da forma nula. Assim, contrariando a aparente uniformidade linguística registrada no meio escrito, houve variação entre os pronomes objetos de segunda pessoa do singular nas cartas do alagoano, o que demonstra que, mesmo nas produções de um missivista ilustre, que tem o domínio dos modelos de escrita da época, a variação entre as formas pronominais de segunda pessoa do singular já era realidade.

No que diz respeito à distribuição dessas formas pronominais, constatamos que o clítico *te* foi a estratégia mais registrada do paradigma de *tu* e o clítico *lhe* foi a variante mais empregada do paradigma de *você*. Os sintagmas preposicionados tanto do paradigma de *tu*, *a/para ti*, quanto do paradigma de *você*, *a/para você*, tiveram poucos registros. Outra importante constatação é que a forma lexical *você*, como pronome objeto de segunda pessoa, foi mais usada como sintagma preposicionado do que como forma sem preposição.

Após a análise estatística dos fatores que influenciaram a variação no uso dos pronomes objetos de segunda pessoa, averiguamos que tanto as variáveis linguísticas, contexto social e subsistema tratamental na posição de sujeito, quanto às variáveis extralinguísticas, período, tipo de relação entre os remetentes, interlocutores e subgênero das cartas, foram estatisticamente significativas no fenômeno estudado. Dentre essas variáveis apenas alguns contextos específicos não foram considerados estatisticamente significativos, a saber, as missivas direcionadas a mãe e ao cunhado e o subgênero carta de família.

Em relação à variável contexto morfossintático, observamos que a entrada dos pronomes objetos do paradigma de *você* no português alagoano de Graciliano Ramos aconteceu de modo diferente a depender do contexto morfossintático usado, o que corrobora

com as afirmações postuladas pela literatura sociolinguística que aborda essa variável (PEREIRA, 2012; GALVES et al., 2016). Desse modo, identificamos que o dativo atuou como contexto favorecedor do uso das formas do paradigma de *você* e o acusativo como contexto de resistência ao pronome inovador *você*, posto que favoreceu as estratégias do *tu*.

No que diz respeito ao subsistema tratamental na posição de sujeito, constatamos que as cartas de *você* como sujeito exclusivo e as produções sem referência favoreceram o uso das variantes referentes ao paradigma de *você*. Enquanto a missiva de sujeito misto e as de *tu* exclusivo apresentaram-se como contexto propício ao uso das formas referente ao *tu*.

Atestamos, também, que, nas cartas do ilustre alagoano, é mantida a uniformidade tratamental prescrita pela gramática tradicional do século XX e compreendemos que o que levou o autor a aderir a essa tradição gramatical foi o seu perfil linguístico, metódico, formal e reflexivo quanto a sua escrita. Vale ressaltar, ainda, que essa conclusão só foi possível devido à reconstrução social e histórica da vida do ilustre alagoano, possibilitada pela disciplina História Social, que auxilia o pesquisador, em sociolinguística histórica, a compreender o contexto sócio-histórico no qual os informantes estavam inseridos.

Outra importante constatação dessa pesquisa é que o período foi um fator bastante relevante no uso dos pronomes objetos de segunda pessoa do singular, posto que, dentre as variáveis analisadas, foi a que obteve o maior nível de associação, $V^2 = 0.80$. Assim, com base nos resultados da análise, concluímos que a década de 1930 foi crucial para o aumento do uso das estratégias de *você* e da forma nula e para a decaída do percentual de uso das formas de *tu*, que, no início do século, tinha uso majoritário. Atribuímos essa mudança linguística das escolhas pronominais de Graciliano Ramos à implementação da forma *você* como pronome sujeito no português brasileiro que também ocorreu em 1930 (RUMEU, 2012; 2019) impulsionando o uso dos pronomes objetos relacionados ao *você*.

No que concerne a relação interpessoal de Graciliano Ramos com os interlocutores, constatamos que as relações assimétricas, ascendente e descendente, atuaram como contexto favorecedor das formas do paradigma de *você* como comprovamos nas cartas direcionadas ao pai, a mãe e ao filho. As relações simétricas, por sua vez, são favoráveis ao uso das formas do paradigma de *tu*, como verificamos nas cartas remetidas ao amigo, às irmãs e à namorada. No entanto, também houve o emprego das estratégias de *você* nas cartas enviadas à esposa, único contexto simétrico que as formas de *você* foram usadas, o que demonstra uma mudança na carga semântica dos pronomes objetos do paradigma de *você* que, a princípio, devido à sua relação com a forma de tratamento *vossa mercê*, estava atrelado a contextos de poder (BROWN; GILMAN, 1960).

Quanto ao subgênero, averiguamos que, nas missivas do escritor do século XX, as formas de *tu* ainda são mais empregadas em produções epistolares de caráter íntimo e pessoal, como nas cartas de amor e de amigo. Entretanto, já havia indícios do uso das estratégias de *você* nesse contexto, como registrado nas cartas de casal, o que demonstra um comportamento inovador de Graciliano Ramos ao usar o *você* em contextos solidários.

Desse modo, reafirmamos a importância de distinguir carta de casal e carta de amor, visto que, apesar das duas serem caracterizadas como íntimas e pessoais, o subgênero carta de casal apresenta não apenas um propósito comunicativo distinto das cartas de amor, mas, também, se diferencia dessa ao apresentar um comportamento linguístico, no qual prevalece o uso das formas do paradigma de *você*. Enquanto as cartas de amor, marcadas pelo discurso lírico-amoroso, elegem as variantes referentes ao *tu* como forma pronominal de maior intimidade, revelando algumas especificidades nos modos de dizer de cada subgênero.

Por fim, inferimos que, apesar de Graciliano Ramos ser conservador ao manter a uniformidade tratamental prescrita pela tradição gramatical do século XX, o autor demonstra um comportamento linguístico inovador ao usar formas do paradigma de *você* em contextos simétricos e em produções epistolares íntimas e pessoais. Indícios de um processo de dessemantização das estratégias de *você* que estava ligada a contextos mais formais e impessoais, resquícios do seu tratamento fonte *vossa mercê*, e começa a assumir o domínio da solidariedade na variedade alagoana do autor.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 46.ed. São Paulo. Saraiva. 2009.

BASSO, Jorge Garcia. O artesanato da palavra: Graciliano Ramos, literatura, educação e resistência. 2010. Dissertação de mestrado em educação: história, política, sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/10784/1/Jorge%20Garcia%20Basso.pdf> . Acesso em: 10 Out, 2022.

Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. ISBN 978-85-209-3049-6

BERGS, Alexander. **Social network and historical sociolinguistics**: studies in morphosyntactic variation in the paston letter. 2005. 1421- 1503, ISBN 3-11-018310-2.

BERGS, Alexander. The Uniformitarian Principle and the Risk of Anachronisms in Language and Social History. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; CONDE SILVESTRE, Juan Camilo (org). **The Handbook of Historical Sociolinguistics**. 2012, ISBN 978-1-4051-9068-8.

BORGES, Juliana Marítimo. Um estudo descritivo-analítico da gramática metódica da língua portuguesa e do dicionário de questões vernáculas de Napoleão Mendes de Almeida. Mestrado em Língua Portuguesa. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2008.

BROWN, Roger.; GILMAN, Albert. **The pronouns of power and solidarity**. In: SEBEOK, T. (Ed.). *Style in language*. Cambridge: MIT Press, 1960. p.253-276.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. 1. Ed., 3ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2014. ISBN 978-85-7244-462-0

CONDE SILVESTRE, Juan Camilo. **Sociolinguística Histórica**. Madrid, editorial gredos, 2007. INSB: 978-84-249-2863-6.

CONDE SILVESTRE, Juan Camilo. Sociolinguística Histórica, Tratamento de Corpora e História do Português Brasileiro (*lecture*). evento online da ABRALIN. 07 de Dez, 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XNURqBzezLA&t=3588s&ab_channel=Abralin. Acesso em: 08 de julho, 2021.

DUARTE, Inês. Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras. In: MATEUS, M. H. M. et al.: **Gramática da língua portuguesa**, 5ª ed, Lisboa, Caminho, 2003, 275-320.

ELPASS, Sthephan. The Use of Private Letters and Diaries in Sociolinguistic Investigation. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; CONDE SILVESTRE, Juan Camilo (org). **The Handbook of Historical Sociolinguistics**. 2012. ISBN 978-1-4051-9068-8.

FIGUEIREDO, Raissa. A Alternância “Tu” e “Você” em Cartas Familiares e Amorasas Novecentistas. 2013. Monografia apresentada ao colegiado de graduação em letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/profs/marciarumeu/FIGUEIREDO2013PDF.pdf. Acesso em: 15 de março, 2021.

GALVES, Charlotte. Morfossintaxe e Uso dos Pronomes Pessoais na Sincronia e na Diacronia do Português Brasileiro. In: **Rumos da linguística brasileira no século XXI : historiografia, gramática e ensino** / Lucrécio Araújo de Sá Júnior, Marco Antônio Martins (org.). – São Paulo: Blucher, 2016.

GOMES, Valéria Severina. Tradição e Variação dos Modos de Dizer das Cartas de Casais do Litoral e do Sertão Pernambucano (*lecture*), evento online do XI Encontro de sociolinguística: A Sociolinguística no Nordeste. 02 de Dez, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7j4XUTlwjfo&ab_channel=EncontrodeSociolingu%C3%ADstica. Acesso em: 02 de Dez, 2021.

GRIES, Stepan Thomas. **Estatística com R para a Linguística: uma introdução prática**. MELLO, Heliana R. (org.); MELLO, Heliana R. et al (Trad). – Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2019.

GRUPO EDITORIAL RECORD. **Graciliano Ramos**: site oficial do escritor Graciliano Ramos. 2019. Disponível em: <https://graciliano.com.br/>. Acesso em: 19 de julho, 2021.

HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; SCHILLING, Natalie. The Application of the Quantitative Paradigm to Historical Sociolinguistics: Problems with the Generalizability Principle. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; CONDE SILVESTRE, Juan Camilo (org). **The Handbook of Historical Sociolinguistics**. 2012, ISBN 978-1-4051-9068-8.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**/William Labov; tradução Marcos Bagno, Maria Marta Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. – São Paulo, parábola Editorial, 2008 [1972].

LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49. ed. Rio de janeiro: José Olympio, 2011. INSB 978-85-03-01022-1.

LOPES, Célia Regina dos Santos et al. A reorganização no sistema pronominal de 2a. pessoa na história do português brasileiro: outras relações gramaticais. In: LOPES, C. R. dos S. (Coord.). **História do português brasileiro**: Mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista. São Paulo, Contexto. 2018. v. IV.

LOPES, Célia Regina dos Santos. Sociolinguística Histórica no Brasil: Caminhos e desafios (*lecture*). evento online da ABRALIN. 18 de Julho, 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nE4i53QDacE&t=299s&ab_channel=Abralin. Acesso em: 08 de julho, 2021.

LOPES, Célia Regina dos Santos; CAVALCANTE, Silvia Regina de Oliveira. A cronologia do voçamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te. *Revista Lingüística*, Madrid, v.25, 2011. Disponível em: http://mundoalfal.org/sites/default/files/revista/25_linguistica_030_065.pdf. Acesso em: 20 de julho, 2021.

LOPES, Célia Regina dos Santos. Pronomes pessoais. In: Silvia Figueiredo Brandão e Silvia Rodrigues Vieira. (Org.). **Ensino de gramática: descrição e uso**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2007, v. 1, p. 103-114.

LOPES, Célia Regina dos Santos. De Vossa Mercê a você: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. In: Silvia Figueiredo Brandão; Maria Antónia Mota. (Org.). **Análise contrastiva de variedades do português: primeiros estudos**. I ed. Rio de Janeiro, 2003, v. I, p. 61-76.

MILLAR, Robert McColl. Social History and the Sociology of Language. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; CONDE SILVESTRE, Juan Camilo (org). **The Handbook of Historical Sociolinguistics**. 2012, ISBN 978-1-4051-9068-8.

MORAES, Dênis de. **O Velho graça: uma biografia de Graciliano Ramos**. - [1.ed., rev. e ampl.] - São Paulo : Boitempo, 2012. ISBN 978-85-7559-292-2.

OLIVEIRA, Thiago Laurentino de. Entre o Linguístico e o Social: Complementos Dativos de 2ª pessoa em Cartas Cariocas (1880-1980). Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2014.

PEREIRA, Rachel de Oliveira. O tratamento em cartas amorosas e familiares da Família Penna: um estudo diacrônico. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2012.

PERES, Edenize Ponzo. O uso de você, ocê e cê em Belo Horizonte: um estudo em tempo aparente e em tempo real. 2006. Tese de doutorado em Letras: Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LHAM-6N6HVT>. Acesso em: 08 fev, 2020.

PETTICREW, Mark; ROBERTS, Hellen. **Systematic Reviews in the social Sciences: A Practical Guide**. Blackwell Publishing Ltd, 2006. Disponível em: <https://fcsalud.ua.es/en/portal-de-investigacion/documentos/tools-for-the-bibliographic-research/guide-of-systematic-reviews-in-social-sciences.pdf>. Acesso em: 15 de março, 2021.

RAMOS, Graciliano. **Cartas**. 8º ed. – Rio de Janeiro: Record, 2011. ISBN 978-85-01-01708-

RITTER, Matias do Nascimento; THEY, Ng Haig; KONZEN, Enéas. Introdução ao software estatístico R. Apostila da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Imbé, 2019.

Disponível em:

https://professor.ufrgs.br/sites/default/files/matiasritter/files/apostila_introducao_ao_r_-_ritter_they_and_konzen.pdf. Acesso em: 26 de julho, 2021.

ROMAINE, Suzanne. **Socio-Historical Linguistics: its Status and Methodology**. Cambridge University Press. New York, 1982.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. A inserção do ‘você’ no português brasileiro oitocentista e novecentista: reflexos de uma mudança linguística socialmente encaixada. *Linguística* [online] . 2012. vol.28, n.1, pp.147-190. ISSN 2079-312X. Disponível em:

http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2079-312X2012000100009&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 25 de Julho, 2021.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. As relações de poder e de solidariedade na sociedade carioca dos séculos XVIII e XIX. *Língua: Todas as Letras* [online], v. 13, n. 2, 2011.

Disponível em:

http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/profs/marciarumeu/Rumeu2011TodasasLetrasR.pdf. Acesso em: 17 de maio, 2022.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. A inserção do ‘você’ no português brasileiro escrito dos séculos XIX e XX: reflexões nas construções imperativas de 2SG. *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, 5 (Especial), 2019. Disponível em:

<https://revistas.ufrj.br/index.php/lh/article/view/24395>. Acesso em: 29 de julho, 2021.

SANTIAGO, Silviano. Mestre Graça não é piedade. **O Globo**, 20 de Julho de 2013, Caderno Prosa. Disponível em: <https://graciliano.com.br/2013/07/mestre-graca-nao-e-piedade/>. Acesso em: 19 de Maio, 2022.

SCHNEIDER, Edgar W. Investigating Variation and Change in Written Documents. In: CHAMBERS, J.K; TRUDGILL, Peter; SCHILLING-ESTES (ORG). **The Handbook of Language Variation and Change**. serie IV. 2002.

SILVA, Aldeir Gomes da. Os subgêneros da carta pessoal em correspondências pernambucanas do século XX. Dissertação de Mestrado em linguística. Programa de Pós Graduação em Letras; UFPE. Recife, 2018.

SILVA, Érica Nascimento. Cartas amorosas de 1930: o tratamento e o perfil sociolinguístico de um casal não ilustre. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2012.

SILVA, Lécia de Almeida Pena. O uso das formas você/cê no português popular de feira de Santana. Seminário de iniciação científica da UEFS. 2012. Disponível em:

<http://www.xvisemic.esy.es/arquivos/sessao-ii/lecia-de-almeida-pena-silva.pdf>. Acesso em: 05 de Fev. 2018.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. Um estudo sobre o gênero carta pessoal: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita de textos. Tese de doutorado (Estudos Linguísticos (Letras)) – UFMG, Belo Horizonte, 2002

SILVA, Thaissa Frota Texeira de Araujo; LOPES, Célia Regina dos Santos. Uma análise diacrônica das variantes oblíquas de segunda pessoa do singular em cartas pessoais. Revista A Cor das Letras. Feira de Santana, v. 22, n. 1, p. 327-351, 2021. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/6333/6074>. Acesso em: 07 de Maio, 2022.

SOUZA, Janaina Pedreira Fernandes. Mapeando a entrada do você no quadro pronominal: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2012. Disponível em: <https://laborhistorico.letras.ufrj.br/Mestrado/SouzaJPF.pdf>. Acesso em: 17 de março, 2021.

SOUZA, Camila Duarte de; OLIVEIRA, Thiago Laurentino de; LOPES, Célia Regina dos Santos. O Tratamento Pronominal de 2ª Pessoa e as Formas Alternantes Oblíquas: Analisando a Variação Linguística em Cartas Pessoais dos Séculos XIX-XX. In: VI Simpósio Internacional de Estudos dos Gêneros Textuais, 2011, Natal.

SOUZA, Camila Duarte de. Eu te amo, eu lhe adoro, eu quero você: a variação das formas de acusativo de 2ª pessoa em cartas pessoais (1880-1980). Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2014.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos Empíricos Para uma Teoria da Mudança Linguística**. Tradução: Marcos Bagno; revisão técnica Carlos Alberto Faraco; posfácio Maria da Conceição A. de Paiva, Maria Eugênia Lamoglia Duarte. - São Paulo: Parábola Editorial, 2006.